



COMISSÃO ESTADUAL DA
**MEMÓRIA
E VERDADE**
DOM HELDER CÂMARA

**TRANSCRIÇÃO DA SESSÃO RESERVADA REALIZADA EM
31/01/2013**

LOCAL : SALA DO CONSELHO DA FUNDAJ

DEPOENTE:

CLAÚDIO GUERRA

00:08 – FERNANDO COELHO – Peço aos membros da Comissão que tomem assento nas bancadas. Como a sessão é reservada, peço que aqueles que não integram a Comissão, ou foram convocados, que se retirem do recinto. Eu convido o Dr. Perly Cipriano a tomar assento aqui também na mesa, e participar nos ajudando nos trabalhos. Havendo número legal, eu declaro aberta a sessão, que é destinada à Comissão ouvir o doutor bacharel Cláudio Guerra. Serão inicialmente chamados a fazer as suas indagações e observações os relatores dos processos que justificaram, inclusive, a convocação do doutor Cláudio Guerra. O depoente, inclusive, como bacharel em Direito, advogado e pessoa experiente, que já, inclusive, teve oportunidade de prestar depoimento perante mais de uma Comissão da Verdade da Memória, está perfeitamente ciente dos direitos e garantias que lhes são asseguradas e mantidas também por esta Comissão. Para falar, eu concedo a palavra, inicialmente, ao doutor Manoel Moraes, um dos relatores dos processos em exame.

02:57 – MANOEL MORAES – Cláudio, bom dia, queria agradecer, como já disse a palavra do doutor Fernando, a sua presença e nós, como o senhor sabe, nós estamos em uma sessão de um legado histórico que é a Comissão da Verdade. E nós conseguimos através do doutor Perli Cipriano, que está presente – queria também agradecer a presença de Perli – entrar em contato com o senhor, nesse legado histórico de resgate da memória da verdade. Então, nós vamos fazer perguntas ao senhor, em módulos – nós temos vários relatores de casos dos quais o senhor relata ter participado, inclusive, da execução -, então nós gostaríamos de fazer perguntas mais pontuais. E, se possível, que o senhor pudesse aprofundar, além da literatura e dos depoimentos que já recebemos. Para o senhor ter ciência, nós recebemos todos os depoimentos que o senhor prestou, tanto em sede do Ministério Público Federal, como também na Comissão Nacional da Verdade, e na literatura que o senhor escreveu “Memórias de Uma Guerra Suja”. Então nós queríamos dar ao senhor um tempo, né? Que o senhor pudesse fazer uma abordagem a partir desse momento histórico, desse lugar que o senhor está, né? Para...como colaborador, o senhor se coloca neste momento, e, a partir dessa sua fala, nós faremos as perguntas e, a partir dessas perguntas, as suas respostas. Em um certo momento nós vamos projetar algumas imagens para também tentar conseguir do senhor outras informações e identificações sobre pessoas que, aqui no Estado, tem praticado tortura que, ao nosso ver, na perspectiva internacional, são crimes imprescritíveis que precisam ser investigados à luz da memória e da verdade, tá? Muito obrigado, doutor Cláudio Guerra.

04:46 – ROBERTO FRANCA – Manoel, pela ordem, só uma pequena referência: é claro que o depoente é livre nessas exposições iniciais, sem nenhum problema, apenas que queria só reforçar que, para que nós possamos ser mais objetivos, se fosse possível, não necessariamente agora, mas que focassem especificamente mais as questões voltadas para o estado de Pernambuco, porque nós não temos essa veleidade de analisar todas as questões que foram colocadas, pelo senhor e depoimentos. De forma que nós estamos muito focados em casos de identificação de pernambucanos, que morreram aqui ou em outros estados, mas para que a gente não cansasse o depoente em declarações que ele já fez, sobre realidades que estão sendo apuradas por outras Comissões.

05:44 – CLÁUDIO GUERRA – Pois não. Primeiro, eu quero cumprimentar a todos. Estou aqui da mesma maneira que os senhores estão. Buscando a verdade. Venho trazer a minha...o que eu sei. É uma história, como eu estava falando, triste. É uma história que aos próprios

familiares choca, para os meus familiares. Mas eu tenho hoje, como um cristão, eu tenho o dever de falar o que eu sei. É...como que eu resolvi falar? Eu estava preso, e, desde 2005, numa penitenciária, e ali eu tive conta...eu mudei o meu modo de pensar. Não...nesse momento eu seria hipócrita em dizer que aquele sentimento que eu tinha antes como comunista tinha acabado ali, mas não tinha acabado. Mas tinha já o arrependimento. Não do que tinha feito, sabe? Eu sabia que tava errado. Porque teve pessoas ali, visionários, que foram falar de Jesus pra mim, então, eu vi que eles...eu achava que eu não tinha jeito, que eu já ia morrer ali, que tava condenado, e acabou. Não. Ali eu aprendi que ainda podia fazer alguma coisa. Dois mil e nove, quatro anos depois, eu pedi ao senhor Perli que fosse até o presídio onde eu estava, que eu queria conversar com ele...ele foi usado um saudoso advogado lá da região, que faleceu, pra poder procurar o Perli. E o Perli, ele sabia alguma coisa de mim, não do que eu ... ele nos relatórios dele, ele punha assim...eu sabia, né, Perli? Homem sombrio, tal, porque eu era um delegado considerado violento, fazia...acusado de chefiar grupos de extermínios no estado, um monte...uma história bem suja, mesmo. Chamei o Perli e falei pra ele “Ó, Perli, eu estou disposto a falar. Não quero...não é troca nenhuma, só que o lugar onde eu estou, eu corro um sério risco, se eu falar alguma coisa, eu vou ser eliminado”, é a lei da cadeia, eles têm isso. Inclusive eu fiquei perante os conhecidos meus do passado, como um dedo-duro, que to entregando eles, eu não estou entregando ninguém, eu falei o que eu fiz. Você pode ver que o livro foi escrito na primeira pessoa, eu, né? Mas eles se sentiram traídos, principalmente, os maçons. Para eles eu sou um traidor lá na minha região. (...) Conteí a história para o Perli, mudei algumas coisas, não tudo, mas ele viu consistência naquilo. Eu me comprometi com ele que quando saísse dali que eu fosse para um lugar onde eu tivesse mais segurança, eu falaria, E sai...eu procurei quem? Um repórter também, que foi uma das pessoas que mais me acusou quando eu estava na função policial, mas sabia da lisura dele e da honestidade, que é o Rogério Medeiros. E quando eu falei, ele assustou, né? Que ele também não sabia, sabia do Cláudio Guerra acusado de grupos de extermínio, de policial que exorbitou, e matava para as elites, mas não sabia da realidade. Quando ele soube, ele falou “Ó Guerra, eu quero...vamos fazer um livro! Mas você tem de falar tudo, metade não interessa!”. Ai começou. Esse daí durou de início de 2010 até abril do ano passado, quando o livro foi lançado. Então foi um período muito grande de convencimento da minha pessoa, eles me convenceram. Porque chegavam ponto em que eu falava “Isso ai eu não vou falar!”, ele falou “Se não falar tudo, o livro não coisa...”. Foi...e está...o que está no livro aqui, é realidade. Tem algumas coisas que o repórter, o escritor não está fidedignamente como eu falei, tem algumas coisas que aqui precisamos, né? Esclarecer para a Comissão, e, igual o senhor falou, eu vou me...durante... o que eu tenho aqui, eu vou me restringir aos dois fatos de pessoas que envolve aqui, o caso de Pernambuco. Um, é isso que eu gostaria que ficasse bem claro, eu estive aqui, no ano de 73, acho que é 73 mesmo, e encarregado de eliminar uma pessoa. É...eu sai do Rio, num vôo normal, desembarquei no aeroporto, foi me buscar no aeroporto um policial. Eu, até hoje, eu tava falando essa dúvida minha para o Perli: se é o Miranda, se é o Obidará, é um nome assim, né? Um dos dois. (...) Ou o Miranda, porque eu confundi, porque os dois eram ...tinha ligações. E levado até o doutor Silvestre, o delegado. Ali eu recebi uma arma, uma pistola 45, e fui levado a um bairro, o ...aqui em Recife, um local. Eu não sei falar “bairro tal”, num sei, que eu não conheço o Recife. E, nesse lugar, me mostraram... essa pessoa que tava me acompanhando, tinha mais um carro de cobertura, ...”olha, aquele ali! É altamente perigoso!”. Eu passei por essa pessoa, caminhei normal, passei, e atirei nas costas dele. O mesmo procedimento. Voltamos, sentamos, conversamos, ai almocei com o delegado Silvestre. Ele contando...faz como... “esses comunistas

aí que morreram (...) Você vê, explodiram uma bomba aí, quase morri!”...entendeu? Ele dizendo, são as palavras dele. Hoje, com as divergências...aí não falei quem tinha morrido ali, eu não sei...quem escreveu, Manuel Aleixo, que seria a pessoa, quem chegou a essa conclusão foram os repórteres, mas não era também não é que inventaram, não. Porque eu fui encarregado de fazer duas execuções lá em São Paulo. No bairro Moema. E seriam dois jovens daqui do estado, que teriam sido presos na mesma operação pelo Silvestre, e o Coronel Fleury, doutor Fleury. Entendeu? É uma operação que vieram...fez aqui, era ...E nessa operação teria sido pego não só esses dois, que eu sou o autor dos tiros lá em São Paulo, e esse daqui seria eu mesmo também. Isso aí foi a conclusão que os escritores do livro chegaram, por causa do que houve. Então eu ouvi algumas críticas de pessoas aqui do estado que “olha ...o Aleixo morreu foi espancado...”. Eu esclareço para a Comissão o seguinte, a mente que estava por trás, o esquema que estava por trás, pode ter muito bem ter feito o mesmo que fizeram comigo lá em São Paulo, porque aqueles dois que morreram ali, o que é que era pra fazer...o que é que era...aconteceu? (Me) desloquei do Rio, e em São Paulo, o policial Fininho que trabalha...que era da equipe do Fleury, saiu comigo para poder me levar no Lago Moema. A estória passada pra mim “Olha, são dois elementos perigosíssimos, guerrilheiros vindos – me falaram, parece que é de Cuba -, treinados em Cuba e tal, eles vão se encontrar. Não pode ter oportunidade de resistência porque se não são vocês que vão correr riscos”. Nós estávamos em três, mais o Fininho, de cobertura, e mais um carro que ficava para poder ‘plantar a notícia’, pra desviar a veracidade. Esses dois também são daqui. Então, por isso que chegou, os escritores do livro chegaram à conclusão que era o Aleixo, por causa desses dois que foram feitos aqui, que foi feita essa cena. Essa cena que montou que eu fiz parte dela, sem saber, a gente não sabia, eram compartimentadas as coisas. Eu não sabia que eu estava dando tiros em duas pessoas que estavam presas. Eles soltaram ali. É a dedução, já falei isso para a Comissão. Eles devem ter soltado esses dois jovens ali, ...eles não sabiam nem para onde ir. Quando eu cheguei que ele mostrou pra mim que não sabia que eles estavam presos e eles puseram ali pra formar aquela cena, eu acreditei que eles estava ali pra encontrar e que estavam fugindo. Fiz a execução, ...Por isso que chegou-se à dedução de que a pessoa que eu teria executado aqui em Recife, seria o Aleixo. É...tem parece também que é aqui da região, esse aí não foi execução minha, mas eu levei para cremar. Não executei. Era da...parece que era o Santa Clara, né? Santa Cruz, perdão, Santa Cruz. Os familiares querem saber assim quem ...eu posso dizer quem foi que torturou eles até a morte.

17:09 – ROBERTO FRANCA – Desculpe, doutor Cláudio...fica aberto...é porque ele já está entrando, sugerindo outros fatos, se a gente pudesse esclarecer um pouco mais, essas duas pessoas que foram mortas no Rio, ...em São Paulo, têm a ver com Manoel Aleixo, alguma coisa assim? Pra situar um pouco ele nesse contexto...

17:32 – MANOEL MORAES – Já que ele entrou na questão de Manoel Aleixo, tem uma foto projetada da equipe aqui de Recife. Não se ele já poderia entrar, ou Socorro já queria falar sobre a questão de Manoel Aleixo. (...) Dra Socorro é relatora do caso.

17:50 – SOCORRO FERRAZ – Eu prefiro que ele termine toda a sua fala, e depois quando ele terminar, nós vamos ... devermos seguir o roteiro, que ele seguiu.

18:01 – ROBERTO FRANCA – Eu só queria saber de Manoel se ...ele tem um fato aqui em Recife e dois em São Paulo. Se já se tem a identificação eventual dos dois que pudesse...já a gente situar, porque senão ele já vai passar para outra...assim, o caso de Fernando.

18:15 – CLÁUDIO GUERRA – Não , eu só, como se falou, eu vou me restringir a esclarecer para a Comissão os fatos, daqui do Pernambuco; então esses fatos que eu narrei todos têm relação a Pernambuco.

18:28 – NADJA BRAYNER – Porque eles são pernambucanos.

18:28 – ROBERTO FRANCA – Perfeito.

18:31 – MANOEL MORAES – Cláudio , me diga uma coisa, voltando como Dra Socorro propõe, então, ao roteiro que nós projetamos. Qual é o seu papel dentro do SNI, com o é que o senhor se localiza nesse lugar? Como é que o senhor se integrou no Sistema Nacional de Informação? Serviço...

18:47 – CLÁUDIO GUERRA – Pois não. Vamos resumir, porque senão é grande a estória.como que eu fui parar clandestinamente no SNI... O procurador geral da República, Geraldo Abreu, do Espírito Santo, ele me chamou no gabinete dela, na Procuradoria, tinha um Coronel Perdigão, que é Fred Perdigão, e o Comandante Vieira, que é do CNEMAR. E ali eu fui recrutado ...eu era delegado, fui recrutado para poder passar a prestar serviço ao SNI, mesmo na função de delegado. Qual era o meu papel inicial dentro do SNI, era de executor, mas sem saber quem tava executando, sem saber por quê, não tinha ainda conhecimento de nada. Era apenas “Olha, você é um patriota, é uma guerra, você precisa disso...”, eu tinha ...eu servi ao Exército, aquele negócio todo, e eu tinha, na realidade, eu tinha, tenho de falar a verdade, eu tinha bronca da esquerda, porque lá em Minas, eu fui...era oficial de justiça, fui fazer um ...cumprir um mandado judicial, de invasor, o Chicão, lá de Valadares, que comandava essa invasão. Ele tava sendo usado, embora fosse um...tinha o nome da esquerda, mas atingia a pessoas também, fazendeiros. E tinha interesses de fazendeiros. Então, esses fazendeiros ali, achando que eu tinha me exorbitado, porque tinha usado a força policial para tirar os invasores, mandaram me matar. Eu...isso foi nos Finados de 64, 65, ou 66, eu tinha nascido o primeiro filho. É...eu tinha, era um Finados, eu tinha saído, deixado um primo meu, muito parecido comigo, tomando conta da minha casa. Meu primo, solteiro, saiu, quando vai chegando na porta, acharam que era eu, mataram. Aí, veio, eu já tinha um ensinamento anticomunista, aí veio uma razão pessoal. E, ali foi que eu comecei, ali foi que começou. Eles aproveitando esse sentimento meu, passaram a me usar. Eu não to me redimindo não, de culpa, eu sou culpado, não é pedir...”Olha eu to arrependido, quero perdão...”, não tem, não tem perdão. Nós temos o perdão de Deus, é o que busco, né? Que Deus me perdoe, que eu possa almejar a salvação, isso que eu busco hoje. Inicialmente, respondendo, executor. Cresci dentro da organização, da coisa, porque eu tinha uma capacidade, eles me treinaram bastante, passei por vários cursos, fui ensinado a mexer com explosivos, saber operar explosivos, e também o Exército Brasileiro, o SNI, como a Marinha, eles não sabiam trabalhar, eles não tinham experiência policial, e nós tínhamos. Então por isso que nós fomos usados. Dali, como eu cresci, porque as equipes militares estavam fazendo muita besteira, e nós, com sutilidade, já que ...você pode ver que todos nós que se servimos ao SNI, nós passamos por delegacias de furtos e roubos. Silvestre aqui passou. O Fleury lá passou. Eu passei, o delegado do Paraná passou. Então, todos nós sabíamos mexer, sabíamos como fazer investigação, sabíamos como fazer uma campana e sabíamos executar sem deixar vestígios. Então era essa... por isso, nós fomos usados.

23:09 – MANOEL MORAES – Cláudio, você inclusive, no livro, e em vários outros depoimentos ao Ministério Público, você falou da questão de que o senhor levou corpos. O

senhor foi executor em vários estados, o senhor cita Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, e que alguns desses corpos foram levados a cemitérios clandestinos. Como foram constituídos esses cemitérios clandestinos? O senhor teria alguma informação? E se aqui em Recife também teria tido algum cemitério clandestino?

23:38 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, é...eu tava até falando para o Perli, ainda a pouco. Tinha um cidadão aqui de Recife, chamado...ele conhecia muito, sabia onde tinha cemitério aqui. Mas ele fal...quando eu estava preso, parece que ele faleceu. É um cidadão que era muito ligado aos ministros lá em Brasília, ...

24:12 – MANOEL MORAES – O senhor lembra o nome dele?

24:13 – CLÁUDIO GUERRA – Eu queria deixar esse nome dele pra falar reservadamente. Porque ele é ligado a políticos daqui. Depois eu posso passar isso reservadamente, porque eu não quero falar o nome de uma pessoa que vai envolver pessoas inocentes. Porque, com certeza, essas pessoas que ele, que eram ligadas a ele, não sabem desse passado. Eu creio que não. Porque são pessoas de hoje, são de partidos considerados de esquerda, então eu acho que eles não iriam acobertar uma pessoa dessa. Se os senhores quiserem que fale o nome dele, eu posso falar ...

24:58 – MANOEL MORAES – Eu insistiria que o senhor falasse, porque a sessão já é restrita...

25:00 – CLÁUDIO GUERRA – Marinho...Marinho. Só sei o nome dele, Marinho, e sei a indicação é que ele tinha perdido a perna num acidente. A última conversa que eu tive com ele foi em 2005.

25:16 – MANOEL MORAES – Marinho? Ele seria agente infiltrado, é?

25:19 – CLÁUDIO GUERRA – Não, ele seria o cara encarregado de enterra muita gente aqui.

25:22 – MANOEL MORAES – Sei...e qual a ligação dele com a esquerda, que o senhor ...

25:26 – CLÁUDIO GUERRA – Ele trabalhava ...então, vamos falar, né? Ele era um homem de confiança do Paulo...do PMDB, ele foi senador pelo PMDB, eu acho que ele tá sem coisa agora...e ...Paulo Lustosa...é, ele é do Ceará, mas ai, mas ele mora aqui em Recife, o ...morava, né? O Marinho. Mas ele teve o acidente, quem prestou todo auxílio a ele foi o Paulo Lustosa, na época. Ele foi operado, sobreviveu, mas ele era a pessoa que enterrou pessoas aqui.

26:30 – MANOEL MORAES – Vocês tinham informações sobre esses cemitérios, sabiam ...

26:35 – CLÁUDIO GUERRA – Daqui eu não sei, eu tenho informações, inclusive, eu estou esperando na Comissão Nacional, a gente sair pra poder ir verificar, eu passei essa informação para a Comissão lá, o ...existia um barco da Marinha, que levava também para jogar em alto mar. O sargento que era tripulante, ...

26:59 – MANOEL MORAES – Na Baía da Guanabara, né?

26:59 – CLÁUDIO GUERRA – Na Baía de Guanabara...que era tripulante desse barco, tá doente. O Neto, que hoje eu conheço, mora no Espírito Santo, tá disposto a falar e mostrar o

cemitério, Perli, lá de Petrópolis. Um cemitério que tem em Petrópolis, ele tava disposto a ir mostrar, só que já passei isso para a Comissão, não foram até hoje.

27:26 – MANOEL MORAES – O senhor pode dizer o nome dele?

27:27 – CLÁUDIO GUERRA – O sargento...eu tenho isso tudo anotado, não...porque eu achei que nós íamos ficar mais aqui, eu não ... a mente de velho já não guarda tanto assim, então eu anoto...

27:41 – MANOEL MORAES – É porque...essa sua operação de eliminação de corpos da Baía da Guanabara, podem ter sido eliminados corpos de pernambucanos, supostamente, é por isso que a gente precisa saber ...existia uma triagem? Quais eram os corpos que eram enterrados, quais eram os corpos que iam para a Usina, para o incineramento, quais os corpos... existia ...quem decidia isso?

28:03 – CLÁUDIO GUERRA – A separação era assim, não deixa eu situar para vocês entenderem: da casa da morte, ali, era ...quem comandava a casa da morte era o doutor Pablo, e o Coronel Perdigão, eram dois que comandavam. Doutor Pablo, era o Coronel Malhães, Pablo Malhães, e o outro tinha o codinome de doutor Flávio, mas era o Coronel Fred Perdigão. E mesmo ali, só para vocês entenderem, o Pablo não sabia o que o Perdigão fazia. Sabia que o acontecia lá, que morria...mas não sabia para onde ia, não sabia...Foi dado...eu participei dessa decisão porque tava havendo muita cobrança da imprensa nacional e internacional por causa do desrespeito aos direitos humanos, dos desaparecidos, aquela coisa toda. Começou a se ter um cuidado de não aparecer mesmo. Foi quando surgiu a ideia do forno, lá de Campos. Eu levei pessoalmente quatorze pessoas, no livro...doze pessoas, no livro tá falando dez , mas são doze pessoas. E o coronel também levou, eu não sei quem e quais, para a mesma usina. O Paulo Malhães enterrou alguns. Então, o *modus operandis* era... então, para você ver, cada um tinha a sua e, do Exército, do Batalhão Guimarães de Mesquita, eu (a)panhei alguns lá, para cremar, estão nominados os que eu apanhei lá. E...da Marinha, tinha um barco, esse barco, eu não sei o nome do barco...eu tenho... eu posso passar por e-mail, em outro momento, entrego ao Perli, e ele faz chegar, eu dou os nomes para a Comissão , não tem ...tanto o Neto, é Vitor de Paula, esse é que se prontificou a ir comigo, mostrar o cemitério e me levar até o avô, para ver se o avô, conversa comigo. Tinha que ser ontem, né? Porque ...pode morrer...é igual ao Augusto Pinto Moreira, é o cara que participou de tudo comigo, tá na cama, mal, tem hora que tá perdendo até a lucidez...quer dizer, tem hora...até hoje, eu não pude, eu não tive ainda como ir lá, porque eu tenho a minha liberdade um pouco restrita, eu não posso ir direto. Preciso que seja oficial. E a comissão sabe desse detalhe, e não fomos ainda até hoje.

31:04 – MANOEL MORAES – Na vinda ao Recife, o senhor citou ainda a pouco, a presença de Silvestre e Abinorah, nós temos algumas fotos...eu queria mostrar para o senhor, para que o senhor confirmasse a imagem, dessas pessoas, seria uma forma de o senhor confirmar, já que o senhor tem uma memória fotográfica, para a gente, então, ver se o senhor identifica. Esse aqui é um ponto...lazer...o senhor pode apontar. Se pudesse nesse momento apagar a luz, ou diminuir um pouco, pode ser? Nesse momento.... vai atrapalhar a filmagem? Essa foto, deixa eu lhe dizer, é a foto do DOPS, prontuário funcional número dois, 25 mil...29.638, informação da tese da doutora Marcília Gama. A equipe do DOPS entre 41 e 61. O senhor reconhece alguém? Conseguiu apontar? (a audiência fala fora dos microfones, escuta-se o som ao fundo, mas de forma ininteligível) Nós vamos mostrar outras fotos para o senhor. (...) Claro, não se preocupe,

tem outras fotos ...essa é de 60.... (no máximo 61?)...é! Essa equipe é a partir de 61, mas é que algumas delas permaneceram, né? Então, talvez, algumas características tenham permanecido em 70, né? É um pouco aproximação. (...) Mas a gente pode mostrar outras fotos. Aqui tem? Não, aqui não tem a identificação, não. No próprio enunciado da foto não tem a identificação das pessoas. (...) Claro, fique tranquilo. A gente só está trazendo porque, como o senhor tem uma memória fotográfica, talvez o senhor pudesse

34:22 – CLÁUDIO GUERRA – Por que que eu não estou falando “ah, é aquele ali!!”, são pessoas realmente parecidas, eu não quero cometer nenhum erro, eu estive com o doutor Silvestre só nesse dia, por duas vezes, não estava de terno...eu lembro de uma característica só que ele mancava, é o que eu posso descrever dele, agora, fisicamente...altura, não era alto...talvez pessoalmente...eu soube que ele estava internado, não sei se está ainda, né? Não tinha como por nós dois juntos numa acareação?

35:06 – MANOEL MORAES – A gente tem de ver as informações do estado de saúde dele, né? Mas é uma possibilidade, se houver...

35:11 – CLÁUDIO GUERRA – Pois é, seria o mais viável...porque o reconhecimento por fotografia...

35:20 – MANOEL MORAES – Então, vamos voltar, é...então, nesse contato que o senhor teve em Recife, o senhor chegou no aeroporto, Silvestre, segundo o senhor fala, ele estaria no aeroporto, lhe deu uma arma. Essa arma, ela era do Exército, era das Forças de Segurança Pública do Estado?

35:37 – CLÁUDIO GUERRA – Era uma pistola 45, modelo...aquela modelo 1919, não tinha...é...

35:39 – MANOEL MORAES – Ela era fria? Era fria, raspada, tinha...

35:53 – CLÁUDIO GUERRA – Não era raspada, mas não tinha, parecia que era uma arma particular, eu num lembro muito...mas não vi...do Exército vem EB, aquele nome, não tinha esse...

36:03 – MANOEL MORAES – O senhor observou isso?

36:04 – CLÁUDIO GUERRA – Não é que eu observei, é que chama atenção

36:08 – MANOEL MORAES – É normal que o senhor na sua prática...

36:11 – CLÁUDIO GUERRA – Não vi isso, não.

36:12 – ROBERTO FRANCA – Desculpe, Manoel...só uma pergunta, Cláudio: qual seria o sentido de encaminhar uma pessoa de outro estado, para vir aqui especificamente para matar uma pessoa? Deve ter um sentido que eu não estou conseguindo compreender... Aqui já tinham muitos especialistas nessa matéria também...

36:27 – CLÁUDIO GUERRA – Pois é, eu entendo que era uma maneira...hoje, dentro do (?), né? Eu não posso afirmar “ah, era isso!”, né? Mas eu entendo que foi uma maneira justamente de dificultar a investigação do caso. Porque eu vou afirmar que estive aqui, atirei numa pessoa,

não sei quem era, ... quem fez mesmo, que matou na tortura, e uma coisa, vai passar. Entendeu, porque que acontece? Aí, punha a pessoa daqui, a pessoa daqui saberia que ele foi ali e deu um tiro e que ele era fulano de tal. A pessoa daqui. Eu lá no Espírito Santo, mandado do Rio pra cá, eu não sei quem é. Então, é uma maneira...não sei se o senhor está alcançando, é...de dificultar a investigação da coisa, mesmo. Os de São Paulo, quantos policiais tem em São Paulo? Porque é que não mandou um de lá executar? É justamente para poder a pessoa local, é uma estratégia do SNI, isso aí...fazer coisas aparentemente loucas, sem motivação, mas que abafam o caso. A dificuldade que os senhores estão tendo hoje para saber direito o que foi que aconteceu, então a função era essa daí.

37:51 – MANOEL MORAES – Doutor Cláudio, me permita, nessa linha que o doutor Roberto Franca perguntou, o senhor tinha um codinome? Ou seja, quando o senhor operou aqui, qual era o seu codinome?

38:00 – CLÁUDIO GUERRA – Eu recebia no Banco Mercantil do Estado de São Paulo, agência Copacabana, com o nome de Estanislau Meirelles. Mas até hoje, no Rio, pessoas me conhecem como doutor Reinaldo. Eram dois nomes...

38:16 – MANOEL MORAIS – Então, o senhor tinha dois nomes...Reinaldo e Estanislau. Aqui...

38:20 – CLÁUDIO GUERRA – Sendo que eu recebia como Estanislau Meirelles.

38:25 – MANOEL MORAIS – Nessa operação que o senhor veio a Recife, o senhor usou um codinome?

38:28 – CLÁUDIO GUERRA – Doutor Reinaldo.

38:30 – MANOEL MORAES – Doutor Reinaldo. E me diga uma coisa: o senhor tinha uma estrutura...o senhor percebeu que aqui havia uma estrutura para o planejamento da ação, você tinha um script, você tinha uma logística, o senhor se reuniu numa sala, num escritório...qual era a logística que havia aqui?

38:47 – CLÁUDIO GUERRA – O que teve foi assim...encontrei com o Abinorah, né? Abinorah, e com o delegado, eles me passaram a...estrutura era toda deles. Nós fomos...eu fui pra lá num carro fusca, num fusquinha, ele dirigindo, mas tinha uma veraneio, na cobertura. Essa era a estrutura que tinha no lugar.

39:15 – ROBERTO FRANCA – O senhor ficava num hotel, ou chegou a ficar mais de um dia?

39:17 – CLÁUDIO GUERRA – Não, nós ficamos...eu fiquei num...é tipo uma pousada, mas foi coisa de ...rápida, né? (...) aconteceu, já me levaram para o aeroporto, eu já viajei, entendeu? Era o esquema assim...

39:37 – MANOEL MORAES – Nesse processo de vinda a Recife, que o senhor tinha conhecimento, ou também de outros lugares, de infiltrações nas organizações? De esquerda? Como é que operava esse processo de informação ou de cooptação dos infiltrados? Por exemplo, tinha infiltrados aqui, havia organizações a AP, a APML, a LN, PCB, VPR, o senhor tinha alguma informação de infiltração, o senhor como isso se processava aqui em Recife?

40:05 – CLÁUDIO GUERRA – Eu não sei nominar as pessoas daqui, mas sabia que tinha sim.

40:11 – MANOEL MORAES – E como é que operava esse processo de infiltração?

40:13 – CLÁUDIO GUERRA – Ó, o...no meu caso lá, eu infiltrei pessoas na própria universidade federal, hoje são até formados, nós infiltramos lá pelo DOPS, aqui da mesma maneira. Aqui foi com o dinheiro. Segundo o Coronel Brandt e o doutor Pablo. Aqui, na Bahia, é...

40:39 – MANOEL MORAES – O Brandt é o César, né? Ele tinha um codinome Brandt?

40:43 – CLÁUDIO GUERRA – É...esse Brandt, ele e o Pablo foram encarregados ...foram os que acabaram com o PC.

40:52 – MANOEL MORAES – É porque há uma informação no depoimento de Gilberto Prata, que a pessoa que o teria aliciado seria “César”. Depois no livro de Nilmário Miranda, ele define Brandt, como sendo o César...

41:05 – CLÁUDIO GUERRA – É o Coronel Brandt...ah, não, é o doutor César...

41:07 – MANOEL MORAES – O senhor confirma que o doutor César é Brandt?

41:09 – CLÁUDIO GUERRA – Não ...é porque você falou “César”, eu ...Não é César Brandt, não...o nome dele é outro.

41:14 – MANOEL MORAES – Exato, César é o codinome de Brandt?

41:16 – CLÁUDIO GUERRA – Isso! É doutor César!

41:19 – MANOEL MORAES – Ele é o Brandt?

41:20 – CLÁUDIO GUERRA – Ele é o Brandt...

41:20 – MANOEL MORAES – E ele aliciava com dinheiro aqui em Recife?

41:22 – CLÁUDIO GUERRA – Aliciava com dinheiro.

41:23 – MANOEL MORAES – O senhor sabe...é...definir os valores, como era o esquema de pagamento, se era em conta bancária...se era por depósito, se levava o dinheiro ao vivo, como ...

41:35 – CLÁUDIO GUERRA – Ó, o...eu pouco, isso aí eu não...

41:39 – MANOEL MORAES – Mas de uma forma geral, como é que vocês operavam?

41:40 – CLÁUDIO GUERRA – O...era mesmo em dinheiro...alguns que eu sei que recebia, igual lá em São Paulo, tinha um que recebia, era 300 dólares o mês...

41:50 – MANOEL MORAES – Vocês pagavam em dólar?

41:52 – CLÁUDIO GUERRA – Dólar...

41:53 – MANOEL MORAES – Esse dinheiro vinha de onde?

41:54 – CLÁUDIO GUERRA – Era dinheiro do ...

41:55 – MANOEL MORAES – SNI?

41:57 – CLÁUDIO GUERRA – Do SNI...O SNI tinha uma verba enorme. Olha eu era um...podia ser nada...ali dentro. O que eles me davam por mês, dava pra comprar um carro todo mês. Tinha determinadas operações que empresários pagavam.

42:16 – MANOEL MORAES – Você tem nomes de empresários de Pernambuco que teriam colaborado?

42:17 – CLÁUDIO GUERRA – Não, eu tenho os de São Paulo. Eu tive contato com os de São Paulo e os de Espírito Santo.

42:22 – MANOEL MORAES – E eles colaboravam espontaneamente ou eram pressionados para colaborar?

42:26 – CLÁUDIO GUERRA – Não, a maioria era espontaneamente. Na maioria...as grandes empresas eram espontaneamente. Na operação Oban, o primeiro que levantou lá foi o dono desse Banco Mercantil foi ...naquele dia levantou quase 500 mil dólares .

42:45 – MANOEL MORAIS – E como é que o senhor diferenciaria um valor menor ou maior para uma informação, ou um informante, ou um cachorro? Como é que se estabelecia um valor de pagamento?

42:54 – CLÁUDIO GUERRA – É...deixa eu fazer um adendo aí...eu gostaria assim, de falar a coisa que eu sei, concreto, né? Essa aí eu sei de...tem uma pessoa que está viva e que deu uma entrevista para o ...um repórter da Globo, recente agora, que o doutor Pablo, ele e o Brandt que eram encarregados de pagar todo mundo, e como ele falou agora para o Paulo Otávio, da Globo, eu acho que ele vai falar para os senhores. É uma pessoa que pode, se conseguir trazê-lo aqui, ou se fizer uma diligência ao Rio, ele está morando lá em Nova Iguaçu...

43:40 – MANOEL MORAES – E o senhor tem informações da atuação, por exemplo, o senhor relata contatos com Brillhante Ustra, Fleury...em Pernambuco, o senhor teve muito contato com Fleury, qual era... tinha algum diálogo específico sobre o estado, havia uma identificação...

43:57 – CLÁUDIO GUERRA – A base dele aqui, a ligação dele aqui era o Silvestre.

44:02 – MANOEL MORAES – Era o quê?

44:03 – CLÁUDIO GUERRA – Era o delegado Silvestre, era a ligação dele aqui. Os dois operavam juntos. Era ... porque cada estado tinha o que eu chamo o “Cláudio Guerra”. O “Cláudio Guerra” daqui era o Silvestre.

44:12 – MANOEL MORAES – O Gilberto Prata, no depoimento da Comissão Externa, ele, você sabe, que foi um infiltrado que Brandt aliciou, disse que a equipe de São Paulo e de Recife tinham uma certa autonomia. O que é que ele quis dizer com isso?

44:25 – CLÁUDIO GUERRA – Tinha dinheiro próprio, tinha uma sobrevivência própria, porque o Fleury, ele passou a não depender mais do dinheiro do SNI, eles passaram a ter renda de empresários. É essa a independência.

44:38 – MANOEL MORAES – E por que Recife era, digamos, tão importante a ponto de ter essa autonomia? É pela colaboração dos empresários daqui? É isso? Seria essa a lógica?

44:47 – CLÁUDIO GUERRA – Eu creio que sim. A lógica é essa.

44:55 – MANOEL MORAES – Quais delegados o senhorque o senhor encontrou, além de Silvestre, o senhor chega a lembrar?

45:05 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Senhor Cláudio, quantas vezes o senhor veio a Recife, em operação?

45:09 – CLÁUDIO GUERRA – Eu só vim aqui um vez. E passei, de passagem, não teve outra missão aqui...

45:17 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – O senhor não chegou nem a dormir aqui?

45:18 – CLÁUDIO GUERRA – Foi coisa rápida mesmo, eu não conheço ...é tanto que eu estava falando com as pessoas que estão andando comigo, eu não conheço nada de Recife.

45:28 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Uma outra pergunta, completando a que o Roberto fez aqui, que a gente achou estranho porque é que veio uma pessoa de fora, se aqui tinha tanto especialista na matéria, era quem fez o contato inicial para que o senhor viesse a Recife?

45:43 – CLÁUDIO GUERRA – Quem mandou eu vim pra cá não...não houve contato de ninguém daqui, quem mandou eu vir foi o Coronel Fred Perdigão. Era meu chefe imediato.

45:52 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – E o senhor já veio com o contato direto para o Silvestre?

45:56 – CLÁUDIO GUERRA – Você ...e seria recebido no aeroporto por um agente da ...isso aí, eles tinha tudo esquematizado, era tudo...

46:05 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Então, o Fred manda o senhor vir pra cá, o senhor é recebido, provavelmente, pelo Abinorah ou pelo Miranda, o senhor não chega a identificar, e é levado para as dependências da própria secretaria de segurança pública ou para um aparelho, para um local...

46:22 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não fomos levados ...nós sentamos num...fomos para um almoço, né? Num lugar conhecido dele, dali foi tudo falado, já...aí fui descansar nessa pousada que eu não sei onde é, e dali fui para a execução. Não tina muita...porque sabia ...eu era treinado para isso, a função...ou até hoje, se me permite, essas coisas acontecem desse jeito. Essas...

46: 56 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – E à noite retornou?

46:57 – CLÁUDIO GUERRA – Retornei. Para o Rio, direto para o Rio.

47:00 – HUMBERTO VEIRA DE MELO – O contato que o senhor teve aqui com a secretaria de segurança pública, com policiais é zero?

47:03 – CLÁUDIO GUERRA - Não, não, não....

47:07 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Se limitou a esse fato?

47:08 – CLÁUDIO GUERRA – Me limitei a esse fato. Vim com a missão específica de...é justamente o que é que fazia...o que é que o SNI passou a fazer, criar uma situação tal ...por exemplo, eu vou..hoje aqui vamos supor, estamos numa conversa, não estou sendo interrogado, mas se eu fosse interrogado por uma autoridade, quer saber a verdade, vou morrer falando que é só o que eu sei. E não vai chegar aonde, não vai chegar no entendimento, no que há ...você tem a informação que morreu aqui, e eu tenho a informação que eu dei um tiro aqui. Então é essa aí, é o caos que foi criado pra poder não se chegar à elucidação real das coisas que estamos buscando hoje.

47:51 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Só mais uma pequena pergunta: nós temos a informação aqui de que o homem de Fleury em Pernambuco seria o Miranda. O senhor teve contato com o Miranda? O Miranda teria realmente esse contato pessoal com o Fleury? Dizem até que o contato dele com o Fleury era maior que o do Silvestre...

48:09 – CLÁUDIO GUERRA – Não...tinha sim. É tanto que eu confundo o Miranda com o...por isso que eu tô na dúvida com o Abinorah, porque o Miranda realmente era o homem que conhecia o Fleury. Isso aí eu posso confirmar para vocês.

48:13 – COMISSÃO – (...) Tem a foto? O senhor sabe quem é? Identificar? (...) Esse é o Miranda! Tem um ponto...Se o senhor puder apontar...Miranda é o de branco lá.

48:54 – CLAUDIO GUERRA – Esse aqui é uma mulher?

48:55 – COMISSÃO – O outro lá...à direita...o de branco. (...) Essa foto é antiga, né? Tem uma mais nova não? (...) Nádia, quem é a presa?

49:18 – NADJA BRAYNER – Risoleta. Risoleta Pereira, ela era informante da...

49:23 – COMISSÃO – Isso aí é na ...em 69...

49:26 – NADJA BRAYNER – Segunda seção...69. Exatamente. O de chapéu? Eu não....mas, ao lado é Luis Miranda.

49:38 – MANOEL MORAES – O senhor reconhece, doutor...

49:41 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Reconhece. O senhor teve contato com ele nesse dia?

49:45 – CLÁUDIO GUERRA – É ...hoje...é realmente...

49:52 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Quer dizer que quem foi lhe buscar no aeroporto foi o Miranda?

49:54 – CLÁUDIO GUERRA – Foi o Miranda...pode mostrar a foto do Abdorah?

49:57 – MANOEL MORAES – Do Abdorah? Tem a foto do Abdorah?

50:04 – COMISSÃO – Nós ainda não temos a foto do Abdorah...

50:07 – NADJA BRAYNER – Rafael vai tentar ver aquele...o outro, do outro lado...tentar identificá-lo.

50:15 – MANOEL MORAES – Ô, doutor Cláudio...e eles chegaram a sair daqui de Pernambuco, já que o senhor veio de carro, o senhor tem alguma informação de algum delegado daqui que foi enviado para executar fora de Pernambuco, fazendo o contrário do que o senhor fazia?

50:26 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, eu creio que sim. Porque.... não, não...não sei quem...

50:29 – MANOEL MORAES - Mas o senhor teria informação de quem...

50:31 – CLAUDIO GUERRA – Porque teve muita operação desse jeito.

50:36 – MANOEL MORAES – Intercambiavam, né?

50:37 – CLÁUDIO GUERRA – No Espírito Santo, foi executado uma pessoa lá, desapareceu, hoje eu sei que foi uma equipe que veio de Minas e do Rio.

50:50 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Cláudio, a ação era tão estanque, de forma que poderia acontecer de a equipe, por exemplo, a equipe de Pernambuco não saber que a equipe de São Paulo veio fazer uma ação aqui?

50:59 – CLÁUDIO GUERRA – Com certeza! Eu creio que as outras pessoas daqui não sabem que foi uma pessoa lá do Rio, do Espírito Santo que veio aqui executar. É essa que era o (?) pra poder justamente dificultar, porque tava ficando ...eles foram inteligentes, isso aí foi agente da CIA que ensinou. Entendeu? Foi agente da CIA que ensinou, porque do jeito que tava fazendo, tava caminhando para a abertura e ia todo mundo pra cadeia...então, eles...foi uma maneira de resguardar e trazer uma segurança que no...mesmo investigando, se hoje eu não estou aqui pra poder falar o que eu sei, a dificuldade é muito maior ainda pra poder, se nós...se a Comissão conseguir encontrar mais pessoas pra poder esclarecer, vai chegar, aí vocês vão chegar, mas as pessoas falando o que sabe. Porque investigando é difícil chegar. Tem de trazer dados pra poder, a Comissão poder adiantar.

52:09 – NADJA BRAYNER – Eu só, me permite, eu só ...uma questão: o senhor falou que nessa vinda ao Recife, o senhor teria chegado aqui, teria almoçado, e teria saído pra fazer a ação, né? Fazer a execução...é isso. O senhor lembra os horários, o horário que o senhor chegou aqui?

52:33 – CLÁUDIO GUERRA – Foi...não...eu tenho o horário que eu cheguei aqui. Era quase,...almoçamos,

52:43 – NADJA BRAYNER – Próximo à hora do almoço?

52:45 – CLÁUDIO GUERRA – É. Próximo a hora do almoço. Almoçamos, eu fui para um...ai eles me levaram, não foi direto, levaram para (mim) descansar, e no outro dia, pela manhã, é que foi a execução.

53:05 – NADJA BRAYNER – Pronto. Era isso que eu queria saber, porque Humberto, doutor Humberto perguntou se o senhor pernoitava aqui.

53:14 – CLÁUDIO GUERRA – Pernoitei nesse lugar.

53:15 – NADJA BRAYNER - Né? E o senhor disse que vinha e voltaria no mesmo dia...

53:18 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não ...ficou mal explicado...

53:21 – NADJA BRAYNER – Tô tentando entender a questão dos horários ...

53:25 – MANOEL MORAES – Nessa operação, o senhor veio e pernitoiu...e a execução foi de manhã?

53:28 – CLÁUDIO GUERRA – Pernoitei...a execução foi de manhã...

53:31 – NADJA BRAYNER – Foi de manhã? Écom certeza a relatoria, né? Tem perguntas a fazer.

53:32 – MANOEL MORAES - Doutora Socorro, ...

53:37 – ROBERTO FRANCA – (...) Já se tem a data exata...a data exata da vinda e do pernoite dele? A data exata?

53:44 – MANOEL MORAES – O senhor tem a data?

53:45 – CLÁUDIO GUERRA – Eu sei que foi o mês de agosto...a data certa, eu...

53:51 – MANOEL MORAES - (Doutora Socorro...) Sim, mas eu digo, alguém tem a data? A relatora?

53:56 – NADJA BRAYNER – A relatora Socorro Ferraz.

53:59 – ROBERTO FRANCA – Não a questão só era identificar, não quero forçar o depoente a lembrar-se de uma data, mas se é possível que alguém ...o dia exato é importante ...

54:05 – MANOEL MORAES – Nós temos...

54:09 – CLÁUDIO GUERRA – Quando eu falei à Comissão, eu falei até que eu poderia levantar pela empresa aérea o....

54:19 – NADJA BRAYNER – Perfeito. Nós temos.

54:21 – SOCORRO FERRAZ – Bom dia, eu gostaria de lhe fazer umas perguntas sobre Manoel Aleixo e sobre esses outros dois possíveis pernambucanos que o senhor teria executado em São Paulo. Então, vamos por partes: nós sabemos, pelo processo, pelo inquérito, pelo prontuário do Manoel Aleixo, que é muita confusão, não é? Aqui eles fizeram dois, provavelmente, deram dois supostos assassinos para Manoel Aleixo. O sargento, vem um telegrama do delegado de Barreiros, dizendo que o sargento que estava a serviço do Exército, provavelmente um sargento da Polícia, que estava a serviço do Exército, chamado Oscar Egito da Silva, teria assassinado a tiros Manoel Aleixo, lá no interior. É uma versão que a Polícia montou. A segunda é que teria sido Jorge Francisco Inácio, um potiguar, uma pessoa do Rio Grande do Norte, que era também um agente da Polícia, mas que já teria feito o assassinato aqui no recife, então, na realidade o processo é tumultuado, como todos os processos que o senhor conhece bem. Então, no depoimento da esposa de Manoel Aleixo, ela diz que estava em casa

deitada, “em nosso quarto, quando alguns homens dizendo serem amigos de Ventania, o convidaram para descer o morro, e foram em direção a um carro”. “Ainda ouvi quando um deles disse: vista a camisa, Ventania, e vamos descer, passa aí na frente”. “O carro estava escondido embaixo de uma árvore. E da janela, eu os vi entrando. Era um carro grande, verde, mais escuro do que a cana”. Teria sido um carro desse que o senhor disse que estava dando cobertura a fusca onde o senhor estava?

56:35 – CLÁUDIO GUERRA – Era um carro verde, sim senhora. Era uma veraneio do... preciso esclarecer, era uma veraneio do Exército.

56:44 – SOCORRO FERRAZ – Do Exército, exatamente. “Deu para ver o carro, sim, a casa ficava no alto, e dava para ver os homens de costas. Eles estavam vestidos de roupas simples, só que um tinha botas de soldados.”. O senhor lembra na hora da execução como estavam esses homens, ou o senhor estava com quem na hora da execução?

57:05 – CLÁUDIO GUERRA – Não...eu estava somente com o...no fusca, eu, e hoje, Miranda. E , no outro carro...

57:17 – SOCORRO FERRAZ – Na veraneio...

57:18 – CLÁUDIO GUERRA – Esse carro da cobertura, eu não tive contato com eles, não conversamos, eles ficaram à distância...era só para cobertura mesmo. Uma eventualidade qualquer, e também pra poder... toda operação que tinha dessa aí, geralmente ficavam algumas pessoas no local contando história, pra poder ...a pessoa que assistiu ficar influenciado com a história que ele tava contando. Ai passava aquilo ser a verdade.

57:45 – SOCORRO FERRAZ – E como surgiu o suposto Manoel Aleixo, como ele surge nesse lugar?

57:51 – CLÁUDIO GUERRA – Não, eu não ...eu até hoje, eu esclareci aquilo ali, eu não sabia que era Manoel Aleixo, só vi quando veio a aparecer o nome de Manoel Aleixo, que seria ele.

58:02 – SOCORRO FERRAZ – Sim, mas eu digo, essa pessoa, como surge na sua frente?

58:06 – CLÁUDIO GUERRA – Ah, a pessoa que eu vi? Era uma pessoa morena, com o cabelo um pouco, cabelos de pessoas da raça afro, e estatura média pra alta, ...eu passei, eu não tive visão dessa pessoa, avistei com ele mais, não sei assim...

58:36 – SOCORRO FERRAZ – Mas eu lhe pergunto, a circunstância como ele surge, ele desce da veraneio, ele...

58:40 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não...pra mim, se ele tava na veraneio, o cenário foi montado. Eu encontrei com ele caminhando.

58:50 – SOCORRO FERRAZ – Ele foi caminhando numa rua...

58:51 – CLÁUDIO GUERRA – Caminhando numa rua...

58:55 – SOCORRO FERRAZ – O senhor podia ver essa foto, ...esta não, esta:

58:59 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, essa foto foi mostrada na Comissão, ela até me ...eu não posso falar “é essa a pessoa!”, é semelhante, é uma pessoa dessa cor.

59:11 – SOCORRO FERRAZ – É semelhante?

59:12 – CLÁUDIO GUERRA – É semelhante...semelhante. eu queria fazer uma...eu não perguntei isso lá na Comissão...queria perguntar se vocês podem (?) Esse local, apareceu o corpo nesse local? Nessa data? O corpo apareceu?

59:25 – SOCORRO FERRAZ – Não.

59:27 – CLÁUDIO GUERRA – Pois é...isso é que eu não tenho, sinceramente, eu queria ter achado uma explicação por que é que trouxe de lá de longe, pra poder executar uma pessoa, e o corpo desaparecer. Eu não...até hoje, meditando, procurando entender, eu não achei, não encontrei o porquê dessa mecânica. Porque se era para desaparecer, desaparecia sem ter...a não ser que não seja a pessoa que eu executei não seja o Aleixo...

59:54 – SOCORRO FERRAZ – Mas, veja: no seu livro, na página 44, o senhor diz o seguinte ...Obrigada, na página 45, o senhor diz “eu não sabia...”, - é um subtítulo de “Recife” – que é esse caso do Recife que estamos falando, “eu não sabia o nome do bairro, nem o nome da vítima. Passei meses tentando descobrir quem era e agora posso dizer, com base no livro sobre os desaparecidos, que matei Manoel Aleixo da Silva”. O senhor confirma isso. Fui informado de que ele era uma pessoa importante, uma liderança da esquerda. Então, Manoel Aleixo desaparece na madrugada do dia 29 de agosto de 1973”. Então essa ...o que bate um pouco com a sua história, e com a história da esposa dele, é que ele foi tirado de casa pela madrugada. Eles ainda estavam deitados. E o senhor diz que o executou pela manhã. Provavelmente, não lembra da hora, mais ou menos, depois das dez horas...

01:01:16 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não sei precisar não...a hora assim não...

01:01:18 – SOCORRO FERRAZ – Mas, não era muito cedo?

01:01:20 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não era...era antes do almoço. Sei que isso aí eu posso afirmar.

01:01:25 – SOCORRO FERRAZ – Não era muito cedo, era antes do almoço...não era muito cedo. Veja bem: juntamente com essa execução, há duas execuções também de dois membros do mesmo partido. Em São Paulo. Será que o senhor não tem nenhuma informação dessas execuções de São Paulo? Quem poderia ter sido? Porque há nesse mesmo ano duas execuções ...há duas execuções em São Paulo, a de Emanuel Bezerra, e de Manoel Lisboa de Moura...

01:02:05 – CLÁUDIO GUERRA – Só esses dois foi lá no bairro Mo...no...bairro Moema, que eles foram executados.

01:02:13 – SOCORRO FERRAZ – O senhor poderia falar como foi esta circunstância? Dessa execução dos dois?

01:02:17 – CLÁUDIO GUERRA – Pois não. Olha, é...esses dois, essas pessoas que foram executadas no bairro Moema, - eu não to me referindo a nomes, porque eu não sabia nomes, eu vim saber nomes depois que estou escrevendo o livro, né? – as duas pessoas ali foi o quê, eu

recebi ordem para me deslocar do Rio pra São Paulo. Fiquei hospedado num hotel perto do Deic, na mesma rua do Deic, fica a 200 metros do Deic. Deic é Departamento de Investigação Geral da Polícia de São Paulo. O Fininho, que pertencia à equipe do...tenho o nome completo dele ...num lembro, mas tem condições, é fácil saber. Ele, ...eu sabia que tinha uma operação de matar duas pessoas. Esse Fininho, que é da equipe do Fleury, chegou no hotel “é (sic) seu que vou conduzi-los ao local onde vai ter o encontro de dois guerrilheiros perigosíssimos que chegaram recentemente da ...não sei se é de Cuba, da China...e estão altamente treinados, são perigosíssimos!”. E preparou para nos levar, como sempre o armamento era entregue nos locais, a gente não levava o armamento pra usar, era entregue lá nos locais. Ali nós recebemos submetralhadoras e pistola. Estava eu, o policial, o tenente Paulo Jorge, Sargento Jair, o Fininho, que não deu tiro nenhum, porque ele foi dirigindo, e mais dois carros de cobertura. Ficamos esperando coisa...aparecem duas pessoas, um vindo de um lado, o outro do outro. Aí o Fininho “é (sic) aqueles dali! Não dá mole porque senão vocês vão levar tiro!”. Aí nos começamos a atirar. Esse lago fica próximo à Igreja Católica, fica assim à direita, é o lago Moema. Ali nós fizemos os disparos, dali, retornamos para o hotel, ficamos no hotel, tivemos com o Fleury, esse dia ficamos mais longe, porque São Paulo é uma cidade enorme, lá já era, vamos dizer assim, mais é...não precisava sair rápido, mas aquilo ...lá eu era conhecido como policial, então, não sabiam da participação minha no serviço reservado do SNI. E, dali retornamos para o Rio, foi feito o relatório, não sabe...vi mais tarde que a história contada é que os dois tinham se matado, trocando tiro, que um tinha entregue o outro, não sei se a história que parece que foi contada, parece que foi essa aí. Mas foram executados por nós.

01:05:26 – SOCORRO FERRAZ – O senhor poderia dizer se eles estariam presos?

01:05:32 – CLÁUDIO GUERRA – Hoje eu tenho certeza que eles estavam presos, conversando com pessoas lá de São Paulo que o Ivan Seixas, os outros me falaram, é que eles estavam presos e soltaram, fizeram quase a mesma coisa do Aleixo aqui, soltaram, eu fui usado para chegar ali e executar, esse pessoal que já tava preso, mas se fosse ...se por qualquer coisa eu caio, preso, o que é que eu ia contar? Vim e executei duas pessoas...eu não ia nunca dizer, eu não saberia que ele tava preso, tinha sido torturado, não, eu estava ali numa missão para matar duas pessoas, dois guerrilheiros.

01:06:17 – SOCORRO FERRAZ – Porque veja: se eles eram tão perigosos, deveriam estar armados, se não estivessem presos. Se o senhor atirasse em um, o outro iria revidar, houve revide de balas?

01:06:26 – CLÁUDIO GUERRA – Não...de modo nenhum...(...) deixa eu só falar uma coisa para a senhora, num outro que eu executei na ...no ponto de ônibus da Ângélica, lá em São Paulo, nós plantamos uma arma na mão dele. (?) num é aqui de São Paulo, por isso vocês não tão...mas ...nós...sempre era colocado arma na mão da pessoa que tava na coisa...

01:06:54 – ROBERTO FRANCA – Cláudio, você fez uma rápida referência, “o mesmo aconteceu com o Aleixo”, de forma que Aleixo também estava preso ?

01:07:01 – CLÁUDIO GUERRA – Com certeza! Agora, agora a minha conclusão é essa! Que eu fui usado para fazer coisas diferentes, em lugares diferentes, pra poder, se a história vem à tona, o que é que eu ia contar? Não, fui que que fiz, em contrapartida, os que torturaram e quase mataram ficam inocentados. Hoje eu tenho essa visão.

01:07:23 – SOCORRO FERRAZ – Eu teria alguma...

01:07:25 – ROBERTO FRANCA – Desculpe, Socorro...não, é...voltar ao telegrama, porque não sei se alguém quer se pronunciar melhor sobre isso, mas ...

01:07:35 – MANOEL MORAES – A relatoria vai falar...

01:07:39 – ROBERTO FRANCA – Não, é porque é o seguinte, ele tá dizendo que o corpo não foi encontrado, aqui tá dizendo que foi encontrado no município de ...Ribeirão. Neste dia 29 de oito. Só que o telegrama refere-se a outro autor, mas eu digo, o corpo foi encontrado, ele tava querendo saber essa informação...

01:07:58 – MANOEL MORAES – A relatoria...Franca... a relatoria vai...

01:08:02 – SOCORRO FERRAZ – Não, ...ele pode....

01:08:06 – ROBERTO FRANCA – No momento, me parece que a gente deve esgotar esse assunto que eu é um assunto...

01:08:11 – SOCORRO FERRAZ – Bem, vamos continuar...há uma foto do corpo no processo. Entendeu? Então, o corpo foi encontrado em Ribeirão, em um terreno baldio, num lugar...é uma cidade muito próxima também, não é? Então, provavelmente, depois dele morto, ele foi levado a Ribeirão e...de volta, ...sim, ele foi preso em Ribeirão, provavelmente assassinado aqui e depois voltou pra lá...(alguém fala ao fundo da gravação, fora do microfone). Até para dizer que houve...então, eu gostaria de lhe perguntar sobre questões relacionadas com as vítimas do PCB. Do senhor Davi Capistrano e do João Macena. Além do que o senhor colocou no seu livro, o senhor teria a acrescentar alguma questão relacionada com a morte dos dois?

01:09:16 – CLÁUDIO GUERRA – Do Capistrano...

01:09:18 – SOCORRO FERRAZ – Do Capistrano, do João Massena...

01:09:19 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, o que eu sei que eles foram mortos lá na casa da morte. É o que eu sei. E quem entregou os corpos deles para mim levar para a usina de Campos, foi o Coronel Perdigão.

01:09:38 – SOCORRO FERRAZ – Quem lhe entregou?

01:09:38 – CLÁUDIO GUERRA – Ele entregou, mas ali era chefe ele, que já faleceu agora a alguns anos, mas o Pablo tá vivo. Pode ser responsabilizado, tá vivo.

01:09:51 – SOCORRO FERRAZ – O senhor tomou conhecimento ...

01:09:54 – CLÁUDIO GUERRA – E o Brandt parece que tá vivo também...

01:09:56 – SOCORRO FERRAZ – O senhor tomou conhecimento...porque eles entraram por Urugaiana, não é? O Davi Capistrano entrou por Urugaiana, e depois ele vai até Aquidauana, ele é preso lá em Aquidauana. Mas há um período em que ele passa pelo Mato Grosso, tem alguma notícia sobre isso?

01:10:16 – CLÁUDIO GUERRA – Não, eu sei dele em São Paulo, que ai ele veio, ele ...ali, o Fleury apanhou ele... ele foi da operação Condor, eles ...apanhou ele lá...parece que foi esse que foi preso na Argentina, né?

01:10:35 – SOCORRO FERRAZ – Não, eles não foram presos na...eles entraram no Brasil por Uruguaiana, e vieram até Aquidauana...

01:10:42 – CLÁUDIO GUERRA – Ah, não, não...tá certo, eu confundi, não era ... é outra coisa...

01:10:43 – SOCORRO FERRAZ – Mas há agora uma notícia em que ele também teve uma passagem pelo Mato Grosso. O senhor teria alguma informação?

01:10:55 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não tenho essa informação...porque a operação em si da prisão deles, essas coisas, eu não participei de nada. A minha...o conhecimento que eu tenho do caso foi só do corpo que me foi entregue dele, e eu levei para ser cremado lá...

01:11:12 – SOCORRO FERRAZ – O senhor levou para...

01:11:14 – CLÁUDIO GUERRA – Para a usina de Campos, em ...(?)

01:11:18 – SOCORRO FERRAZ – E o senhor lembra a data exatamente? Ou mais ou menos quando foi?

01:11:21 – CLÁUDIO GUERRA – Me parece que é 74, ...eu acho que é isso mesmo, 74...é isso mesmo, eu não quis trazer, eu to com algumas coisas aqui, mas não quero olhar anotação nenhuma não, porque eu quero falar espontaneamente, que quero falar o que eu lembro, mas acho que é isso mesmo...acho que é 74.

01:11:44 – SOCORRO FERRAZ – Agora...algumas perguntas que eu queria lhe fazer, algumas perguntas que eu quero lhe fazer, e que...só um minutinho...é, o senhor sempre fala que o Perdigão era seu chefe, né? Seu chefe imediato. Então, a mando de quem o senhor retirou esses corpos da casa da morte ...

01:12:13 – CLÁUDIO GUERRA – Foi me entregue, era...um plano do SNI de queimar os corpos, mas quem entregava e quem comandava era o Coronel Perdigão e o doutor Pablo...

01:12:26 – SOCORRO FERRAZ – E o doutor Pablo...então, quem estava acima do Perdigão era

01:12:31 – CLÁUDIO GUERRA – O Coronel Perdigão era chefe do escritório do SNI. O Pablo era chefe da agência, era superior. Mas o Perdigão não dava obediência nenhuma a ele, não. Falava direto com Brasília. Com a chefia da SNI em Brasília.

01:12:51 – SOCORRO FERRAZ – E quem era a pessoa da usina que o senhor tinha o contato?

01:12:54 – CLÁUDIO GUERRA – O dono da usina chamava-se Eli Ribeiro. O proprietário. E....

01:13:03 – SOCORRO FERRAZ – Ele tinha conhecimento desses atos?

01:13:05 – CLÁUDIO GUERRA – Tinha. Ele recebeu bastante benefícios em troca disso. Os filhos dele, o João Lisandro Ribeiro, o capataz e mais um outro funcionário, participaram diretamente na cremação dos corpos.

01:13:26 – SOCORRO FERRAZ - O senhor lembra do nome do capataz?

01:13:29 – CLÁUDIO GUERRA – Só o apelido, Zé Crente.

01:13:33 – MANOEL MORAES – O Zé Crente é Vavá, é?

01:13:36 – CLÁUDIO GUERRA – Não. O Vavá tá vivo...

01:13:39 – MANOEL MORAES – O Vavá é outro. Ele seria o quê, o Vavá?

01:13:41 – CLÁUDIO GUERRA – O Vavá era empregado, mas era o homem de confiança, que andava comigo o tempo todo...e ele tava pronto a falar, mas não tá falando mais...ganhou, da família, a filha é vereadora, colocou alguns parentes, né? Perdemos uma fonte.

01:14:02 – SOCORRO FERRAZ – Esta usina era uma usina de quê? De açúcar?

01:14:04 – CLÁUDIO GUERRA – Usina de açúcar. Era a única usina que pertencia a uma pessoa, porque as outras usinas que tinham lá eram de sociedade, essas coisas...

01:14:15 – SOCORRO FERRAZ – E erra era uma usina de açúcar...o senhor tem alguma notícia sobre Iran Pereira?

01:14:22 – CLÁUDIO GUERRA – Quem?

01:14:23 – SOCORRO FERRAZ – Iran Pereira. Que era também do PCB e que desapareceu nesse mesmo período, em São Paulo?

01:14:30 – CLÁUDIO GUERRA – Iran Pereira...não to lembrado...

01:14:31 – SOCORRO FERRAZ – Era uma pessoa que era ,ligado a teatro na juventude, mas depois teve alguns cargos...não? e ao Luis Maranhão Filho?

01:14:45 – CLÁUDIO GUERRA – Luis Maranhão parece que foi cremado lá também.

01:14:49 – SOCORRO FERRAZ – O senhor levou também?

01:14:49 – CLÁUDIO GUERRA – Também. Eu relatei ...é...doze pessoas que foram cremadas. Pra poder não cometer algum erro a gente pode falar dos que estão nominados aqui no livro, né?

01:15:01 – SOCORRO FERRAZ – Certo. Dou uma olhadinha no livro. Está bem. Por enquanto, muito obrigada por suas informações.

01:15:07 – CLÁUDIO GUERRA – Pois não.

01:15:09 – SOCORRO FERRAZ – Agora, a questão do carro...só uma pergunta: foi a usina que lhe financiou um novo carro, porque o senhor teve o seu carro incendiado?

01:15:15 – CLÁUDIO GUERRA – Isso. Quando eu retornava...eu tava levando da casa da morte para a usina os corpos da Ana Kusins...hein?

01:15:29 – SOCORRO FERRAZ – Kusinsky.

01:15:31 – CLÁUDIO GUERRA – E o marido, o carro, na proximidade de Campos, o carro, meu particular, no meu nome, pegou fogo. Naquela época não existia celular, mandei um policial meu retornar a um vilarejo próximo do lugar. De lá ele ligou para a usina, eles vieram me socorrer, passamos os corpos para o carro que veio, e o dono da usina, o Eli Ribeiro, mandou o filho dele, na mesma hora que meu carro queimou, né? Ele mandou na mesma hora na agência da Chevrolet local, pagou com cheque um carro zero, e me deu de presente.

01:16:07 – SOCORRO FERRAZ – Agora, outra questão que eu tenho...

01:16:08 – CLÁUDIO GUERRA – Isso é coisa que eu passei que pode conferir, porque a agência tá lá pra...

01:16:13 – SOCORRO FERRAZ – Eu, gostaria também de saber como o senhor...os corpos lhe eram entregues com identidades, porque o senhor sabe exatamente os nomes...como lhes eram entregues?

01:16:22 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não...era...isso aí, eu não sabia nomes. Como que vieram os nomes a aparecer: eu recebi um livro com as fotografias dessas pessoas. Aí as datas, eu tinha as datas, não tinha nomes. Aí associando as datas e as aparências físicas das fotografias que estavam desaparecidos, foi onde eu posso afirmar que são essas pessoas.

01:16:52 – SOCORRO FERRAZ – E, essas pessoas estavam bastante mutiladas ou os corpos...

01:16:55 – CLÁUDIO GUERRA – Tinha mais...o Capistrano, então, tava sem braço, tava todo mutilado mesmo.

01:17:03 – SOCORRO FERRAZ – Mas o rosto daria para o senhor identificar, com os retratos?

01:17:06 – CLÁUDIO GUERRA – É, teve caso que o rosto tava bem deformado. No caso do...ele é até coronel, Cervera, tava com o rosto muito deformado, muito torturado, mas porquê que eu sabia que era ele, porque esse o Coronel Perdigão falou assim: “esse aí é um melancia, um ...”, desculpa a expressão, “um filho-da-puta!, traidor!” e tal... E por isso que eu afirmo que ali era o Cervera.

01:17:40 – SOCORRO FERRAZ – Está bem, muito obrigada...

01:17:42 – MANOEL MORAES – Nesse...ah, por favor...Gilberto se escreveu...depois Humberto, Nadja, mas só pra gente, né?

01:17:49 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Só uma questão de data, bem simples. O senhor tem ideia do fato de Moema, qual foi a data? A data é o mês e o ano...

01:18:05 – CLÁUDIO GUERRA – É...setenta e ...eu acho que foi...é que para, mais ou menos, quase a mesma data, a diferença é de um mês ou dois do fato daqui de Recife. Dias talvez, de diferença da data.

01:18:21 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – E...só uma última pergunta: o senhor falou que tinha um marinheiro e esqueceu o nome do marinheiro. Seria o mesmo Gilberto José Rocha?

01:18:30 – CLÁUDIO GUERRA – Marinheiro?

01:18:31 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO - O senhor falou aí num marinheiro que levava o ...o Neto do marinheiro que ia fazer contato...

01:18:36 – CLÁUDIO GUERRA – Ah, não...não , o neto eu já citei o nome dele aqui, ...

01:18:40 – HBUMBERTO VIERIRA DE MELO – Citou o neto. O marinheiro seria Gilberto José Rocha, não?

01:18:42 – CLÁUDIO GUERRA – Não. Eu não to lembrado do nome do velho, porque se não eu já teria falado o nome dele, ...tenho que pegar para oferecer uma informação correta. Mas o neto mora lá em Vitória, ele está disposto a ir até o local.

01:19:03 – MANOEL MORAES – Gilberto...

01:19:07 – GILBERTO MARQUES – Senhor Cláudio Guerra, bom dia! Meu nome é Gilberto Marques, eu sou membro da Comissão. Sou advogado por profissão. Eu queria pedir a Rafael que recolocasse a foto em destaque. É essa. Em certo momento, o senhor disse que era uma pessoa morena. E a gente tá vendo pela foto que é um negro.

01:19:39 – CLÁUDIO GUERRA – É morena, porque

01:19:37 – GILBERTO MARQUES – O senhor chamou de moreno, mas na verdade queria dizer um negro. Também eu ouvi, e não sei se ouvi certo, que o senhor teria dito que era uma liderança importante, daí a sua convocação e a sua vinda para cumprir esse papel , para executar essa missão, em face de ser uma pessoa importante na esquerda e na luta, contrária aos interesses do Governo daquela ocasião. Isso é verdade?

01:20:18 – CLÁUDIO GUERRA – Não...o ...eu vim saber da importância dele depois. Eu sabia apenas que eu tinha que vir executar uma pessoa. Não sabia quem era, o que é que era. Eu vim saber da importância dele com o ...quando foi falado na narrativa do livro, que eu fui dando os dados, que aí que eu fui saber que era uma pessoa importante, eu não sabia.

01:20:44 – GILBERTO MARQUES – E, o senhor , quando era convocado para uma missão desse jaez, com deslocamento, com todo esse aparato, não tinha idéia de que a pessoa que seria executada era uma pessoa diferente, diferenciada, daí a sua convocação?

01:21:04 – CLÁUDIO GUERRA – É, isso aí é uma dedução lógica, que a gente tem, né? Mas sem saber, eu não podia saber que ele era um líder disso assim aqui e tal, ...não sabia.

01:21:15 – GILBERTO MARQUES – Não...tô querendo saber se o senhor tinha ideia ...

01:21:16 – CLÁUDIO GUERRA – Ah, não ...tinha uma ideia que era, se eu tava me deslocando de lá pra poder fazer, sabia que era uma pessoa na concepção (de que) seria uma pessoa perigosa, seria uma pessoa treinada, seria, né? Que tinha que ter os cuidados, e me trazer de fora, na época, hoje eu peço a misericórdia de Deus, um especialista...

01:21:40 – GILBERTO MARQUES – Quem foi que apontou ele para o senhor?

01:21:41 – CLÁUDIO GUERRA – O Miranda. Eu tinha dúvida do Abinorah e Miranda, hoje eu digo o Miranda.

01:21:47 – GILBERTO MARQUES – O Miranda foi que apontou...

01:21:50 – CLÁUDIO GUERRA – Apontou...eu não sabia, falou “É esse aqui!”, eles ficaram na cobertura , eu desci, passei por ele, normal, e atirei nas costas dele.

01:21:59 – GILBERTO MARQUES – Considerando a importância da sua missão, o destaque que sua presença representava, e, por conseguinte, a importância dele dentro das organizações de esquerda, era comum uma liderança negra com essa importância naquela época?

01:22:21 – CLÁUDIO GUERRA – Não sei informar o senhor, não...

01:22:26 – GILBERTO MARQUES – Quantos negros o senhor executou nessas suas missões?

01:22:30 – CLÁUDIO GUERRA – Acho que...que eu lembre, é o único.

01:22:34 – GILBERTO MARQUES – É o único negro que o senhor se lembra? Ao mesmo tempo o senhor se referiu aos dois que foram executados de Moema, e referiu que, no dia seguinte, tomou conhecimento, ou no dia seguinte ou logo depois, que havia uma versão oficial de que os dois teriam duelado e se mataram entre eles próprios. E decorreu desse confronto a morte dupla. Essa era a versão oficial. Essa versão foi em relatório interno ou já um relatório público ou publicado, nos jornais da imprensa, a morte de Moema?

01:23:21 – CLÁUDIO GUERRA – Eu me...parece que foram os jornais que noticiaram isso. Os jornais que noticiaram. Oficialmente eu não sei nada do caso.

01:23:32 – GILBERTO MARQUES – Mas essa versão o senhor lembra bem que foi logo em seguida ao fato, que lhe chegou ao conhecimento, de que eles teriam duelado, e no duelo, ambos teriam saído mortos.

01:23:45 – CLÁUDIO GUERRA – É isso aí.

01:23:48 – GILBERTO MARQUES – No caso de Pernambuco, nesse especificamente falado, que Miranda lhe apontou, que envolve a pessoa que aparece na foto, houve alguma repercussão no jornal?

01:24:01 – CLÁUDIO GUERRA – Não lembro de ter lido nada a respeito disso, não. Nos jornais lá do sul, do sudeste, eu não lembro de ter lido nada a respeito não.

01:24:08 – GILBERTO MARQUES – E nos relatórios?

- 01:24:10 – CLÁUDIO GUERRA** – Não...eu não tinha acesso a relatórios, eu...
- 01:24:13 – GILBERTO MARQUES** – Mas o senhor fazia relatórios?
- 01:24:15 – CLÁUDIO GUERRA** – Fiz um relatório, fiz...fazia. A gente fazia um relatório da missão, do que ocorreu...
- 01:24:21 – MANOEL MORAES** – O senhor tem cópia?
- 01:24:21 – GILBERTO MARQUES** – O que é que o senhor escrevia?
- 01:24:23 – CLÁUDIO GUERRA** – Não. Eu tinha cópia de muita coisa, deixa eu esclarecer uma coisa. Eu tinha muita cópia. Na busca e apreensão que teve na minha casa, em 90, a Polícia Federal sumiu com todo o documento meu. Toda a documentação...
- 01:24:36 – MANOEL MORAES** – A Polícia Federal?
- 01:24:36 – CLÁUDIO GUERRA** – É. Elementos da Polícia Federal, não a instituição que merece todo o respeito nosso, mas alguns elementos...
- 01:24:44 – MANOEL MORAES** – Mas foi uma operação clandestina?
- 01:24:46 – CLÁUDIO GUERRA** – Não, não, operação oficial, recolheram toda a documentação que eu tinha, tudo isso, desapareceu tudo...
- 01:24:51 – MANOEL MORAES** – Desculpe, Gilberto.
- 01:24:53 – CLÁUDIO GUERRA** – Eram documentos que seriam muito esclarecedores...
- 01:24:53 – NADJA BRAYNER** – Lamentável...
- 01:24:53 – GILBERTO MARQUES** – O senhor...se referiu a filhos do usineiro, cujo nome, o usineiro o nome dele é?
- 01:25:06 – CLÁUDIO GUERRA** – Eli Ribeiro.
- 01:25:08 – GILBERTO MARQUES** – Renê Ribeiro...
- 01:25:09 – CLÁUDIO GUERRA** – Eli...ele foi vice-governador do Rio de Janeiro.
- 01:25:15 – GILBERTO MARQUES** – Ah...e o nome dos filhos, o senhor se lembra?
- 01:25:18 – CLÁUDIO GUERRA** – João Elisandro Ribeiro...
- 01:25:23 – GILBERTO MARQUES** – Um filho...tem mais algum filho? Se eu não me engano, o senhor falou no plural, os filhos...
- 01:25:29 – CLÁUDIO GUERRA** – Os filhos...
- 01:25:32 – GILBERTO MARQUES** – Fora beneficiados...
- 01:25:33 – CLÁUDIO GUERRA** – É. Mas é porque tem o Zé, José, né? Que é o José Elisandro, ele sabia, foi por isso que eu não citei ele, ele sabia, mas não participou ativamente,

já o João ia comigo buscar armas no Rio, né? Lá com o agente da CIA, que trazia armas, ele que ia comigo buscar. Quer dizer, então teve uma participação na coisa...o tenente Odilon eu matei dentro da casa do João Elisandro, então era um...participou mais o Vavá, tava junto nessa execução do tenente Odilon.

01:26:07 – GILBERTO MARQUES – Só para efeito de esclarecimento do filme, o senhor se referiu ao “Melancia filho-da-puta”. “Melancia” quer dizer o quê no jargão da época?

01:26:21 – CLÁUDIO GUERRA – Foi o Verde por fora, vermelho por dentro.

01:25:26 – GILBERTO MARQUES – Quer dizer que ele pertencia aos quadros do Exército, cuja farda é verde, e por dentro ele era um comunista, ou simpatizante ou militante. Por isso o vermelho.

01:26:33 – CLÁUDIO GUERRA – Isso. É isso aí.

01:26:38 – GILBERTO MARQUES – O senhor se lembra qual foi o tipo de arma que usou para matar aqui em Pernambuco?

01:26:42 – CLÁUDIO GUERRA – Foi uma pistola 45.

01:26:46 – GILBERTO MARQUES – Quantos tiros?

01:26:47 – CLÁUDIO GUERRA – Eu dei um tiro só. Mas foi mortal.

01:26:51 – GILBERTO MARQUES – Nas costas?

01:26:52 – CLÁUDIO GUERRA – Nas costas.

01:26:55 – GILBERTO MARQUES – Era comum dar um tiro só...

01:26:57 – CLÁUDIO GUERRA – Não...geralmente tinha o...de misericórdia, não foi dado porque se já viu, caiu, tá ...não mexeu mais. Tava morto mesmo. E no teu disparo, tinha pessoas, mais, assim em volta, não foi necessário dar o tiro. Porque também, tava ali, ele viu que morreu mesmo...

01:27:22 – GILBERTO MARQUES – O senhor estava a que distância?

01:27:23 – CLÁUDIO GUERRA – Ah...bem próximo. Eu passei um negócio de...no máximo cinco metros...

01:27:30 – GILBERTO MARQUES – Cinco?

01:27:32 – CLÁUDIO GUERRA – É...pouca coisa. Eu passei por ele, ele passou direto, ...eu passei normal, não tinha como...assim, ele desconfiar. Não tinha.

01:27:43 – GILBERTO MARQUES – Um tiro de 45, pistola...

01:27:45 – CLÁUDIO GUERRA – Joga a pessoa pra frente...

01:27:46 – GILBERTO MARQUES – Dando ...sendo dado nessa distância, e na mesma direção que a pessoa está se deslocando, se foi nas costas ele devia estar andando para frente.

01:27:57 – CLÁUDIO GUERRA – Jogou ele pra frente...

01:27:57 – GILBERTO MARQUES – O tiro derruba na mesma hora, né verdade?

01:28:00 – CLÁUDIO GUERRA – Derruba, derruba...

01:28:02 – GILBERTO MARQUES – Mesmo assim, o senhor achou que a missão tava cumprida? Não precisou conferir?

01:28:07 – CLÁUDIO GUERRA – Tinha certeza...precisava não.

01:28:08 – GILBERTO MARQUES – Voltou pela mesma ...

01:28:08 – CLÁUDIO GUERRA – Passei e vi que ele não respirava...ali já sabia que não tava respirando, passei por ele, o carro já veio na minha direção, eu entrei e saímos. Não sei se as pessoas que estavam lá naquela cobertura ...o fusca saiu, a outra caminhonete permaneceu lá.

01:28:28 – GILBERTO MARQUES – O senhor sabe se o corpo foi removido, chegou a saber na hora disso?

01:28:30 – CLÁUDIO GUERRA – Não. Eu soube, posteriormente...soube posteriormente, não, eu vim saber que o corpo não apareceu, por isso que eu hoje, eu fico buscando o porquê que se traz aqui pra mim executar e desaparece com o corpo, eu não entendi. Até hoje eu não entendo porquê isso.

01:28:48 – GILBERTO MARQUES – Ai desapareceu dali? E esse corpo que apareceu em Ribeirão?

01:28:53 – CLÁUDIO GUERRA – Não...eu fui saber depois, eu não sabia...

01:28:55 – GILBERTO MARQUES – Mas apareceu no mesmo dia...

01:28:58 – CLÁUDIO GUERRA – Eu vim saber quando eu estava escrevendo o livro, que eu vim saber.

01:29:01 – GILBERTO MARQUES – Quer dizer, na verdade não desapareceu... ele só apareceu em outro lugar..

01:29:06 – CLÁUDIO GUERRA – Não, mas eu não tenho certeza que é ele não. Não tenho certeza, certeza...

01:29:10 – GILBERTO MARQUES – O senhor perdeu agora a convicção de que aquela pessoa que o senhor teria identificado por foto, né? Essa aí, identificação, ...

01:29:20 – CLÁUDIO GUERRA – É essa aí, por foto...

01:29:21 – GILBERTO MARQUES – Foi a pessoa que teria sido executada naquele dia...

01:29:21 – CLÁUDIO GUERRA – Perfeitamente.

01:29:27 – GILBERTO MARQUES – Há alguma perícia no corpo encontrado em Ribeirão? E quantos tiros, quantas lesões aparecem? Nessa...

01:29:43 – NADJA BRAYNER – Microfone, Socorro, por favor...

01:29:45 – MANOEL MORAES – Microfone para Socorro...tá na sua frente, Socorro. Tá na sua frente o microfone.

01:29:53 – CLÁUDIO GUERRA – Não é a mesma pessoa. Não é a mesma pessoa.

01:29:54 – SOCORRO FERRAZ – E nesse laudo, no laudo médico, aqui diz que o tiro é...só um minuto...aqui...só um minutinho. É o seguinte, das seguintes lesões: é...circular de bordo irregulares, orientados para dentro, avermelhados, medindo dez milímetros de diâmetro, na região clavicular...

01:30:20 – GILBERTO MARQUES – Orifício de entrada...

01:30:21 – SOCORRO FERRAZ – Esquerda, e penetrante do tórax, orifício de entrada. E circular de bordos irregulares, voltados para fora, medindo dois milímetros de diâmetro na região mamária direita, orifício de saída. Incisão, é...incisão mento...pediana para o exame interno, pescoço sem anormalidades, etc...

01:30:54 – GILBERTO MARQUES – Socorro, por favor, qual é a extensão do ferimento de entrada, o da região auricular? Quantos centímetros? Quantos milímetros? Não, eu quero saber qual é a extensão em diâmetro, do diâmetro do ferimento de entrada, que é o da região auricular, de bordos voltados para dentro. Socorro leu agora...eu só queria...

01:31:42 – NADJA BRAYNER – Eu posso fazer uso da palavra um instante, enquanto vocês procuram aí? Pode ser? Vejam só: à medida que se foi falando sobre essa foto, né? O senhor ficou um pouco inseguro com relação à própria identificação. Veja só, nós temos um documento ...é...datado do dia 29 de agosto, é um telegrama, né? Isso constava do prontuário do Manoel Aleixo, onde o delegado de Ribeirão, teria feito uma comunicação, eu vou ler, né? O telegrama foi passado no dia 29 de agosto de 73, às 14 horas e quarenta e cinco minutos. Ele foi passado para o diretor do Departamento de Polícia do Interior, Secretaria de Segurança Pública daqui, pelo delegado de Ribeirão, né? Eu vou ler os termos do telegrama: “Comunico que, aproximadamente, às 08 horas, hoje, dia 29, o sargento Oscar Egito da Silva, que se achava a serviço do serviço secreto do Exército, assassinou a tiros de revólver, o popular Manoel Aleixo da Silva, fato verificado à Rua do Acre, nesta cidade. O referido militar, logo após, foi preso. Adianto a vossa senhoria que permanece a tranquilidade neste município. Assinado Odon de Barros Dias, delegado de Polícia.” O que é que eu queria destacar aqui: está registrado o telegrama às 14 horas, né? Desse dia. Os depoimentos que existem da própria família, afirmam que ele teria sido retirado de casa no dia 29 de agosto. Ou seja, diferentemente dos dois casos de Moema, né? A suposição, ele não teria sido levado para São Paulo, mas ele teria sido preso, tirado de casa, poderia ter ficado até algum momento preso, não sei, e teria ocorrido esse assassinato por esse sargento. Tá certo? Não teria sido o senhor que teria morto esta pessoa.

01:34:55 – CLÁUDIO GUERRA – Certo.

01:34:57 – NADJA BRAYNER – É...o...claro que tem coisas aqui que se precisa investigar. Primeiro é muito estranho que esse militar tenha sido preso, quando o próprio delegado diz que ele estava a serviço do Exército e que teria assassinado, né? Nós não temos essa informação, essa confirmação. Primeiro se essa pessoa existe mesmo, né? E se ele foi presa. Não é? O fato é

que é um documento, isso aqui é um documento do delegado do município, encaminhado à secretaria de segurança, fazendo o registro do fato. Quer dizer, o fato ocorreu nesta data. O que confirma o depoimento da família em dizer que ele teria sido preso aí. Diferentemente dos dois casos de Moema, que teriam sido presos aqui, vamos dizer, vamos supor que eram pernambucanos, e tenham sido pra lá, e que foram presos...e que foram mortos também nesse tiroteio, né? Nessa, nessa execução, nessa data.

01:36:06 – CLÁUDIO GUERRA – Nessa encenação...

01:36:08 – NADJA BRAYNER – Essas informações forma veiculadas na imprensa, o caso de Moema, saiu no dia 05 de outubro, ...só um instante...de setembro, no mês seguinte, cinco de setembro no jornal. O tiroteio de Moema saiu no Diário de Pernambuco daqui. Eu não localizei, eu não sei de Socorro tem isso, onde saiu a informação do Aleixo na imprensa. Onde é que eu quero chegar, (alguém fala ao fundo) ...só no dia oito. É a seguinte questão: o senhor não pode ter morto outra pessoa que não o Manoel Aleixo?

01:36:59 – CLÁUDIO GUERRA – Pode ser...

01:37:00 – NADJA BRAYNER – Não é? Eu tô...é um questionamento...

01:37:05 – GILBERTO MARQUES – Socorro, eu queria completar só a questão. A gente viu agora de novo pra conferir, dez milímetros é a medida do ferimento de entrada, que traz a perícia tenatoscópica. É compatível com um tiro de pistola dado naquela distância? Porque o calibre 38, numa distância razoável, ele é de sete a oito milímetros. O 45 é bem maior que o 38, e sendo produzido por uma pistola, em não por um revólver, o impacto ainda assim, seria maior para derrubar e, no que diz respeito ao ferimento de entrada, a tendência é diminuir o tamanho por conta da velocidade e da força em que ele ainda se encontrava. E tá no começo do percurso de um tiro produzido por uma pistola, né isso? Então o senhor acha que esses dez centímetros de entrada que foram encontradas na perícia oficial que consta nos autos e feito a custa inclusive de uma providência que foge, o delegado que encontrou pela forma que procedeu ele não tinha nenhum envolvimento com a morte, achava inclusive que era uma desova, se não me engano, foi isso que disse o telegrama lido. Aí eu lhe pergunto: esse ferimento de entrada, na proporção encontrada, medida pelos legistas, ele é compatível com um tiro de pistola dado daquela distância e a região a que se refere o ferimento de entrada também é compatível com o tiro que o senhor teria dado, e na região que o senhor entende que apontou a arma e que atingiu a vítima?

01:39:00 – CLÁUDIO GUERRA – A entrada é dez centímetros ou onze, parece que dá...

01:39:05 – GILBERTO MARQUES – Dez...dá dez...dez centímetros...é a medida...

01:39:06 – CLÁUDIO GUERRA - É compatível sim.

01:39:09 – GILBERTOMARQUES – Com 45?

01:39:10 – CLÁUDIO GUERRA – É.

01:39:11 – GILBERTO MARQUES – É um pouco maior que o 38, diminuiria em face da velocidade...

01:39:17 – CLÁUDIO GUERRA – É compatível sim. As perícias...

01:39:21 – GILBERTO MARQUES – E a região?

01:39:21 – CLÁUDIO GUERRA – As perícias, o senhor tava se referindo às perícias aí, não sei aqui no estado se aconteceu, mas a maioria das perícias feitas em , nas pessoas da esquerda, eram todas mentirosas, eram de acordo com a versão que a autoridade queria que saísse.

01:39:42 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Senhor Cláudio, o senhor poderia precisar em que altura foi esse tiro dado nas costas ...um tiro nas costas...

01:39:47 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, eu não ...sabe o que é... é uma razão rápida, e é muitos anos, eu passei ...o gesto foi esse que eu to imitando pra vocês: eu passei, virei e atirei.

01:38:58 – GILBERTO MARQUES – Mas ele tava andando...quer dizer que na medida que ele andava, a distância aumentava...

01:40:01 – CLÁUDIO GUERRA – Isso. Não ... agora, se acertou no meio das costas, se acertou do lado, não sei ao certo...

01:40:06 – GILBERTO MARQUES – Do lado não foi!!

01:40:08 – CLÁUDIO GUERRA – Não, eu não sei...

01:40:09 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Poderia ser na região clavicular? Poderia ter pego na altura da clavícula, na parte de trás?

01:40:17 – MANOEL MORAES – Ele era maior do que o senhor?

01:40:19 – CLÁUDIO GUERRA – Era maior do que eu.

01:40:20 – MANOEL MORAES – Era maior que o senhor...

01:40:22 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Seria pelo lado esquerdo dele ou pelo lado direito?

01:40:26 – CLÁUDIO GUERRA – É...pelo lado esquerdo...

01:40:26 – GILBERTO MARQUES – O ferimento é do lado direito, se eu não me engano?

01:40:28 – MANOEL MORAES – Não, lado esquerdo.

01:40:30 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Minha pergunta é exatamente essa, hein?

01:40:32 – GILBERTO MARQUES – Entra e sai do mesmo lado? Pelo lado esquerdo e sai pelo lado esquerdo, esse daí

01:40:36 – CLÁUDIO GUERRA – É...

01:40:36 – SOCORRO FERRAZ – Por favor, eu vou reler aqui essa parte...é...sobre as lesões “mostra-se ...”, é sobre o cadáver, “mostra-se em estado de rigidez completa, com livores nas faces, posterior e laterais, as mãos e pés sujos de barro”. O senhor lembra se ele estava calçado, ou se ele estava descalço?

- 01:41:02 – CLÁUDIO GUERRA** – Não lembro desse detalhe...não lembro mesmo...
- 01:41:03 – SOCORRO FERRAZ** – Cicatrizes irregulares na face lateral esquerda do rosto e filetes sanguíneos e coágulos no tronco, na face anterior, com as seguintes lesões: circular de bordos irregulares, orientados para dentro, avermelhados, medindo dez milímetros de diâmetro, na região clavicular esquerda, e penetrante do tórax, orifício de entrada. E circular de bordos irregulares, voltados para fora, medindo dez milímetros de diâmetro, na região mamária direita, orifício de saída, então o tiro foi pelas costas. Aqui...
- 01:41:46 – GILBERTO MARQUES** – Entra de um lado, sai do outro...
- 01:41:49 – SOCORRO FERRAZ** – É. O tiro foi pelas costas. Orifício de saída e cisão...aí
- 01:41:52 – GILBERTOMARQUES** – (...) Teria sido transfixante!! Se houve esse desvio...
- 01:41:54 – SOCORRO FERRAZ** – Aqui está muito claro.
- 01:41:58 – GILBERTO MARQUES** – Se houve o desvio, ele foi dado de lado.
- 01:42:00 – NADJA BRAYNER** – Como Socorro? Socorro... está claro o que exatamente?
- 01:42:09 – SOCORRO FERRAZ** – Ficou claro que a bala entrou pelas costas e saiu pela região mamária. Região mamária na frente. Tá claro.
- 01:42:17 – GILBERTO MARQUES** – Mas saiu ...entrou por um lado, saiu pelo outro...é isso que quero...entrou pelo lado esquerdo, e saiu do lado direito. É o que eu ouvi...na região mamária direita...
- 01:42:29 – NADJA BRAYNER** – Socorro, no microfone, por favor!
- 01:42:32 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO** – Região clavicular esquerda e sai na mamária direita...
- 01:42:35 – GILBERTO MARQUES** – É na mamária direita...entrou pelo lado esquerdo e saiu pelo direito. Essa manobra não é muito compatível com o calibre de uma força de um 45...
- 01:42:42 – CLÁUDIO GUERRA** – (...) Mas caracteriza que foi dado de trás, que mudou a ...a trajetória...
- 01:42:48 – GILBERTO MARQUES** – A trajetória do projétil dentro...pode acontecer, mas não é comum no caso do tiro de pistola 45. Principalmente na região atingida. Que é a região que não tem osso, de muita...
- 01:42:59 – CLÁUDIO GUERRA** – A ...a bala...a 45 ela não é perfurante...
- 01:43:06 – GILBERTO MARQUES** – É, exatamente...
- 01:43:07 – CLÁUDIO GUERRA** – Ela não é perfurante, ela pode...
- 01:43:11 – GILBERTO MARQUES** – Por isso que ele caiu, que ele foi jogado no chão, projetado no chão na mesma hora. Se fosse perfurante, ele podia ter ficado até de pé.

01:43:18 – NADJA BRAYNER – Só uma...o senhor falou que ele vinha andando, né? O senhor percebeu na forma que ele vinha andando, se ele vinha muito apressado, se ele vinha assustado, se...não é porque, se ele tinha sido, vamos supor, que ele tivesse sido preso, tivesse sido solto, né? É...há uma suposição de que ele caminhasse rápido para tentar chegar a um lugar e, enfim, se esconder, qualquer coisa desse tipo. Fugir...

01:43:50 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, não deu pra...

01:43:56 – NADJA BRAYNER - Perceber nada? Do comportamento dele?

01:43:57 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não...porque eu não tinha assim...quando você tá numa ação assim, né? Você num, num...hoje eu queria ter mais coisa pra falar e mais dados para ajudar, mas num tem...eu gostaria de ter mais dados que pudesse auxiliar a Comissão na ...ter certeza que foi ele ali, mas vai ficando uma dúvida agora...mas, nesse dia foi executada uma pessoa, hoje, pelo que foi me falado pelos escritores que investigaram, nós chegamos a conclusão que seja o Aleixo, mas, se tem outra pessoa que também foi executada naquele mesmo dia, então é...por isso que eu...

01:44:43 – MANOEL MORAES – Doutora Socorro...

01:44:44 – SOCORRO FERRAZ – Eu gostaria de esclarecer que o Aleixo foi preso várias vezes. Em toda a sua...

01:44:52 – CLÁUDIO GUERRA – Só um minutinho...vou só esclarecer...eu dei um dado para a Comissão que é verdadeiro. Toda a perícia que envolve o pessoal da esquerda foi feita de acordo com o que a autoridade quer. Eu pergunto se ele foi torturado, se ele tava preso, a perícia aí dá as lesões da tortura dele? Pois é, você vê que é uma perícia mentirosa.

01:45:17 – SOCORRO FERRAZ – Mas pelo tempo, a tortura não teria sido tão violenta, porque ele já estava marcado para morrer. Se o senhor veio com a antecedência de um dia, se ele está preso no outro dia, então era pra matar, não era para torturar. Aleixo foi preso várias vezes. Cumpriu pena na casa de detenção, sabe? Então, ele provavelmente pensou que teria sido levado por policiais, isso é algo provável, e na hora foi solto, porque ele foi várias vezes abordado assim. Por isso que a pergunta da doutora Nadja é nesse sentido. Ele estava aflito? Não. Ele achou que ia ...se não ele teria corrido. Ele, ele...entendeu? porque não houve tempo de torturá-lo...ele pode ter levado algum...(?), alguma coisa assim...mas na realidade, o senhor veio já com uma pessoa marcada para morrer. Já tinham decidido a morte dele. Porque eu acho que já tinham decidido a morte de todos os que faziam parte do Partido Comunista Revolucionário.

01:46:29 – CLÁUDIO GUERRA – Saiu o Fleury lá de São Paulo, com uma equipe e veio para aqui para Recife para fazer essas prisões...

01:46:36 – SOCORRO FERRAZ – E o senhor veio com ele nessa ocasião?

01:46:38 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não...

01:46:39 – SOCORRO FERRAZ – Ah, veio fazer as prisões dos outros...

01:46:41 – CLÁUDIO GUERRA – Eles vieram pra aqui e ficaram com...aqui, e fizeram aqui um...os três foram pegos pela equipe do Fleury.

01:46:49 – MANOEL MORAES – Essa equipe...

01:46:53 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Cláudio... Manoel, só um minuto, só uma questão bem objetiva...o senhor respondendo a doutro Manoel, disse que a pessoa em quem atirou era uma pessoa mais alta do que o senhor. O senhor teria ideia da altura aproximada dessa pessoa? Se o senhor quiser ficar em pé...

01:47:07 – CLÁUDIO GUERRA – Do que faleceu? É mais alto que eu sim. Era mais alto que eu sim.

00:47:14 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Agora, muito mais...o senhor tem que altura?

01:47:15 – CLÁUDIO GUERRA – Ah...eu sou baixinho...eu era um metro e sessenta e oito...

01:47:20 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – O senhor tem um metro e sessenta e oito? Tinha um metro e sessenta e dois, o Manoel Aleixo...

01:47:24 – SOCORRO FERRAZ – Um metro e?

01:47:25 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Um metro e sessenta e dois.

01:47:28 – CLÁUDIO GUERRA – Mas num era baixinho igual a mim, assim não...era um pouquinho mais alto...

01:47:29 – NADJA BRAYNER – Olhe, pela foto, pela compleição, né? Indica que ele era uma...

01:47:37 – HUMBERTO VIERA DE MELO – Aí é a questão da foto de tórax...a foto de tórax quer dizer nada...

01:47:42 – MANOEL MORAES – É a altura dele podia ser menor...se tá dizendo que era menor...

01:47:44 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Aqui ó, aqui...tem..é...vou ler aqui “Manoel Aleixo, sexo masculino, apresentando 35 anos de idade, cor parda, cabelos pretos, barba feita”, na foto ali ele tá de cavanhaque e bigode, e “de um metro e sessenta e dois centímetros de comprimento, Apresentando sinal de pequeno bigode.”.

01:48:06 – MANOEL MORAES – Menor que o senhor...

01:48:08 – NADJA BRAYNER – É. Tipo forte, né?

01:48:12 – MANOEL MORAES – Nessa equipe, que o senhor disse que veio pra cá, de Fleury, no depoimento de Gilberto Prata, ele fala da vinda aqui de Fleury várias vezes, em Recife, principalmente depois de 71, 72, 73. Em 73, ele chega a dizer três vezes. E ele fala de uma equipe, doutor Ribamar, Bina, Onofre...É...o senhor sabe dizer se aqui tinha...é...Ferreira, alguém assim com o nome Ferreira? O senhor chegou a ter contato, tenente Ferreira...ele tinha um codinome...

01:48:47 – CLÁUDIO GUERRA – Não...eu sei o nome desse pessoal todo, eu não vou dar agora, eu sei o nome porque eu...fui ler, a respeito, então eu sei. Mas na época eu não sabia...

01:48:57 – MANOEL MORAES – Mas, por exemplo, essa pessoa, eu acho que é Ferreira, não sei se o senhor lembra, é um...ele prestou depoimento aqui na Comissão e disse que fez um curso, inclusive, numa escola de formação chamada Escola das Américas, se eu não me engano. Foi treinado...o senhor conheceu ele nessa formação, o senhor teve notícia que ele foi...porque essas pessoas para ir para a Escola das Américas...é uma seleção, né? É como se fosse...

01:49:12 – CLÁUDIO GUERRA – É famosa essa escola...

01:49:19 – NADJA BRAYNER – Esse curso....isso foi em 69...agosto...

01:49:27 – MANOEL MORAES – Ele já prestou depoimento, tem colaborado com a Comissão, mas o senhor teve contato com ele, essa pessoa?

01:49:34 – CLÁUDIO GUERRA – Só se foi com codinome, porque ninguém usava outro nome certo...

01:49:38 – MANOEL MORAES – Mas o senhor já ouviu falar dessa pessoa? Tenente Ferreira?

01:49:42 – CLÁUDIO GUERRA – Não.

01:49:43 – MANOEL MORAIS – Nem na imprensa nacional...em função de algum tipo de notícia?

01:49:47 – CLÁUDIO GUERRA – Não...não to lembrado...

01:49:51 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – O Moacyr Sales...o senhor cita o Moacyr Sales no livro. O senhor chegou a ter contato com ele?

01:49:55 – CLÁUDIO GUERRA – Não.

01:49:56 – HUMBERTO VIEIRA DE MELO – Porque na época o senhor dizia que ele era o chefe do Silvestre. Na verdade o diretor do Dops era o Moacyr Sales

01:50:04 – CLÁUDIO GUERRA – Eu sei que era, mas não tive...hoje eu tenho conhecimento que ele era o chefe do Dops, então não...

01:50:11 – MANOEL MORAES – Doutora Socorro...

01:50:16 – SOCORRO FERRAZ – Senhor Cláudio, o que o senhor sabe sobre o Carioca? Esse policial do Rio do Janeiro que ditou o livro para uma jornalista também, o livro se chama “Sem Vestígios”. Qual era a sua relação com ele?

01:50:33 – CLÁUDIO GUERRA – Carioca?

01:50:36 – SOCORRO FERRAZ – Carioca. Quem é esse Carioca?

01:50:39 – MANOEL MORAES – O senhor chega a citar no seu depoimento no Ministério Público. Conheceu um Carioca...

01:50:45 – CLÁUDIO GUERRA – É...eu conheci um Carioca, mas não é, não sei se é o mesmo, nós ...

01:50:49 – MANOEL MORAES – Eu posso lhe mostrar uma foto? No livro de Taís, que doutora Socorro fala, tem uma foto e não tem a identificação dele. O senhor poderia tentar identificá-lo?

01:49:58 – CLÁUDIO GUERRA – Deixa eu ver se é o que eu conheço...

01:51:17 – MANOEL MORAES – Nesse livro chega a dizer que o Carioca está nessa foto...

01:51:19 – CLÁUDIO GUERRA – Não...o...o...deixa eu...(...) eu não sei se é o mesmo nome. Esse que tá em pé aqui. Esse eu conheço, não conheci...agora o nome dele...

01:51:40 – MANOEL MORAES – É porque a gente não tem essa frase na projeção...tem no livro

01:51:43 – CLÁUDIO GUERRA – O nome que essa pessoa...que dava...deixa eu lembrar aqui... (...) meu Deus do céu...eu vou lembrar o nome dele. Esse aqui. Não sei se esse é o Carioca, mas esse eu conheci, pode ser que ele tenha o nome de Carioca. Esse...

01:52:04 – SOCORROFERRAZ – E o senhor conheceu com que nome?

01:52:05 – CLÁUDIO GUERRA – Pois é...eu querendo lembrar aqui...eu vou lembrar, antes de terminar eu vou lembrar...nós vamos ficar até amanhã, eu lembro isso aqui...não. Esse aqui eu lembro, ...eu lembro desse, agora ...quem sumiu...

01:52:35 – SOCORRO FERRAZ – (Falando fora do microfone) (...) Ele era muito ligado ao , na época, só um minutinho, ele era muito ligado ao Cel. Bandeira...

01:52:39 – NADJA BRAYNER – No microfone, por favor...

01:52:47 – SOCORRO FERRAZ – Nós estamos aqui tentando relembrar, porque o senhor Cláudio diz que conheceu uma pessoa que está aqui na foto, e a foto tem um título que diz o seguinte “Os agentes secretos no Araguaia”, e como o Carioca era a pessoa da maior confiança do General Bandeira, ele fala todas as ações do General Bandeira com ele, e no livro ele aparece com o codinome de Carioca. E ele está localizando uma pessoa aqui na fotografia que ele reconhece. Mas que vai tentar relembrar o nome dele.

01:53:36 – NADJA BRAYNER – Reconheceu uma pessoa?

01:53:43 – MANOEL MORAES – Deixa ele terminar (as pessoas voltam a conversar ao fundo, fora do microfone)...deixa ele terminar...

01:53:54 – CLÁUDIO GUERRA – A pessoa que eu estou reconhecendo aqui e não estou lembrando o nome, ele passou a pertencer à equipe do doutor Pablo, do Coronel Paulo Malhães. Eu tenho algumas anotações, tá no hotel, eu vou ver se eu lembro do nome que ele usava pra poder passar para a Comissão. Porque...do Araguaia, eu entrei depois...né? aliás, entrei não, eu não participei...então, eu conheço algumas pessoas que participaram que vieram aqui, esse aqui é um deles. Que eu vou ver se identifico para a Comissão. O próprio coronel teve lá também. Esses coronéis trabalharam muito tempo no Araguaia. O Brandt teve...e sumiu com todo o arquivo...

01:54:45 – MANOEL MORAES – O Brandt é que é o César? Exatamente...

01:54:48 – CLÁUDIO GUERRA – Ele sumiu com toda a prova que tinha do Araguaia, desapareceu com tudo...ele, foram dois coronéis que tiveram lá, Coronel Brandt...e o Paulo Malhães. Eles que foram os autores de sumir com toda a coisa de lá...

01:55:04 – MANOEL MORAES – O senhor chegou a ver essa pessoa? Sabe quem é essa pessoa? Conheceria essa pessoa?

01:55:14 – CLÁUDIO GUERRA – Essa foto foi mostrada agora, recente, dizendo que era o ...a pessoa que me mostrou falou que era o Cervera novo, não sei se é...

01:55:24 – MANOEL MORAES – Como é o nome?

01:55:26 – CLÁUDIO GUERRA – Cervera.

01:55:27 – MANOEL MORAIS – Cervera?

01:55:29 – CLÁUDIO GUERRA – É. Então mostraram uma foto igual, igualzinha a essa aí, dizendo que era o Cervera. (alguém faz uma pergunta fora do microfone, inaudível) Isso aí eu não sei, uma foto parecida com essa aí, porque foto é uma coisa muito difícil, né?

01:55:41 – MANOEL MORAES – É claro...não, claro...a gente só tá tentando fazer um exercício. Nesse caso é a foto mais atual. O senhor não reconhece? (...) Esse é o Ferreira dos Anjos.

01:56:01 – CLÁUDIO GUERRA – Ah...por isso que eu...

01:56:04 – MANOEL MORAES – Bem. A gente tinha ...tirado...(Cláudio Guerra fala algo) Fique à vontade! Nós tínhamos pensado, doutor Cláudio, a todos aqui, um intervalo pra dez minutos, pra gente fazer, então, depois disso, uma retomada, tá certo, então?

01:56:19 – NADJA BRAYNER – A gente Faz um lanche rápido, porque tem muitas questões...

01:56:23 – MANOEL MORAES - Tem que a gente ainda vai entrar...

01:56:25 – CLÁUDIO GUERRA – (...) Viemos só para isso mesmo...

01:56:25 – MANOEL MORAES – Sou grato a todos, então, fazemos um intervalo de dez minutos...

00:14 – FERNANDO COELHO – Está reaberta a sessão. Com a palavra, o doutor Manoel Morais.

00:19 – MANOEL MORAES – Doutor Cláudio, nesse caminho que o senhor vinha relatando, retomando um pouco esse diálogo, o senhor falou dos incineramentos (?), dos corpos que foram incinerados, o senhor pode, por favor, completar a informação? Quais são os corpos que o senhor incinerou? (que) o senhor levou para a usina, em Campos?

00:43 – CLÁUDIO GUERRA – João Batista Rita, Joaquim Pires Cervera, Ana Rosa, Wilson...Wilson Silva, Davi Capistrano, João Macena Melo, Fernando Santa Cruz, Eduardo ...

01:14 – MANOEL MORAIS – Collier?

01:15 – CLÁUDIO GUERRA – Eduardo Collier Filho, José Roman, Luiz Maranhão, Armando Teixeira Frutuoso e Tomás Antônio Meireles.

01:26 – MANOEL MORAIS – Que o Tenente Odilon é em oitenta e um, não é?

01:28 – CLÁUDIO GUERRA – E tem o Tenente Odilon que foi executado lá na usina, na casa do filho do proprietário da usina, e também ali cremado.

01:37 – MANOEL MORAES – É...veja: no microfone Franca...

01:48 – ROBERTO FRANCA – Eu posso ter me enganado, mas eu julguei que ele tivesse falado que, além desses, existiriam mais dois...

01:53 – CLÁUDIO GUERRA – Porque no livro só está contando dez. E tem mais dois que eu acrescentei, tá nessa relação aqui. Aliás, na relação...eu posso até três, porque tem o Tenente Odilon, também. E tem mais pessoas lá, viu? Não que eu levei, mas o Coronel Perdigão levou, também. Um já foi, me parece, em oitenta e dois. Nós não chegamos a descobrir quem era. Mas esse ficou evidenciado, até uma pessoa lá no Espírito Santo, uma ex-companheira, ela...nós estávamos numa festa de aniversário, na casa do João, filho do dono da usina, e chegou o Coronel Perdigão, mas duas pessoas que o acompanhavam, querendo que eu fosse com ele até a usina (por) que tinha um corpo para cremar. Então essa pessoa, essa companheira que estava lá, nome dela é Célia, ela não presenciou, mas ela viu o que se estava fazendo. Não sabia também que nós tínhamos levado para cremar no forno, ela achava que ele tinha sido queimado num canavial. Ainda porque nós chegamos com cheiro de queimado, ela...dedução, mas ela sabe desse fato. Aí é um dos que o Coronel Perdigão levou que eu não sei quem é.

03:22 – ROBERTO FRANCA – Cláudio, é...só Manoel...

03:23 – MANOEL MORAES – Claro, claro...

03:35 – ROBERTO FRANCA – É que o senhor falou que os corpos chegavam ensacados. Em algum momento, eu não sei se foi em algum depoimento posterior ao livro, que o senhor fala que verificava antes...eu não sei. Eles eram cremados nos sacos ou eles eram ... quer dizer, como é que o senhor identifica depois... abriu os sacos, e tal...

03:48 – CLÁUDIO GUERRA – Não...a gente olhava...a gente olhava. É tanto que eu descrevo algumas condições em que os corpos estavam, porque a gente olhava. Curiosidade, né? Agora era jogado no saco, porque é...com...eles pegavam, né? Aí eu não pegava, tinha uns policiais que faziam isso mais o pessoal da usina, e colocavam na coisa...ensacado.

04:12 – MANOEL MORAES – O senhor sabe precisar, doutor Cláudio, o período que o senhor pegou os corpos de Eduardo (Collier) e Fernando Santa Cruz? Era...

04:20 – CLÁUDIO GUERRA – Eu tenho essa data num...foi parecer 74, ou 75, eu tenho essa data anotada, eu já forneci essa data, mas agora aqui na memória eu não sei precisar, mas a data confere...

04:35 – MANOEL MORAES – O desaparecimento é de 23 de fevereiro de 74...

04:41 – CLÁUDIO GUERRA – É isso mesmo...foi no ano de 74...Porque eu esclareci isso, é...o período meu de apenas executor foi de 73...e depois eu passei a ter um cargo mais elevado, lá dentro.

04:55 – MANOEL MORAIS – A partir das buscas que a família fez, para identificar a Fernando (Santa Cruz), e Eduardo Collier, eles chegaram a um agente carcereiro chamado Marechal. O senhor sabe quem é Marechal? O nome, porque Marechal deve ser um codinome...não é?

05:11 – CLÁUDIO GUERRA – É...eu não sei quem é o Marechal, eu já procurei esses dias, eu não cheguei a saber, só que ele era o carcereiro. Mas quem torturou esse...aí foi o...qual que vocês estavam falando?

05:31 – ROBERTO FRANCA – Fernando (Santa Cruz) e Eduardo Collier...

05:33 – NADJA BRAYNER – Fernando Santa Cruz...

05:34 – MANOEL MORAES – Fernando Santa Cruz e Eduardo Collier.

05:35 – CLÁUDIO GUERRA – Eles foram torturados mesmo foi pelo...os dois estão vivos, que é o Coronel Paulo Malhães, que mora em Nova Iguaçu, e pelo...o Brandt também estava na prisão dele...

05:51 – MANOEL MORAES – Quem?

05:53 – CLÁUDIO GUERRA – Coronel Brandt, que é o César.

05:54 – MANOEL MORAES – O Brandt, o César?

05:55 – CLÁUDIO GUERRA – É...

05:56 – MANOEL MORAES – Teria torturado Fernando

05:56 – CLÁUDIO GUERRA – Também na tortura lá na casa da morte...

05:58 – MANOEL MORAIS – O senhor já ouviu falar... na casa da morte há depoimentos de três equipes, e chegam a se dizer da presença de agentes nessas equipes. Que se distribuía, equipe A, B e C. O senhor poderia confirmar a presença dessas equipes e quem compunha cada equipe? Ou pelo menos quem presidia?

06:19 – CLÁUDIO GUERRA – A composição das equipes nós não sabíamos. Eu não sei, que eu não sabia do outro. Eu sabia da chefia...

06:26 – MANOEL MORAES – Pronto.

06:28 – CLÁUDIO GUERRA – Chefia era o Coronel Perdigão e o Paulo Malhães. E o Brandt.

06:36 – MANOEL MORAES – E...o Inocêncio Fabrício Matos Beltrão, Homero César Machado e Maurício Lopes de Lima? O senhor já ouviu falar? Vou repetir...Homero César...

06:49 – CLAUDIO GUERRA – Só se for gente com codinome...

06:53 – NADJA BRAYNER – Manoel...o Maurício, inclusive, eu acho que é Etiene Romeu que faz referência ao doutor Maurício, não é isso?

07:04 – MANOEL MORAES – É. Mauricio.

07:06 – NADJA BRAYNER – Da casa da morte de Petrópolis, não é?

07:09 – CLÁUDIO GUERRA – É, mas da casa da morte que eu conheci, foram esses coronéis. Que era a chefia de lá.

07:14 – MANOEL MORAIS – Mas o Homero Machado e ...o senhor já ouviu falar de Homero Machado?

07:20 – CLÁUDIO GUERRA – Deve ser com codinome...agora o que eu...uma sugestão minha, que deve se empenhar é em cima do Coronel Malhães, que está vivo, e que já falou um pouco para o Paulo Otávio, né?...

07:33 – NADJA BRAYNER – Deu uma entrevista na Globo...é...

07:36 – CLÁUDIO GUERRA – Eu acho que se for nele, eu acho que consegue alguma coisa. Se ele já falou um pouco, ele vai falar mais. Ele assumiu que levava Jacaré, uma cobra para torturar os presos, que só saiu a Etiene, saiu com vida de lá, ele confirma isso. Quer dizer, então...e confirma do doutor Flávio, confirma que tinha um delegado do Espírito Santo, ele não fala nome. Fala que o doutor Flávio acompanhava um delegado do Espírito Santo, que era eu...

07:59 – MANOEL MORAES – Um militar chamado Óros Azambuja?

08:02 – CLÁUDIO GUERRA – Oi?

08:03 – MANOEL MORAES – Óros Azambuja...já ouviu falar?

08:06 – CLÁUDIO GUERRA – (...) Eu não...porque eu seria, assim...eu depois, depois é que eu fiquei sabendo os nomes dessas pessoas. Eu não to...vou ter que...o que eu sei e que eu...o que eu soube depois, seria...assim...não seria leal da minha parte estar falando, porque eu passei a saber depois. Senão eu estaria dando uma informação que é a que eu não sabia, eu vim saber.

08:33 – NADJA BRAYNER – Manoel...se me permite. Veja só: é...quando o senhor estava falando sobre o caso de Manoel Aleixo, o senhor falou – que eu pergunte, não é? Ao ele se aproximar, se o senhor tinha observado alguma coisa no comportamento dele. De quem estava apressado, querendo fugir, enfim...se tinha alguma coisa diferente. O senhor disse que não percebeu, ou até porque estava ligado, não se ligava nessas coisas, naquele momento e tal. Aí eu tinha a seguinte questão: os corpos que o senhor viu, que o senhor é...que levou, que tempo o senhor teve para fixar cada uma dessas fisionomias que permitiu depois, através da imprensa e de fotos publicadas, o senhor reter aquelas imagens e identificar? Porque eu suponho que também o tempo tenha sido pequeno.

09:28 – CLÁUDIO GUERRA – Pois não. É...eu só...o que é que me levou, da mesma maneira que levou a falar que era o Aleixo, é a mesma dedução que levou eu afirmar que são essas pessoas: as datas. E, eu não posso chegar e falara assim “Ah, eu reconheci o Cervera porque ele era desse jeito!”, não. Reconheci por causa das datas, ele especificamente porque o Coronel falou que era um coronel, que estava sendo, que tava levando. Ele era major, mas para o Exército ele era coronel. Porque ele tinha ido para a reserva. E as outras pessoas: todas batem com as datas que fui apanhar. Essas datas eu tinha, eu tenho elas anotadas, da época, aí fui falando para os escritores e eles fora buscando e trazendo. Aí com o livro que eu recebi do Ministério da Justiça, que tem as fotos de todos, e as datas, todas precisas, aí achei que poderia afirmar que seriam aquelas. Não tinha nem como ser visualmente, falar assim: pelo rosto, é fulano...desfigurados...a maioria você não conseguia saber quem era.

10:47 – NADJA BRAYNER – Veja...porque no caso de Fernando , Fernando Santa Cruz, o senhor disse que depois identificou como sendo ele. Não é? Aí esse é o meu questionamento, quer dizer...tá bom, tá certo que as datas, mas foram mortas muitas pessoas, com datas próximas, poderiam se outras...

11:15 – CLÁUDIO GUERRA – Não...mas é ...não, mas ali, pra casa da morte...e o que é que me levou também a ter certeza, porque a gente sabia dos comentários, né? Isso aí eu acho que eu cheguei a esclarecer no livro, que ...comentários de quem tava na casa da morte, nos bastidores a gente ficava sabendo de muita coisa que não era oficial, mas era dado que a gente sabia.

11:30 –NADJA BRAYNER – Perguntando de outra forma: o senhor teve informações de nomes de pessoas que estariam lá, e que, á medida que o senhor levou esses corpos e depois soube...

11:42 – CLÁUDIO GUERRA – Que desapareceram...

11:48 – NADJA BRAYNER - ...das datas, o senhor fechou! Mas o senhor teve informações de nomes de pessoas.

11:50 – CLÁUDIO GUERRA – Como? Ah, nomes? Tive...tive..

11:51 – NADJA BRAYNER – O senhor ouviu falar que Fernando Santa Cruz e Eduardo Collier...teriam sido levados pra lá? ...com certeza?

11:56 – CLÁUDIO GUERRA – Com certeza, com certeza...certeza absoluta!

12:02 – ROBERTO FRANCA – Só para complementar. O nome “Casa da Morte” era conhecido, quer dizer, era mencionado como este nome, não?

12:08 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não...era Codam, Codão...era uma extensão do SNI. Um cordão, um braço.

12:20 – ROBERTO FRANCA – Era conhecido com esse nome internamente?

12:23 – CLÁUDIO GUERRA – Casa da Morte foi depois que estourou a coisa, ...

12:29 – MANOEL MORAES – Doutor Gilberto.

12:31 – GILBERTO MARQUES – Doutor Cláudio, me perdoe voltar com o mesmo assunto. Mas eu me esqueci de fazer uma pergunta que é fundamental, dentro da identificação da arma, inclusive. O senhor me disse que usou uma pistola calibre 45. Qual é a marca dessa pistola?

12:50 – CLÁUDIO GUERRA – Era uma Colt 45...

12:54 – GILBERTO MARQUES – Colt 45, então era ...é uma marca americana?

12:56 – CLÁUDIO GUERRA – É uma marca Americana.

12:58 – GILBERTO MARQUES – E qual era a munição? Que tipo de munição vocês usavam?

13:00 – CLÁUDIO GUERRA – Era a munição também americana Sting.

13:03 – GILBERTO MARQUES – É a que se chama de Hollypoint?

13:07 – CLÁUDIO GUERRA - É hollypoint.

13:08 – GILBERTO MARQUES – Qual é a característica da hollypoint? Pelo que eu me lembro, eu não sei se o senhor vai concordar comigo, ela é vazada na cabeça...e quando, facilita a penetração, no entanto, depois de romper a primeira parede, ela se abre...

13:27 – CLÁUDIO GUERRA - E causa uma lesão maior...

13:28 – GILBERTO MARQUES - No caso do ferimento transfixante, a saída, por obrigatório, é maior...bem maior do que o ferimento de entrada. As características não ficam só nas bordas revertidas, mas também aumenta o diâmetro...

13:51- CLÁUDIO GUERRA – Do ferimento interno e da saída.

13:54 – GILBERTO MARQUES – E também não teria a forma circular, ele passa a ser ovalar ou com uma figura distorcida, mas certamente não seria circular. Quando ela consegue sair...

14:14 – CLÁUDIO GUERRA – Sai mais deformada...

14:15 – GILBERTO MARQUES – Por que ela abre desse jeito, não é isso?

14:17 – CLÁUDIO GUERRA – Ela não faz um...igual a uma munição comum, não fica aquele desenho certo, que fica como se estivesse espalhada. Distorce a saída.

14:27 – GILBERTO MARQUES – Ainda tem uma outra que é mais perigosa. É a que o vulgo chamava de “dundum”, que tem uma pequena espoleta com outra quantidade de pólvora que destrói...dispara...

14:38 – CLÁUDIO GUERRA – É mas não foi essa, não. Foi a hollypoint a munição.

14:42 – GILBERTO MARQUES – A hollypoint comum?

14:45 – CLÁUDIO GUERRA – hollypoint...

14:46 – GILBERTO MARQUES – Que também tem uma força maior na carga de pólvora que a aciona.

14:50 – CLÁUDIO GUERRA – Positivo.

14:51 – GILBERTO MARQUES – Ela tem uma for..um impacto ainda maior.

14:53 – CLÁUDIO GUERRA – E as lesões causadas geralmente são mortais. Se bater na região peito, abdômen, não tem...por isso a certeza que estava a morto.

15:03 – GILBERTO MARQUES – E deixa fragmento. Também ela deixa...dentro do corpo.

15:03 – CLÁUDIO GUERRA – Costuma deixar fragmento...

15:08 – GILBERTO MARQUES – Ela não sai inteira, não é? O projétil não sai inteiro,...

15:17 – CLÁUDIO GUERRA – Não sai, geralmente ela...

15:18 – GILBERTO MARQUES – Eu estou vendo aqui na nossa perícia tanatoscópica que o ferimento de entrada é um ferimento ovalar, circular de dez milímetros de diâmetro.

15:32 – CLÁUDIO GUERRA – Confere.

15:33- GILBERTO MARQUES – Na primeira ocasião o senhor aceitou que dez milímetros de diâmetro seria compatível com o calibre 45 naquela distância em que foi pronunciado, por se tratar de pistola.

15:42 – CLÁUDIO GUERRA – Positivo.

15:45 – GILBERTO MARQUES – No entanto, o ferimento de saída tá anotado: dez milímetros de diâmetro, ferimento ovalar, aí é incompatível. Não tem a menor possibilidade na minha ótica, eu não sei se o senhor concorda comigo, como perito na matéria, e inclusive usuário da arma, e conhecedor da resposta, se esse ferimento incompatibiliza completamente com a arma que o senhor utilizou...

16:20 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, é...como é o nome doeu esqueço o nome do doutor que está falando...

16:25 – MANOEL MORAES – Gilberto...doutor Gilberto Marques.

16:27 – CLÁUDIO GUERRA – O...só podia só atentar para ...

16:31 – GILBERTO MARQUES – Eu me esqueci de repetir o nome. Eu disse da primeira vez, mas querer que o senhor se lembre depois do almoço é complicado, né? (risos)

16:39 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não...eu esqueci...olha, veja bem, é... o senhor tá esquecendo só de uma coisa. O senhor tá olhando o que o perito escreveu aí.

16:48 – GILBERTO MARQUES – A descrição é pelo médico legista ou, na verdade, pelos dois legistas que fizeram parte da equipe, que certamente são dois. Na época isso era obrigatório...

17:02 – CLÁUDIO GUERRA – Deixa eu explicar para o senhor: eu vou citar um caso específico, acho que o Perli conhece. Um pistoleiro, lá no Espírito Santo, tinha feito umas trapalhadas lá e o juiz decretou a prisão, hoje desembargador, eles falaram que o pistoleiro disse

que ia matar o juiz. Eu fui para a porta do Fórum na ...no, na prainha, onde era o Fórum, posicionando o Perli ali, em frente a um bar (?), eu vi quando esse pistoleiro estava vindo. Eu executei ele com o meu 45, tiro de 45, a perícia falou que era 38. Só para o senhor ver como é que...e pra quê? Para poder beneficiar, porque eu era o delegado, na hora eu me omiti, eu me omiti, não, pus um policial como o atirador, pra ele poder lavar o auto de resistência. Então, mostrando para o senhor que a perícia aí ...

18:12 – GILBERTO MARQUES – Qual era a arma que a polícia civil costumava usar naquela época?

18:15 – CLÁUDIO GUERRA – É 38. Nós...

18:16 – GILBERTO MARQUES – Na época? Como ...um momento, comumente era...

18:20 – CLÁUDIO GUERRA – Nós usávamos 45 porque tínhamos privilégio. Eu usava 45 porque o SNI me fornecia, o Exército...não só pra mim, mas para todos...

18:29 – GILBERTO MARQUES – Esse calibre era, portanto, privativo das Forças Armadas?

18:32 – CLÁUDIO GUERRA – Das Forças Armadas,...

18:32 – GILBERTO MARQUES – A polícia usava o revólver 38?

18:36 – CLÁUDIO GUERRA – Hoje, algumas usam a ponto quarenta, mas..

18:40 – GILBERTO MARQUES – Que é um pouquinho maior...mas é bem menor do que o 45 ainda...

18:43- CLÁUDIO GUERRA – Com certeza.

18:44 – GILBERTO MARQUES – E a pistola, na época...a polícia usava revólver, se eu não me engano. Eu não me lembro de calibre 38, nem de pistola naquele tempo. Portanto, ...então a gente pode concluir que são dois médicos legistas que assinam a perícia...

19:00 – CLÁUDIO GUERRA – O Herzog... foi, dois médicos assinaram que ele tinha sido enfor...tinha se suicidado. Está provado que ele foi executado.

19:11 – GILBERTO MARQUES – Não...mas uma coisa é certa: o ferimento de entrada e o ferimento de saída serem da mesma espessura, mesmo quando se trata de outro calibre, é esquisito. Porque na entrada, é uma coisa. Na saída, é outra.

19:26 – CLÁUDIO GUERRA – OH, igual você fala...o senhor mencionou que o senhor é advogado pela experiência de, talvez, na área criminal. Essa munição realmente ela...quando ela bate, ela abre e, às vezes, se despedaça. Aí diz se ficou algum resto no corpo dele? Se saiu só o pedaço?

19:49 – GILBERTO MARQUES – Não.

19:50 – CLÁUDIO GUERRA – Abriu ele pra ver se tinha pedaço dentro dele?

19:53 – GILBERTO MARQUES – Não, ele foi aberto! Na descrição do exame interno nós vamos encontrar...os órgãos que foram atingidos, e, diz a perícia, ã...cavidade torácica e

abdominal. Pericárdio sem lesão macroscópica; coração violáceo, com válvula nórdica suficiente à prova d'água. Se...é...as cavidades pleurais com sangue; fratura na sexta costela direita de forma circular e irregular. A lesão do primeiro espaço...

20:39 – CLÁUDIO GUERRA – Aí é só descrevendo ...

20:43 – GILBERTO MARQUES – A parte interna, agora o senhor vai ver o que não tem...

20:45 – CLÁUDIO GUERRA – Não, aí a descrição seria de um trinta e oito. A descrição que está aí. Se for baseado nesse laudo, não é o Aleixo, que eu executei, se baseado nesse laudo. Mas eu acho que o objetivo é saber se é o Aleixo. Eu que quem eu executei ali é o Aleixo. Pela data, pelo local...

21:07 – GILBERTO MARQUES – Olhando direitinho...

21:09 – CLÁUDIO GUERRA – Se não foi...eu poderia ter omitido para o senhor que eu usei uma munição hollypoint, eu falei para o senhor, porque eu quero a verdade. Eu não quero dizer “Ah, foi desse jeito!”, não. A verdade. Se é o Aleixo, é ele ali. Se não é, vamos chegar e ver quem foi que morreu naquele dia.

21:26 – GILBERTO MARQUES – Essa perícia oficial, feita no IML por dois médicos, depois da remessa feita pelo delegado de Ribeirão, ...

21:36 – CLÁUDIO GUERRA – Doutor, só uma coisa que eu queria deixar bem claro: as perícias feitas não são confiáveis.

21:42 – GILBERTO MARQUES – Mas se a descrição for essa que está aqui...

21:45 – CLÁUDIO GUERRA – Ah, mas tem que ver se a descrição é essa...

21:47 – GILBERTO MARQUES – Não é compatível com o tiro que o senhor deu na pessoa que o senhor acha que era ele...

21:50 – CLÁUDIO GUERRA – Não...

21:51 – GILBERTO MARQUES – É isso que eu quero saber...

21:51 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não! Aí seria de outra arma, e eu atirei de 45.

21:58 – GILBERTO MARQUES – As lesões são incompatíveis com a munição, com o calibre...e com a forma com o lugar que o senhor diz que atingiu.

22:03 – CLÁUDIO GUERRA – O que está descrito aí...(?) é interessante, né? A entrada confere com uma de 45, só que o resto não confere!

22:11 – GILBERTO MARQUES – É isso...então...

22:11 – CLÁUDIO GUERRA – O perito aí, ele faz um arranjo: a entrada é de uma 45, só que o resto é lesão de 38, virou mágica nesse trajeto aí...que a entrada é de 45. Dez milímetros, onze milímetros.

22:25 – GILBERTO MARQUES – Sem falar no trajeto que faz. Entra de um lado e sai do outro. Entra do lado esquerdo, na região clavicular. É como se o tiro tivesse sido dado de cima para baixo, com a tendência de sair da esquerda para a direita. Não é isso? Clavicular, esquerda, saída, região mamária direita. De cima para baixo.

22:51 – CLÁUDIO GUERRA – É...não foi esse...

22:52 – GILBERTO MARQUES – Não é compatível com o relato que o senhor fez.

22:56 – CLÁUDIO GUERRA – Não.

23:00 – GILBERTO MARQUES – Obrigado, mais uma vez.

23:04 – NADJA BRAYNER – É...veja só: ainda em cima da ...do reconhecimento dessas pessoas que o senhor transportou. Eu estava olhando aqui e a minha pergunta era a seguinte: se o senhor lembra quantas vezes o senhor fez esse trajeto, de levar pessoas...porque, dessas pessoas que o senhor relacionou, existem datas diferentes. Supostamente, claro, porque...a gente não pode saber se morreram exatamente naquela data, mas anos, por exemplo, não é? Tem pessoas que foram num ano, outras em outro...o senhor lembra quantas vezes o senhor fez esse trajeto?

23:46 – CLÁUDIO GUERRA – Na casa da morte parece que foi três vezes, eu acho...e outras, ou mais, né? Porque eu fiz da casa da morte e da...do Batalhão de Barão de Mesquita, da PE. Eu fui várias vezes na casa da morte, só que teve algumas vezes que eram sempre dois. Não é que os dois morriam na mesma hora, não.

24:10 – NADJA BRAYNER – Certo.

24:11 – CLÁUDIO GUERRA – Porque lá, segundo o coronel, tinha um ...um tipo um frigorífico, uma geladeira, né? E o pessoal morria, tava demorando, então põe lá, enquanto isso, né? Não era assim, matou os dois...um dia me perguntou assim “Oh, Cláudio, matavam dois de cada vez?”, não. Morria um...era...na tortura mesmo era...o companheiro ali ia morrer mesmo, né? Ai era entregar dois algumas vezes, e outras vezes um só.

24:41 – NADJA BRAYNER – Porque do total aqui que o senhor relaciona, são 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9,10, 11, 12, 13 pessoas...

24:50 – CLÁUDIO GUERRA – Doze pessoas...

24:51 – MANOEL MORAES – Doze, porque o treze é depois! É em oitenta e um.

24:54 – NADJA BRAYNER – Ah sim. Posteriormente, não é? Aí, veja só, Fernando Santa Cruz e Eduardo Collier, eu registrei aqui, os dois foram...desapareceram exatamente 23, não é? 23 de fevereiro de 74, mas o senhor fez transporte de pessoas em 73. Por exemplo, pela referência que eu tenho aqui, em dezembro de 73, que teria sido João Batista Rita e Joaquim Cervera. A minha pergunta é o seguinte...

25: 39 – CLÁUDIO GUERRA – Isso foram as primeiras pessoas que eu peguei lá na casa da morte...foram esses dois.

25:43 – NADJA BRAYNER – Foram esses dois...exatamente, 73, depois vem 74 e tem também 75. Essa...em 73, Fleury, além de agosto, ele passou aqui também em 73...

26:02 – MANOEL MORAES – Segundo Gilberto Prata, três vezes.

26:04 – NADJA BRAYNER – Exatamente. Segundo o depoimento de Gilberto Prata, ele esteve aqui três vezes e estava focado, naquele momento, em dizimar a APML. Do qual Fernando e Collier eram militantes. E nesse período de 73, ocorreram prisões e também desaparecimentos. Nesse período, morreu Mata Machado, que nós já identificamos, não é? Por que pessoas viram ele aqui no DOI-CODI, ele foi trazido e ele foi reconhecido, e também Gildo Lacerda. Porém tem um desses militantes que sumiu no ar, chamado Umberto Câmara. Era um estudante que foi...era ligado à UNE. Ligado ao Honestino. Muito..., e o Honestino também, os dois sumiram. Então a minha pergunta era em cima dessas duas pessoas. Isso foi em outubro de 73, no início, nos primeiros dias, até dez mais ou menos de outubro de 73. O de Umberto, de todos os casos... tem foto...Rafael, por favor...

27:35 – MANOEL MORAES – Tem foto. De Umberto Câmara.

27:36 – NADJA BRAYNER – Umberto Câmara.... Umberto Câmara e Honestino. De todos esses casos da APML, quer dizer, foi o caso que não se tem notícia nenhuma, nada. Ele foi ao encontro...o que se sabe é o seguinte, ele foi a um encontro com Mata Machada, que vinha sendo seguido, confirmado por Madalena aqui, não é? E no dia 08 de outubro, saiu de casa, ele estava hospedado na casa de um companheiro, e não voltou mais. Oito de outubro, e ninguém tem mais nada sobre ele, nenhum vestígio.

28:18 – CLÁUDIO GUERRA – Qual o lugar que ele desapareceu? Aqui?

28:19 – NADJA BRAYNER – No Rio de Janeiro.

28:20 – CLÁUDIO GUERRA – Então a senhora é...não sabe ...vai ter a resposta disso aí...vai ter a resposta e vai ter a prova com o Coronel Malhães.

28:31 – NADJA BRAYNER – Paulo Malhães...

28:32 – CLÁUDIO GUERRA – Ele que fez essa operação. A equipe dele que fez...

28:35 – NADJA BRAYNER – Foi ele o responsável por essa operação.

28:38 – CLÁUDIO GUERRA – A equipe dele que é a responsável.

28:39 – NADJA BRAYNER – No dia 08 foi Umberto, e no dia 10, Honestino.

28:43 – CLÁUDIO GUERRA – Pode botar é...a equipe dele, e eu creio que ele vai falar, porque se ele falou um pouco, ele vai falar o resto. Ele vai trazer informações também que, segundo ele, é...tem uma, duas pessoas que estariam vivas, e vivendo sem ...bom, foi a última informação que ele deu. Que essas duas pessoas estariam vivas, não essas aí, eu não sei quais eram as pessoas que ele afirma. E que com outra identidade, que a família não sabe, e as pessoas não voltaram e não morreram...Isso é a história que ele conta, não sei da veracidade e se pode ser confirmado. Mas essa operação aí que a senhora falou é operação dele.

28:28 – NADJA BRAYNER – Sim, mas me permita...só, só me permita...

29:32 – ROBERTO FRANCA – Essa certeza de que o Paulo Malhães estaria envolvido nesta operação especificamente por quê, Cláudio, qual é a certeza?

29:39 – CLÁUDIO GUERRA – Quando ela falou o nome ali, me lembrou alguma coisa. Aí eu lembro que das operações que foram dessa época aí, que ele fez essas operações no Rio. Pode somar que...você pode ver que vai, se você pesquisar, quando foi que o Malhães e o Brandt montaram a operação para poder acabar com as lideranças, você vai ver que bate com as datas que eles desaparecerem. Por isso que eu estou dizendo para você, que o Malhães vai poder...

30:11 – NADJA BRAYNER – Mas o senhor tem lembrança desses nomes que eu falei, Umberto...

30:14 – CLÁUDIO GUERRA – Não, quando a senhora falou assim, eu lembrei assim de um...como é que é o nome, quer ver, do último aí...

30:19 – NADJA BRAYNER – Honestino.

30:21 – CLÁUDIO GUERRA – Honestino? Pois é...Hones...

30:23 – NADJA BRAYNER – E Umberto Câmara...

30:24 – CLÁUDIO GUERRA – Umberto?

30:25 – NADJA BRAYNER – Umberto Câmara...Neto

30:27 – CLÁUDIO GUERRA – Pois é...que era...tinha um nome com um (?) de político, não é isso? Mas é o Humberto Campos que foi político, você quando falou me chamou a atenção porque tinha um nome desse aí, que era da equipe, o...ele pode trazer luz para a Comissão.

30:45 – NADJA BRAYNER – Nós vamos colocar a foto de Umberto...

30:54 – CLÁUDIO GUERRA – Eu não vou saber reconhecê-los, eu to dizendo pelo nome...

30:58 – NADJA BRAYNER – Não...a gente só vai colocar porque...de repente, não é?...

31:03 – CLÁUDIO GUERRA – É...pode ser...

31:26 – MANOEL MORAES – Agora, doutor Cláudio...pois não! Então, nessas operações de que o senhor falou, há citações... pois não! Fique à vontade.

31:36 – CLÁUDIO GUERRA – Essa mesma equipe nessa época, sumiram com bastante gente na Bahia, entendeu? Que não foi encontrada ainda. Por isso que eu estou dizendo, é uma pessoa importante, no meu ver, para trazer bastante luz tanto para a Comissão daqui, como a Comissão Nacional, é..o Coronel Paulo Malhães. Seria o ideal tentar ter um diálogo com ele. Eu tinha, eu me prontifiquei até, não é...porque ele, eu ainda não estou podendo viajar à vontade, embora tenha ido no Rio agora, (...) sem escolta, sem nada, é...estou, eu tava até falando para ele, eu estou para sair o meu indulto, saindo esses dias, eu vou poder sair, eu vou atrás do Malhães. Eu tenho certeza que eu, nós, juntos, vai (sic) trazer muito da história completa...porque vai poder esclarecer...

32:37 – MANOEL MORAES – Uma outra per...um outro personagem, doutor Cláudio, eu vou agora fazer umas perguntas ao senhor porque na análise dos depoimentos, fazendo aqui, entenda, a gente vai agora fazer perguntas, no sentido de tentar confrontar depoimentos que se ...é...que são pessoas que narram, como o senhor, mas que tem contradições. Por exemplo, no depoimento desse Carioca, no livro de Taís, há uma divergência em relação ao corpo de Davi Capistrano. Como é que o senhor entende esse depoimento contraditório,

33:19 – MANOEL MORAES – O Davi Capistrano era no caso “Carioca”, no livro de Taís Almeida, esse livro aqui... “Sem Vestígios”. Ele fala é...digamos assim, do esquarteramento do corpo...

33:29 – CLÁUDIO GUERRA – É que esquarter...não, é...só tiraram o braço dele...o que tiraram dele foi o braço.

33:34 – MANOEL MORAES – Certo. Então seria o Carioca. Porque o Carioca teria essa versão?

33:39 – CLÁUDIO GUERRA – É porque... dizia para não ...não ter, não ter...

33:43 – MANOEL MORAES – Pista? Pista falsa?

33:45 – CLÁUDIO GUERRA – Pista falsa...foi inventado bastante história a respeito desse...

33:51 – MANOEL MORAES – Nesse caso, veja é...existe um outro depoente, nesse mesmo contexto, inclusive anterior ao senhor, que é Marival...Marival...

34:03 – CLÁUDIO GUERRA – Marival...deixa eu explicar o Marival...o Marival não é que ele tenha mentido, não. O Marival ele trabalhava no escritório, ele era analista. Ele nunca foi, fez na linha de frente. Ele nunca participou de nada. Ele sabia ouvir o que eles falavam para ele, não o quê ele viu. É tanto que ele fala de várias pessoas que foram jogadas no rio, lá em...num teve nada disso, jogar no rio e aparecer. Não teria aparecido.

34:33 – MANOEL MORAES – O senhor sabe que ele fala que, em 92, na matéria da Veja, que a pessoa a ser, antes de ser jogada no rio, era aberta o ventre com uma faca, para justamente o oxigênio não projetar a pessoa no sentido...o senhor acha que isso aconteceu? Amarrar, por exemplo, o corpo numa pedra...jogar no...

34:49 – CLÁUDIO GUERRA – o Baumgarten...não tem, não...o Baumgarten foi jogado em alto mar, levaram um médico específico para poder fazer a incisão nele e ele foi parar lá na praia...

35:05 – ROBERTO FRANCA – Cláudio, eu...só completando...dentro da declaração do Marival, que ele prestou com relação...ele diz...

35:18 – MANOEL MORAES – Só lembrando...Roberto Franca era deputado federal nesse momento em que ele depôs na comissão externa de desaparecidos...no Congresso Nacional.

35:24 – CLÁUDIO GUERRA – Pois não.

35:25 – ROBERTO FRANCA – Não...eu me lembro bem que ele se declarou um analista mesmo. Ele fazia uma análise dos documentos, cruzava informações. Só que o nosso último

depoimento aqui, de Madalena, a viúva de Mata Machado, ela disse que ele estava na....no Doi-Codí, em São Paulo. Entrou na sala e que esteve mais de uma vez, não sei se mais de uma vez, mas esteve com ela e conversaram com ela. E me surpreendeu profundamente porque ele se dizia um homem de retaguarda, e, no entanto, estava dentro do cárcere, com o preso, portanto, se mostrando, se identificando...

36:10 – MANOEL MORAES – Ele checava as informações...

36:12 – ROBERTO FRANCA – Checava as informações *in loco*, na frente do presos...uma coisa muito estranha, para quem era um analista...

36:18 – MANOEL MORAES – E dizia “Você mentiu...”...exatamente. E dizia “você mentiu aqui, você mentiu aqui, você mentiu ali”...

36:23 – ROBERTO FRANCA – Isso é uma coisa que para mim foi surpreendente em função do que ele tinha dito e em função do que a gente julga que seja uma função de um analista que não se envolve diretamente nas operações. Mais ainda: ele não se referiu ao irmão do Prata, o ...

36:43 – SOCORRO FERRAZ – Gilberto Prata...

36:44 – ROBERTO FRANCA – Gilberto Prata, que já estava infiltrado passando informações para Fleury, e ele faz de conta que não o identifica no sentido de que ele estaria ainda protegendo uma pessoa infiltrada. O que me levou a ter sérias dúvidas a respeito da veracidade dos seus depoimentos. Porque eu pessoalmente acho, não quero fazer nenhum elogio de corpo presente, mas eu acho que o seu livro e o seu depoimento, talvez tenham sido a coisa mais importante que ocorreu no ano passado, ou ainda está ocorrendo, pela...você pode não ter se lembrado de todos os fatos, o que é absolutamente compreensível, eu não teria me lembrado de um terço na memória, mas a gente sente uma responsabilidade de procurar a verdade, de dizer as coisas que...ou pelo menos, se não diz tudo, mas pelo menos o que diz, procura ser verdadeiro. De forma que esse fato do Marival, nos traz uma preocupação porque ele, nesse momento, dois comportamentos estranhos, para quem abre informações, por dizer, para a verdade nacional. Uma é que ele se envolveria diretamente, se identificando com as pessoas, eu não me recordo o ano em que ela esteve presa, mas...

38:10 – MANOEL MORAES – Setenta e três...

38:10 – ROBERTO FRANCA – Setenta e três, veja, no período que ele vem declarar essas coisas, bem posteriormente, não é?

38:16 – MANOEL MORAES – É, noventa e dois....

38:25 – ROBERTO FRANCA – Noventa e dois, quer dizer, na época ele estaria se expondo com presos, ela estava presa nessa ocasião. E o outro fato é que como o Prata não havia ainda assumido que foi o responsável pelas informações, que estava infiltrado, ele fez que não reconhecia, ele também não expôs o informante, portanto, ele ainda estava exercendo uma função junto aos órgãos de segurança. Então eu me....

38:55 – MANOEL MORAES – Eu queria complementar com o que doutor Franca falou. Qual sua opinião sobre Marival? A partir do que doutor Franca falou?

39:02 – CLÁUDIO GUERRA – A partir do momento que qualquer pessoa se dispõe a vir a público por a cara na reta e, pra poder falar a verdade, mas quer alguma coisa em troca, quer dinheiro, eu não acredito em nenhuma informação que ele...

39:21 – MANOEL MORAES – Mas ele pediu dinheiro?

39:22 – CLÁUDIO GUERRA – Ele pediu a alguém cem mil reais para poder contar a história. Eu tenho a prova disso aí.

39:28 – MANOEL MORAES – O senhor pode nos dar essa prova?

39:30 – CLÁUDIO GUERRA – Se ele omitiu o nome da pessoa...

39:36 – MANOEL MORAES – Eu digo....

39:38 – CLÁUDIO GUERRA – Porque...é deselegante...

39:40 – MANOEL MORAES – Não! Porque veja: ele tem uma opinião sobre o senhor. No depoimento de 30 de 10, ele diz o seguinte...

39:47 – CLÁUDIO GUERRA – Eu sei...ele diz que não me conhece e ele não me conhece mesmo.

39:48 – MANOEL MORAES – Não. Veja, ele tem uma opinião. Se o senhor quiser, eu posso colocar aqui, eu acho que é importante até para o senhor...ele diz assim: do 30.10.2012, “que recebeu oito cartas de ameaças desde 92, quando começou a declarar as informações. Perguntado sobre a irmandade, afirmou que tudo começou com um movimento chamado CCC, Comando de Caça aos Comunistas, que atuava no âmbito estudantil e tinha também atuação nas Forças Armadas, e que eles, por hipóteses, podem ter constituído uma irmandade”. Isso ele está tratando daquela sua informação sobre a irmandade. “Que não pode garantir, não acredita que haja uma irmandade ‘para proteger os agentes públicos’. Que leu o livro de Cláudio Guerra, ‘Memórias de Uma Guerra Suja’, mas não acredita na existência da referida irmandade e nem acredita nas coisas que Guerra diz....”.

40:42 – CLÁUDIO GUERRA – É tanto que ele pertence à irmandade até hoje.

40:45 – MANOEL MORAES – Veja, ele diz mais “(...) aliás, acredita que Guerra... não se justifica ...não se justifica chamar Guerra para fazer essas operações; que o depoente acredita que o sistema tinha matadores mais especializados que Cláudio Guerra. Que ficou em dúvida quanto às informações de Cláudio Guerra que Perdígão era primeiramente do DOI-CODI do Rio de Janeiro, depois do CIE, depois do DOI São Paulo, após fazer o curso de Estado-Maior; em seguida foi para a agência do SNI. Que há uma agente da Polícia Federal na época, chamado Peninha”, que o senhor também relata, “que foi um dos responsáveis juntamente com outros e que ele era o responsável pela maioria dos teatros que se verificaram no DOI para justificar a morte. Que todos eram torturados a ele, Peninha, legalizava as mortes, que torturava. Que esse teatro era especialidade dele. Que era carcereiro-torturador, que Ustra era um dos professores e que supõe que outros cursos de tortura, ocultação de cadáveres. Que N. Pimentel também fez dez cursos...promoveu cursos e fez um curso de agente, mas não de tortura. Que o curso que o declarante fez foi de seis meses”, ele, Marival, “que viu Vladimir Herzog e Paulo Marcun vivos sem vigilância, em uma célula próxima ao interrogatório e que eles estavam sentados,

conversando normalmente, antes de serem chamados para o interrogatório, e que depois afirmou, surpreendido, que Paulo Marcun foi solto e o outro, Herzog, estava morto”. Então, qual o motivo, doutor Cláudio, de Marival desqualificar o seu depoimento no livro ‘Memórias de Uma Guerra Suja’?

42:27 – CLÁUDIO GUERRA – Eu não sei. Não ...eu sei que ele pediu dinheiro para contar a história e sei que ele não sabia de mim. É tanto que poucas pessoas da esquerda, ninguém sabia de Cláudio Guerra. Ninguém sabia. Porque era reservado, nós éramos preservados mesmo. Ele conhecia...ele conheceu militar só. E só ficava restrito lá dentro do Gabinete...

42:58 – MANOEL MORAES – Mas, doutor Cláudio, no seu próprio relato, o senhor, ao longo do seu depoimento, parece que o senhor muda de lugar. Pelo menos é a impressão que a gente tem. A partir da presença que o senhor faz da reunião que decide a execução de Fleury, o senhor sai da condição...

43:15 – CLÁUDIO GUERRA – Alí eu já na ascendência, já subindo...

43:16 – MANOEL MORAES – Isso...é isso que eu ia dizer. O senhor sai da condição de um agente periférico, por assim dizer, não sei se o termo correto, para ser um formulador, um estrategista, o senhor passa a ser uma pessoa importante...

43:32 – CLÁUDIO GUERRA – Eles me consideravam já um estrategista...

43:33 – MANOEL MORAES – Exato. Foi assim que o senhor se nomina. Nessa mudança de posição sua, o senhor não acha razoável que Marival o reconhecesse?

43:42 – CLÁUDIO GUERRA – Não...olha eu...

43:44 – MANOEL MORAES – Então, ele, Marival, é que não é importante?

43:46 – CLÁUDIO GUERRA – Ele não tinha...não tem importância nenhuma na...nenhuma! pergunta...o senhor vai estar com alguns coronéis, vai ouvir. Por exemplo, o próprio Pablo...eu alertei muito a comissão lá, que o doutor Pablo é um cara muito inteligente e pode estar também...ele nunca abriu nada. E agora depois que ele...o dia que ele depôs pra, depôs, não, que ele falou para o Paulo Otávio, foi no dia que eu ia à Comissão da Verdade. No mesmo dia.

44:20 – MANOEL MORAES – Exatamente.

44:20 – CLÁUDIO GUERRA – Então, na época eu falei com o Cláudio Fontelle, falei “olhe, tem que ter cuidado porque ele é perito em contra-informação”.

44:29 – MANOEL MORAES – Ah, o senhor acha que ele faria parte de uma operação já nesse momento de contra-informação?

44:35 – CLÁUDIO GUERRA – Contra-informação.

44:36 – MANOEL MORAES – Financiado por quem? Pela irmandade?

44:38 – CLÁUDIO GUERRA – Pode ser...

44:41 – MANOEL MORAES – O senhor pertenceu ao Comando de Caça Comunista?

44:43 – CLÁUDIO GUERRA – Eu tive auxílio da irmandade até mil novecentos e...até dois mil e cinco...

44:50 – MANOEL MORAES – Não, mas veja, minha pergunta é: o Comando de Caça aos Comunistas é a irmandade?

44:53 – CLÁUDIO GUERRA – Comando...

44:55 – MANOEL MORAES – Comando de Caça aos Comunistas, CCC.

44:57 – CLÁUDIO GUERRA – É...

45:00 – MANOEL MORAES – É a irmandade?

45:01 – CLÁUDIO GUERRA – É o braço. É a continuidade.

45:02 – MANOEL MORAES – O senhor pertenceu ao CCC?

45:04 – CLÁUDIO GUERRA – Não.

45:05 – MANOEL MORAES – Mas o senhor conhece quem pertenceu?

45:06 – CLÁUDIO GUERRA – Conheci...eu conheci...

45:09 – MANOEL MORAES – Qual era a filosofia do CCC?

45:12 – CLÁUDIO GUERRA – Era matar comunista. Matar comunista...

45:14 – MANOEL MORAES – O senhor tem um depoimento na Comissão Nacional, ao Ministério Público Federal, que o senhor disponibilizava carteiras do SNI para estudantes. Esses estudantes pertenciam ao CCC? Qual era o objetivo dessas carteiras?

45:31 – CLÁUDIO GUERRA – Não...o que pertencia ao CCC era ...é... empresários, principalmente da área de Campos, do estado do Rio. Campos, Itapebuna...eu fornecia carteiras para eles. Inclusive com isso eu fiquei com uma rede de informação na época, maior que a estrutura do SNI.

45:54 – MANOEL MORAES – O senhor controlava essa rede de informação maior do SNI? E isso tudo articulado dentro do CCC? Com o CCC?

46:01 – CLÁUDIO GUERRA – Com ...era...a região ali, não sei, era aquele TFL, Tradição, Família e Liberdade...

46:07 – MANOEL MORAES – O CCC se articulava com a TFL?

46:09 – CLÁUDIO GUERRA – Vinculado...tudo...

46:10 – MANOEL MORAES – Tinha padres dentro do CCC? O senhor sabe dizer o nome de algum padre?

46:15 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, o...o ...do comando...eu conheci mais lá de São Paulo...os do Rio eu posso relacionar e mandar para a comissão.

- 46:28 – MANOEL MORAES** – E o senhor fornecia armas ao CCC?
- 46:31 – CLÁUDIO GUERRA** – Hein?
- 46:32 – NADJA BRAYNER** – O senhor, do Rio, o senhor tem relação de pessoas que integravam ...
- 46:36 – CLÁUDIO GUERRA** – Eu...dos que pertenceram, ali do Rio, tenho os que eu forneci carteira, é só eu ter um tempo para lembrar, eu mando para a Comissão.
- 46:45 – MANOEL MORAES** – E essas carteiras tinham...elas eram clandestinas ou oficiais?
- 46:49 – CLÁUDIO GUERRA** – Eu dava oficialmente. A pessoa tinha poder de ...tinha porte de arma, então todo mundo queria usar, ...
- 46:57 – NADJA BRAYNER** – Era carteira...como é que era essa carteira?
- 46:59 – CLÁUDIO GUERRA** – Era do Dops, era agente reservado do Dops.
- 47:00 – NADJA BRAYNER** – Agente reservado do Dops...
- 47:05 – MANOEL MORAES** - O senhor conhece agentes que eram daqui do Recife?
- 47:09 – CLÁUDIO GUERRA** – Não.
- 47:10 – MANOEL MORAES** – Do CCC? Conhece alguém que era do CCC do Recife, de Pernambuco? Sabe dizer se tinha...
- 47:11 – CLÁUDIO GUERRA** – Não. Eu não operei pra cá...porque eu vim aqui numa missão específica.
- 47:22 – MANOEL MORAES** – Mas o senhor não comandava essa rede? Nessa rede que o senhor comandava...
- 47:23 – CLÁUDIO GUERRA** – Sim, mas fazia pra lá...pra região lá...
- 47:23 – MANOEL MORAES** – Aí, então era só local...
- 47:28 – CLÁUDIO GUERRA** – Tem um que foi pra lá...não sei qual, só o....apelido dele era ‘Queridinho’, saiu daqui de Pernambuco...
- 47:35 – NADJA BRAYNER** – Quem?
- 47:36 – CLÁUDIO GUERRA** – Queridinho...
- 47:40 – CLÁUDIO GUERRA** – Que-ri-di-nho...Ele tinha uma risada histórica, ele andava cheio de...ele andava, parecia um cangaceiro, cheio de...cinturão cheio...não era polícia. E vivia dentro do gabinete do secretário de segurança e foi daqui pra lá.
- 47:54 – NADJA BRAYNER** – Ele era...qual era a formação dele?
- 47:56 – CLÁUDIO GUERRA** – Ele não tinha formação nenhuma...

48:04 – MANOEL MORAES – Qual era a função?

48:05 – CLÁUDIO GUERRA – A função ele matava para o...

48:08 – NADJA BRAYNER – Não, veja só, porque nós temos muita gente ligada ao CCC que eram do movimento estudantil, estudantes, diversas...

48:15 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não...esse não, esse era um cara grosseiro...não. Era um cara grosseiro usado somente para coisa errada mesmo...

48:23 – MANOEL MORAES – E qual era a orientação? Que ano era a sua rede dentro do CCC?

48:28 – CLÁUDIO GUERRA – Era...era ligado ao CCC mas era mais da Tradição, Família e Liberdade...que era fundada lá em Campos.

48:35 – MANOEL MORAES – Que tinha relação com a Igreja. Mas eu digo, qual o período que o senhor atuou nessa rede?

48:41 – CLÁUDIO GUERRA – Nos anos setenta.

48:42 – MANOEL MORAES – Nos anos setenta...ela era muito forte? Qual o financiamento que ela tinha? Era dos empresários? A Igreja também financiava?

48:49 – CLÁUDIO GUERRA – Não, a Igreja...não, eu não tinha contato com a Igreja, eu tinha contato com os empresários, com os empresários lá de Campos, o...tinha vários, não só esses da usina, os outros usineiros pertenciam, vários comerciantes que estão lá ainda...

49:04 – MANOEL MORAES – Tinha protestantes também? No meio do CCC? Sabe dizer? Tinha também protestantes? Pastores? Líderes de igrejas?

49:12 – CLÁUDIO GUERRA – Tinha, tinha...é...deixa eu trazer os nomes todos para vocês.

49:17 – ROBERTO FRANCA – O Queridinho...vamos voltar ao Queridinho...

49:19 – NADJA BRAYNER – O senhor sabe de um campo de treinamento , é uma fazenda, sei lá, uma granja, em Nova Friburgo da TFP?

49:27 – CLÁUDIO GUERRA – Teve um campo em Nova Friburgo, de treinamento, sim.

49:31 – MANOEL MORAES – O senhor chegou a ir?

49:32 – CLÁUDIO GUERRA – Não...eu treinava oficialmente, tinha...treinamento oficial, na academia, dentro dos próprios quartéis do Exército que era o treinamento nosso.

49:44 – MANOEL MORAES – Qual era a filosofia do CCC? O senhor poderia dizer pra gente?

49:48 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, era...eu não sei a filosofia, sabia que era acabar com os comunistas. Tinha ...era matar mesmo. Era caçar para matar, não era pra prender, não.

49:59 – MANOEL MORAES – Então além dos grupos especializados que o senhor fazia parte, o senhor treinava também grupos civis para executar comunistas, é isso?

50:05 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não, não...eu fiz, eu tive uma rede, essa rede que eu tive de pessoas de direita, que seriam, pertenciam, inicialmente a Tradição, Família e Liberdade, na região do estado do Rio, que eram simpatizantes do governo, eu dei carteira a eles de agentes, e, em função disso, eles passaram a poder usar armas e tal, então era mais...e, em contrapartida me davam informação. Eu não os treinei.

50:37 – NADJA BRAYNER – O senhor criou uma rede particular de informantes?

50:40 – CLÁUDIO GUERRA – Informante. É isso aí.

50:42 – ROBERTO FRANCA – Mas aqui também houve isso.

50:44 – MANOEL MORAES – Inclusive você operou atentados.

50:47 – CLÁUDIO GUERRA – Eu to querendo lembrar o nome do delegado que foi daqui pra lá, ele copiou muita coisa de mim...agora eu não estou lembrando desse que nós citamos aqui, to querendo lembrar o nome, é um da Bahia, e um daqui. Foram os dois lá trocar informações comigo.

51:01 – NADJA BRAYNER – Álvaro?

51:02 – CLÁUDIO GUERRA – Eu não consigo lembrar o nome de jeito nenhum...

51:04 – ROBERTO FRANCA – É o Queridinho?

51:06 – MANOEL MORAES – É um delegado.

51:08 – NADJA BRAYNER – Por acaso, não se chamava Álvaro? Álvaro Costa Lima?

51:11 – CLÁUDIO GUERRA – Olha eu quase posso falar que é Álvaro mesmo, mas deixa eu...vamos ter certeza? Eu acho que é...porque foi um daqui...porque eu não estou querendo fazer confusão, foi um daqui e foi um de Salvador. Os dois. E copiaram todo o esquema meu. Eu forneci os dados pra eles, então, de companheirismo.

51:32 – MANOEL MORAES – O senhor seria um formulador, então, da organização do CCC?

51:35 – CLÁUDIO GUERRA – Por isso...não, não de comando da, dessa rede...

51:40 – MANOEL MORAES – Qual o ano?...que o senhor recebeu essa visita do delegado?

51:42 – ROBERTO FRANCA – Só ano a gente precisa...

51:45 – CLÁUDIO GUERRA – Setenta e cinco.

51:52 – NADJA BRAYNER – O senhor não tinha falado em setenta?

51:54 – CLÁUDIO GUERRA – Não, em setenta eu comecei a coisa, essas visitas dos delegados daqui. E da Bahia. Foi em setenta e cinco. É isso mesmo: setenta e cinco. É a data é

meia...coisa, é por aí assim. Setenta e cinco eu estou calculando onde eu estava. Porque eu estava em Vitória e estive em Vitória foi nos anos setenta...é, setenta e quatro, setenta e cinco. Por aí assim.

52:20 – ROBERTO FRANCA – Só uma ...pra gente situar: aqui no caso, o CCC teve uma atuação de atentados, como Manoel se referiu, mas no período anterior, né? No período anterior, sessenta e oito, sessenta e nove...e não houve...

52:31 – NADJA BRAYNER – Sessenta e oito, sessenta e nove...

52:34 – CLÁUDIO GUERRA – É lá de ...eu lembrei agora, com certeza, o de Salvador, doutor Medrado. Eu to querendo lembrar...tô puxando aqui, mas antes de viajar eu lembro aí e passo pra...ou mesmo se eu viajar, eu me...compromisso...

52:50 – ROBERTO FRANCA – Agora, agora...uma pergunta...essa relação, doutor Cláudio, de Esquadrão da Morte, Escuderia Le Coq, essa relação que, normalmente, aqui nós sempre tivemos isso com relação à morte de presos com...quer dizer, e de ladrões comuns. Mas me parece que há algum contato já em questões de natureza...

53:21 – CLÁUDIO GUERRA – Houve uma ligação. O que é que aconteceu: a Escuderie Le Coq, que chamam Esquadrão da Morte, é...inicialmente matava bandidos. Mas o sistema, o próprio SNI, o sistema de informação passou a...o Escuderia Le Coq passou a ser um braço armado também para fazer trabalhos, essas coisas. Isso aí eu já esclareci para a comissão, já dei algumas provas, entendeu? Da participação do Escuderie diretamente em execuções.

53:49 – NADJA BRAYNER – É, e a origem do Fleury é exatamente o Esquadrão da Morte, não é?

53:50 – CLÁUDIO GUERRA – É...nós todos, oh...o Fleury era do Esquadrão de Ouro e eu do Esquadrão de Ouro. Nós dois éramos.

54:00 – NADJA BRAYNER – Que, inclusive, passaram por algumas...teve umas sindicâncias, ele recebeu punições..

54:00 – CLÁUDIO GUERRA – É, e aqui tinha muitas pessoas que pertenciam ao Esquadrão, entendeu?

54:08 – NADJA BRAYNER – Punições, inclusive, de deslocamento dele para outras delegacias afastadas...

54:12 – CLÁUDIO GUERRA – É isso aí.

54:14 – NADJA BRAYNER – Aí depois ele foi recuperado nessa época com um elemento extremamente eficiente.

54:18 – CLÁUDIO GUERRA – Eu tava vendo uma justificativa do Calandra falando que ele não era o capitão...

54:27 – MANOEL MORAES – Era isso que eu ia perguntar...

54:27 – CLÁUDIO GUERRA – Porque...

- 54:28 – MANOEL MORAES** – O Calandra é o Ubirajara?
- 54:29 – CLÁUDIO GUERRA** – Ele estava lotado lá no interior. Eu tava lotado em Vitória. Eles davam presença minha em Vitória, eu tava fora um tempão.
- 54:36 – MANOEL MORAES** – Mas, fale mais de Calandra...o senhor conheceu o Calandra...
- 54:40 – CLÁUDIO GUERRA** – Conheci.
- 54:40 – MANOEL MORAES** – Ele era o Capitão Ubirajara?
- 54:41 – CLÁUDIO GUERRA** – Quem...era o Ubirajara, era ele...
- 54:43 – MANOEL MORAES** – Ele era o Capitão Ubirajara?
- 54:44 – CLÁUDIO GUERRA** – Era, era...é...eu, no livro eu falo do Calandra, porque...entendeu...porque tem (...) ele teve em vários eventos, esse do (...) ele estava realmente, né? E bastante pessoas que ele torturou direto e que morreram...
- 55:08 – MANOEL MORAES** – O senhor saber dizer se Calandra esteve na tortura de Fernando e de Eduardo Collier?
- 55:11 – CLÁUDIO GUERRA** – Olha, é...eu não posso falar assim “era ele!”. Tinha uma equipe de São Paulo lá na Casa da Morte. E pelo que se falou depois, era o Calandra. Mas eu não o vi, eu conheço ele bem, porque eu falo assim “É o Calandra!”, eu sei quem é ele, né? Eu estive com ele, trabalhamos na...
- 55:35 – MANOEL MORAES** – Mas ele nega que conheceu o senhor, não é?
- 55:36 – CLÁUDIO GUERRA** – Ah, o...aquele coronel lá de coisa, nós almoçamos, ele ...na votação da morte do Fleury, ele tava lá.
- 55:47 – MANOEL MORAES** – Pertenceu?
- 55:48 – CLÁUDIO GUERRA** – Pertenceu. É só o...
- 55:53 – SOCORRO FERRAZ** – Manoel, só voltando um pouco à questão dos dois delegados do Nordeste que foram ter com o senhor lá no Rio, foi no Rio?
- 56:05 – CLÁUDIO GUERRA** – Não, não...em Vitória do Espírito Santo.
- 56:07 – SOCORRO FERRAZ** – Foi em Vitória do Espírito Santo. E o que eles, exatamente, objetivamente, eles foram lá falar com o senhor?
- 56:16 – CLÁUDIO GUERRA** – Os dois DOPS que mais se sobressaíram na época que tinha a organização, eram o DOPS de São Paulo e o de lá do Espírito Santo. Lá tinha...é, ia viajar, não tinha passagem, eles arrumavam, era ...tinha poder. E tinha um renome na comunidade de formação, e eu nessa, não na área de (...), quer dizer, não sabia dessa história, sabia dessa história de delegado de DOPS. Especificamente qual era: copiar o sistema que eu tinha feito da rede de informação que eu tinha conseguido para implantar nos estados deles.

57:08 – MANOEL MORAES – E o que era tão importante para eles irem ao senhor? É a metodologia da rede é? O que é que era tão original? O senhor podia falar?

57:15 – CLÁUDIO GUERRA – Era, era o sistema que a gente usava. Eu, além de dar a carteira, é...eu promovia reuniões, periódicas, né? Pra conversar...

57:37 – MANOEL MORAES – Porque no livro o senhor chega a falar de que havia um clube...

57:40 – CLÁUDIO GUERRA – É...uma sauna...

57:41 – MANOEL MORAES – Em anexo, uma sauna, etc. isso também, uma sauna, não é isso?

57:45 – CLÁUDIO GUERRA – Não, lá não ...era os coronéis. Lá era reunião dos coronéis da Primeira Região Militar. É que...nós nos reuníamos no “Angu do Gomes”, quando a coisa era mais amena, que era só para discutir alguma coisa ali, e quando era mais reservado a gente ia para a sauna, que é da mesma família. Eu cheguei até a figurar como um dos donos dessa sauna.

58:07 – SOCORRO FERRAZ – Senhor Cláudio, eu queria terminar a pergunta, que é a seguinte: que eles foram lá copiar todo o trabalho que vocês faziam, inclusive essa parte da...do sumiço das pessoas, eles talvez tivessem dificuldades, não é? Com isso aqui.

58:28 – CLÁUDIO GUERRA – É. E... tanto o Medrado quanto o que foi daqui, eram membros do Escuderie Le Coq.

58:35 – SOCORRO FERRAZ – Os dois? E eles também...

58:37 – CLÁUDIO GUERRA – Se ficar muita dificuldade de ver os nomes, pode ver os nomes dos delegados da época, a gente vê nos registros do Le Coq, eu acho que ali tem tudo que eles fizeram, quem pertencia, e chegar quem era o delegado.

58:53 – SOCORRO FERRAZ – Então, também eles copiaram os métodos de desaparecimento de corpos, etcetera.

59:00 – CLÁUDIO GUERRA – É...o...o ...não sei...o que eles aprenderam lá é a usar pneu, não sei (...) isso aí é negócio com bandido, né? O pneu pra desaparecer, aí queimava o pessoal no pneu, viram isso lá. É...uns meios que usavam para poder ...a gente...pessoas de...que morriam ali, enxugava...na Bahia, levava para a Bahia, o estado da Bahia, que era pra poder desviar a investigação, aqui também, né? Devem ter feito isso que aprenderam lá. Não sei se trouxeram a prática pra cá. É isso aí.

59:36 – SOCORRO FERRAZ – Então, só para entendimento: então eles foram buscar os métodos que eram usados, provavelmente, como o senhor disse, o Espírito Santo e São Paulo tinham métodos mais desenvolvidos, entre aspas, e também financiamentos, né? Pelo que o senhor falou, era mais caros. Vocês tinham fluxo mais de dinheiro, podiam comprar passagens e etc. Então, provavelmente, eles foram buscar também como conseguir esse financiamento.

01:00:07 – CLÁUDIO GUERRA – Com certeza. Com certeza, é isso aí.

01:00:09 – SOCORRO FERRAZ – E eles falaram de alguns problemas que tinham aqui, com financiamento?

01:00:15 – CLÁUDIO GUERRA – Não...a senhora fala como é que nós agíamos, né? Eles aqui parecem que já tinham cobertura de alguém, só que eu não sei as pessoas que davam uma cobertura, que já tinham cobertura aqui. É porque lá...lá....

01:00:33 – SOCORRO FERRAZ – O senhor nunca conseguiu filtrar nenhum nome que desse cobertura financeira aqui?

01:00:39 – CLÁUDIO GUERRA – Não sei, não sei mesmo...

01:00:42 – NADJA BRAYNER – Algum empresário, não é?

01:00:43 – SOCORRO FERRAZ – Algum empresário, algum político...quem dava cobertura política aqui? Não, com qualquer coisa.

01:00:55 – CLÁUDIO GUERRA – É, a família Cavalcanti, que esteve no Poder toda a vida aí...segundo eles.

01:01:11 – SOCORRO FERRAZ - E a Família Cavalcanti...essa família Cavalcanti estava...

01:01:15 – CLÁUDIO GUERRA – Citaram uma pessoa que estava na liderança, era a....proeminente aí, num lembro o nome, num lembro.

01:01:20 – NADJA BRAYNER – Moura...

01:01:22 – SOCORRO FERRAZ – Moura Cavalcanti.

01:01:24 – MANOEL MORAES – Moura Cavalcanti? Moura?

01:01:27 – SOCORRO FERRAZ – Que foi governador nesse período. Ele era o governador em setenta e quatro e setenta e cinco.

01:01:31 – CLÁUDIO GUERRA – Não...não sei se é...a mesma...pra mim é a mesma pessoa...porque diz que era quem mandava aqui no estado.

01:01:37 – NADJA BRAYNER – Ele era o governador nesse período.

01:01:41 – CLÁUDIO GUERRA - Era a pessoa que mandava aqui no estado, segundo eles.

01:01:49 – SOCORRO FERRAZ – (falas fora do microfone, inaudíveis) Era exatamente sobrinho de Moura. Da mesma família, ele é sobrinho da mulher de Moura.

01:01:55 – MANOELMORAES – Quem?

01:01:56 – SOCORRO FERRAZ – Joaquim Francisco Cavalcanti.

01:01:59 – GILBERTO MARQUES – (fala ao fundo, sem microfone) Foi prefeito e governador de Pernambuco.

01:02:00 – MANOEL MORAES – Inclusive foi...é um dos que denunciou Marcelo Santa Cruz, doutora Nadja, no processo do 447, na Faculdade de Direito...

01:02:07 – CLÁUDIO GUERRA – Tem um...

01:02:12 – MANOEL MORAES – O senhor já ouviu falar de Joaquim Francisco?

01:02:13 – CLÁUDIO GUERRA – Tem um...eu estou vendo se chega ao mesmo grupo que ele ficava na região que eu falei, ali da...de...da divisa de Pernambuco, com uma fazenda de gado muito grande. Eu cheguei na fazenda, é um...

01:02:29 – SOCORRO FERRAZ – É numa divisa...

01:02:32 – GILBERTOMARQUES – (fala ao fundo, sem microfone) Ricardo Fiúza!! Ricardo Fiúza!

01:02:33 – CLÁUDIO GUERRA – Eu devo...eu vou conferir com essas coisa para poder ver se, pra agente não, pra fazer as informações para vocês investigarem correto, mas...

01:02:40 – MANOEL MORAES – Roberto Souza Leão?

01:02:42 – CLÁUDIO GUERRA – Eu vou conversar com um irmão meu e...antes de sair eu ligo pra ele e já passo, mas de qualquer maneira o Perli tá comigo, é compromisso, eu to te devendo. Esse nome, devendo o...

01:02:55 – SOCORRO FERRAZ – Seria interessante o senhor ver os seguintes nomes: é...o Roberto Souza Leão, que realmente era um criador de gado, inclusive na Bahia, tinha muitas relações com o general, inclusive com o General Bandeira...

01:03:15 – MANOEL MORAES – Figueiredo, não é? O presidente?

01:03:16 – SOCORRO FERRAZ – Figueiredo. É.

01:03:17 – MANOEL MORAES – Presidente?

01:03:19 – SOCORRO FERRAZ – Principalmente o General Figueiredo.

01:03:23 – MANOEL MORAES – Roberto de Souza Leão.

01:03:24 – SOCORRO FERRAZ – Roberto de Souza Leão. Tinha um haras, lidava com cavalos, ...

01:03:35 – CLÁUDIO GUERRA – Eu vou dar uma olhada nisso aí...

01:03:37 – SOCORRO FERRAZ – É...ver esses Cavalcanti...quem seria...

01:03:38 – MANOEL MORAES – Moura Cavalcanti...

01:03:40 – SOCORRO FERRAZ – Porque o Moura Cavalcanti também tem uma fazenda na divisa entre Pernambuco e Paraíba, para o norte. Que é exatamente depois de São Vicente Férrer. Macaparana, exatamente. E o Fiúza, Ricardo Fiúza.o senhor ouviu falar de uma pessoa chamada Drayton Nejaim?

01:04:19 – CLÁUDIO GUERRA – Drayton? Não senhora.

01:04:22 – SOCORRO FERRAZ – Está bem. Obrigada.

01:04:25 – NADJA BRAYNER – E Wandecoc Wanderley?

01:04:29 – CLÁUDIO GUERRA – Wandecoc...era, era...

01:04:37 – NADJA BRAYNER – O senhor conheceu o Raul Careca?

01:04:44 – CLÁUDIO GUERRA – Raul Careca, eu fiquei sabendo dele, sim...

01:04:51 – NADJA BRAYNER – Em São Paulo? Raul Careca é considerado um dos, vamos dizer assim, comandantes, não é? Do CCC em São Paulo. Inclusive, ele estaria na linha de frente quando houve aquele conflito lá da Maria Antônia, estudantes da Mackenzie, com os estudantes da...Filosofia, da USP. Que, inclusive, morreu estudante, naquele conflito. Demorou...a polícia deixou ...que foram exatamente o CCC, não é? Com os chamados estudantes de direita com a esquerda, e a polícia só entrevistou depois que tinha morrido já um estudante e tal...e o Raul Careca, além do CCC, ele é, em vários depoimentos colhidos de expresos, um dos torturadores. Participou ativamente da tortura.

01:05:57 – CLÁUDIO GUERRA – Eu confirmo tudo isso aí...

06:07 – MANOEL MORAES – Nessa questão, na temática das operações, o senhor já ouviu falar na Operação Radar?

01:06:15 – CLÁUDIO GUERRA – Radar? Ouvi falar sim!

01:06:17 – MANOEL MORAES – Radar! O senhor poderia falar sobre ela?

01:06:19 – CLÁUDIO GUERRA – É...eu não participei...assim...né...possa até ter feito alguma ação, na operação radar, mas ela eliminou, rapaz, deixa eu ver aqui o que foi que...me parece que a operação Radar ...deixa eu lembrar aqui...mas é pro...foi, foi o doutor César mesmo que comandou ela, parece...

01:06:48 – MANOEL MORAES – Ela tem a ver com a ALN, a infiltração, a ação de derrubada da ALN?

01:06:55 – CLÁUDIO GUERRA – Olhe, é...é isso mesmo, ALN foi ...eu não to... eu tinha na memória todas essas coisas...

01:07:05 – MANOEL MORAES – O PCB também, viu?

01:07:08 – CLÁUDIO GUERRA – É, mas eu posso afirmar quase com certeza que essa operação que foi...ela foi para o Rio primeiro; no Rio, ele esteve no Rio e depois se estendeu para outros estados.

01:07:22 – MANOEL MORAES – O senhor ouviu falar de Jota? O senhor conheceu Jota?

01:07:24 – CLÁUDIO GUERRA – Jota. Ouvi falar.

01:07:24 – MANOEL MORAES – Quem era Jota?

01:07:25 – CLÁUDIO GUERRA – Não, num , num...

01:07:28 – MANOEL MORAES – Não conheceu?

01:07:29 – NADJA BRAYNER – Ele era médico.

01:07:31- CLÁUDIO GUERRA – É, eu soube que ele foi...

01:07:32 – MANOEL MORAES – Seria, Fábio Silva Prata...

01:07:33 – CLÁUDIO GUERRA - ...o médico que entregou as pessoas...esse Jota, que é um que entregou as pessoas, é esse?

01:07:37 – MANOEL MORAES – É.

01:07:38 – CLÁUDIO GUERRA – Então, é esse mesmo.

01:07:39 – NADJABRAYNER – Que foi infiltrado, não é?

01:07:41 – CLÁUDIO GUERRA – Foi arregimentado para poder...isso mesmo. Teve um que foi torturado bastante e depois contou as coisas...ele...depois foi, ele viu que...não sei se é um que se suicidou depois...é que é muita coisa que ficou, foi passando os anos e você vai...

01:07:59 – MANOEL MORAES – O senhor já ouviu falar em Daniel?

01:08:01 – CLÁUDIO GUERRA – Hein?

01:08:01 – MANOEL MORAES – O senhor conheceu Daniel? Que é o codinome de Cabo Anselmo?

01:08:05 – CLÁUDIO GUERRA – Cabo Anselmo, eu sei toda a história dele. Ele me conhece. Esse aí me conhece.

01:08:13 – MANOEL MORAES – É? O senhor esteve com ele?

01:08:14 – CLÁUDIO GUERRA – Não. Por causa de...ele me conhece por causa de São Paulo, que o meu compadre que eu até falei sobre ele aí, é uma pessoa que eu pretendo arregimentar para dar informação, que tem o apelido de Mineiro, que é da equipe de Fleury, quem me apresentou o Cabo Anselmo foi ele.

01:08:34 – MANOEL MORAES – E, Cabo Anselmo é Daniel? É o codinome dele? Mas o senhor falou...dessa conversa com o Cabo Anselmo, qual foi a relação que o senhor teve? Foi troca de experiência?

01:08:45 – CLÁUDIO GUERRA – Não, a gente encontrou não foi nada de trabalho...a gente sabia um do outro porque o Mineiro pertencia também, né? E nós tivemos um encontro assim de...ele é amigo desse compadre meu, não teve...

01:09:01 – MANOEL MORAES – E ele falou sobre a questão da Granja São Bento? O senhor conhece a circunstância da Granja?

01:09:05 – CLÁUDIO GUERRA – Eu conheço porque..eu conheço a história. Mas não tratamos...

01:09:09 – MANOEL MORAES – Mas o senhor concorda é...bem, o senhor sabe que a granja...

01:09:13 – CLÁUDIO GUERRA – Que foi uma montagem, eu sei...

01:09:14 – MANOEL MORAES – O senhor poderia dizer qual é a montagem?

01:09:15 – CLÁUDIO GUERRA – Ali era... é uma traição dele mesmo. Ele era agente duplo, isso aí toda a área de informação, a comunidade toda sabia dele. Ele foi responsável pela morte de muita gente.

01:09:31 – MANOEL MORAES – O senhor sabe dizer o período que ele passou a colaborar? Poderia precisar ou dar essa informação?

01:09:36 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, eu conheci ele, ele já era...em setenta e três. Eu conheci ele , ele já era um agente duplo.

01:09:48 – MANOEL MORAES – Ele já era um agente duplo? E dentro desse processo, do conhecimento que o senhor tinha, dessa temática da granja, o senhor sabe precisar se ele tinha um relacionamento com alguma pessoa que era da VPR?

01:10:04 – CLÁUDIO GUERRA – Não...não tenho essa informação.

01:10:04 – MANOEL MORAES – Bom, ele tinha um relacionamento afetivo, amoroso, a ponto de ter um filho com alguém?

01:10:09 – CLÁUDIO GUERRA – É...eu ouvi falar, né? Que ele era ligado a um...tinha um caso com uma moça da esquerda, mas num...

01:10:18 – MANOEL MORAES – Soledade.

01:10:19 – CLÁUDIO GUERRA – É uma coisa que a gente viu, leu, mas não...

01:10:22 – MANOEL MORAES – Mas o senhor não tem maiores informações, não?

01:10:25 – CLÁUDIO GUERRA – Não.

01:10:27 – MANOEL MORAES – E desse processo de permanência dele em Recife, o senhor saberia dizer alguma informação?

01:10:31 – CLÁUDIO GUERRA – Não...

01:10:32 – MANOEL MORAES – E da infiltração dele, o senhor diria que ele foi infiltrado a partir de setenta e três? Ou ele teria sido infiltrado antes? No levante dos Marinheiros ele já era agente?

01:10:43 – CLÁUDIO GUERRA – Ele já era agente, eu acho...

01:10:45 – MANOEL MORAES – Já era agente?

01:10:46 – CLÁUDIO GUERRA – Já.

01:10:47 – MANOEL MORAES – No levante dos Marinheiros?

01:10:48 – CLÁUDIO GUERRA – Setenta e ...

01:10:50 – MANOEL MORAES – O senhor tem certeza disso?

01:10:51 – CLÁUDIO GUERRA – Tenho.

01:10:52 – MANOEL MORAES – Teria como conseguir com esse seu colega mais informações sobre o Cabo Anselmo?

01:10:55 – CLÁUDIO GUERRA – Consigo...eu quero...eu estou precisando de poder andar, entendeu? Porque esse Mineiro, é José Raimundo Nonato, o nome dele, ele...hoje ele tá relegado assim a um...era um cara linha de frente, respeitado, hoje está lá embaixo, entendeu? E a gente se identifica muito. Nós nos ajudamos muito no passado, por isso eu acho que ele confia. Embora muitos companheiros não querem conversar comigo, porque acham que eu traí, que eu num... sei lá...mas tem uns que não, que eles conversam comigo normal...

01:11:35 – MANOEL MORAES – O senhor conheceu o Coronel Valdir Serrano?

01:11:40 – CLÁUDIO GUERRA – Demais...

01:11:41 – MANOEL MORAES – O quê...qual era o papel dele na organização?

01:11:44 – CLÁUDIO GUERRA – É ...ele foi...Valdir Serrano, né? Eu conheci ele, ele era comandante da Brigada Paraquedista. Ele teve um incidente lá no Rio, ele e um soldado fizeram alguma coisa lá na...apanharam lá numa boate, ele foi lá e metralhou todo mundo lá. Aí por isso que ele não foi a general. Ele veio para o Espírito Santo...morreu lá no Espírito Santo. E...mas olha ele não...não participou de muita coisa, não, tá?

01:12:27 – MANOEL MORAES – Ah, não?

01:12:31 – NADJA BRAYNER – Eu queria saber o seguinte: o senhor falou no Mineiro, não é? Que seria o José Raimundo Nonato que é seu compadre, é isso?

01:12:42 – CLÁUDIO GUERRA – Isso.

01:12:44 – NADJA BRAYNER – E o que é que ele fazia, na época, qual a...o papel dele?

01:12:49 – CLÁUDIO GUERRA – Ele era da equipe do Coronel...

01:12:51 – NADJA BRAYNER – De Fleury?

01:12:52 – CLÁUDIO GUERRA – Do doutor Fleury. Ele é investigador, ele...a maior associação de policiais do país é São Paulo, ele era o presidente.

01:13:01 – NADJA BRAYNER – Presidente da associação ...dessa época?

01:13:05 – CLÁUDIO GUERRA – Nessa época.

01:13:07 – NADJA BRAYNER – Certo. Agora é...me diga uma coisa, eu...só queria voltar aqui... Porque nós estamos com a foto ali de Umberto Câmara. Que eu vou pedir para projetar. E queria voltar um pouco...quando eu fiz essa referência a esses...esse aqui...esse foi o jovem que eu falei, que desapareceu em oito de outubro de 73. Ele era pernambucano, e sumiu completamente. Aí o senhor falou, quando a gente estava falando sobre esse caso, de que parece que o senhor tinha a ideia de que uma ou duas pessoas tinham ficado escondidas, tinham

assumido uma outra identidade, e eu acho muito estranho isso. Que interesse ou porquê o sistema repressivo iria garantir essas pessoas mudarem de identidade, se não tivesse uma contrapartida? A gente entenderia isso dentro de uma infiltração, uma colaboração, mas simplesmente mudar de identidade, por mudar, sem dar nada em troca, ter o apoio e nada em troca...e nessa época, 73, 74, isso aqui foi em outubro de 73, 74 foram os dois praticamente, os dois últimos militantes da APML. Não existia praticamente mais nada do partido, da direção, das lideranças, funcionando. Por que o senhor falou isso? O senhor soube, o senhor tem referência de pessoas?

01:15:20 – CLÁUDIO GUERRA – Quem dá isso é o Coronel Paulo Malhães. Que fala que ele é que foi o autor desse acordo. E que a contrapartida que a senhora está se referindo teriam recebido recuperação... dinheiro, e tinham entregue bastante coisas. Mas o que eu alertei, lá na época eu falei com a comissão dessa informação. Que ele falou isso no jornal. Que era para ter cuidado que, de repente, já é uma coisa para poder desviar, porque ah...tá vivo, não é nada disso, né?

01:15:54 – NADJA BRAYNER – É, não desapareceu, não morreu, não é? Foi...na verdade, assumiu uma outra identidade.não precisa procurar, não é? Deixa como está...

01:16:03 – CLÁUDIO GUERRA – Essa informação não é minha. Eu estou dando assim... que eu li no jornal Paulo Malhães falando isso. Até que eu falei com a comissão pra ter cuidado porque ele é um cara especializado, ele fez curso na América, por tudo quanto é lado. E em trabalho de contra-informação. Informação e contra-informação. Entendeu? Ele pode estar trazendo uma notícia que... para desviar e para induzir ao engano. Essa que as pessoas estariam vivas...

01:16:27 – NADJA BRAYNER – É. Porque realmente não tem sentido, não tem lógica...

01:16:34 – CLÁUDIO GUERRA – Com certeza...

01:16:35 – ROBERTO FRANCA – Não tem precedente. Porque por mais que uma pessoa quisesse se ocultar durante um tempo, tem a família, a mãe ou um filho, uma esposa, jamais a pessoa aceitaria permanentemente mudar de identidade e não comunicar, não é? Não conheço nenhum caso assim, aqui ou no exterior, que a pessoa tenha assumido isso, a não ser em filmes que a gente vê, filmes acontece isso. Que os pais não sabem, consideram morto...

01:17:09 – SOCORRO FERRAZ – Por favor, senhor Cláudio. O senhor ouviu falar de uma pessoa chamada Gilberto Telmo? Que é um cearense, provavelmente infiltrado, numa organização de esquerda, e que teria sido entregue ao Perdigão?

01:17:34 – CLÁUDIO GUERRA – Gilberto Telmo...não senhora.

01:17:35 – SOCORRO FERRAZ – Gilberto Telmo.

01:17:39 – CLÁUDIO GUERRA – Gilberto Telmo...isso foi em que ano?

01:17:42 – NADJA BRAYNER – Ele tornou-se informante...

01:17:44 – SOCORRO FERRAZ – Ele vai se ligar ao Perdigão, provavelmente depois que se tornou informante.

- 01:17:48 – NADJA BRAYNER – Em que ano, Socorro?
- 01:17:50 – SOCORRO FERRAZ – Setenta e três. Ele é um cearense.
- 01:17:55 – CLÁUDIO GUERRA – É, nessa época eu não...por isso que eu estava perguntando lá, eu não...
- 01:17:59 – SOCORRO FERRAZ – Quantas ...o Perdigão esteve aqui quantas vezes?
- 01:18:05 – CLÁUDIO GUERRA – Não sei precisar não, mas ele veio muitas vezes.
- 01:18:07 – SOCORRO FERRAZ – Veio muitas vezes? Quem era o contato dele aqui?
- 01:18:13 – CLÁUDIO GUERRA – Era um...não lembro o nome do coronel...ele era militar...
- 01:18:24 – NADJA BRAYNER – Ele veio muitas vezes aqui?
- 01:18:25 – SOCORRO FERRAZ – Seria o Coronel Cursio Neto? Cursio!
- 01:18:32 – CLÁUDIO GUERRA – Ele era o comandante do Batalhão aqui? Ou era da agência do SNI ?
- 01:18:35 – SOCORRO FERRAZ – Ele era da segunda seção.
- 01:18:38 – CLÁUDIO GUERRA – Mas já havia um DOI aqui...não tinha? Nessa época?
- 01:18:41 – SOCORRO FERRAZ – Setenta e três...e setenta e quatro, já tinha.
- 01:18:44 – CLÁUDIO GUERRA – Pois é. Então era, era...é o do DOI.
- 01:18:50 – SOCORRO FERRAZ – Do DOI...
- 01:18:51 – CLÁUDIO GUERRA – É. É o coronel que estava no DOI...
- 01:18:52 – MANOEL MORAES – Clidenor?
- 01:18:52 – CLÁUDIO GUERRA – Tinha uma época que tinha um major, ...não, os nomes...não tá vindo os nomes...mas era ele o contato.
- 01:19:04 – SOCORRO FERRAZ – Talvez o major Clidenor?
- 01:19:06 – CLÁUDIO GUERRA – Como é?
- 01:19:07 – SOCORRO FERRAZ - Clidenor!
- 01:19:09 – CLÁUDIO GUERRA – Clidenor...era esse...
- 01:19:10 – SOCORRO FERRAZ – Era esse major? Era o contato do Perdigão.
- 01:19:13 – CLÁUDIO GUERRA – Coronel Clidenor...
- 01:19:16 – MANOEL MORAES – Ferreira também citou Clidenor.
- 01:19:19 – SOCORRO FERRAZ – É. E o senhor nunca ouviu falar do Ferreira?

01:19:23 – MANOEL MORAES– Ele quer ter um intervalo ...certo, então, por favor...fique à vontade.

01:19:33 – FERNANDO COELHO – Um intervalo.

01:24:33 – MANOEL MORAES – Voltando ao depoimento, doutora Nadja...

01:24:38 – NADJA BRAYNER – É...eu queria me reportar agora, a um outro caso, que ocorreu aqui em Pernambuco. É a propósito de um acidente que ocorreu aqui em Pernambuco, que, em mil, novecentos...deixa eu ver a data exatamente...em setenta...pois não...

01:25:00 – ÁUREO – Doutora Nadja...só para encerrar. Doutor Cláudio, eu durante mais de trinta anos fiz advocacia criminal. Depois perdi a voz e não pude mais exercer. Mas fiz bastante júris. Principalmente numa região muito violenta no estado. E manejei muito com laudo. E eu tenho a mesma visão do senhor quando diz que esses laudos não merecem muita confiabilidade. É só para respaldar meu entendimento disso, mas na sua experiência de policial e também de homem, que se envolveu com mortes, o senhor já viu algum ferimento transfíxante ter os mesmos diâmetros de entrada e de saída?

01:25:29 – CLÁUDIO GUERRA – Não.

01:25:29 – ÁUREO – Só isso.

01:26:01 – CLÁUDIO GUERRA – Eu nunca vi.

01:26:02 – ÁUREO – Não existe.

01:26:03 – CLÁUDIO GUERRA – Não tem. Não existe.

01:26:05 – ÁUREO – Não existe. Toda saída é o dobro da entrada.

01:26:08 – CLÁUDIO GUERRA – Por isso que eu me referi que a perícia não tem credibilidade nenhuma.

01:26:15 – ÁUREO – Satisfeito. Obrigado, Nadja.

01:26:18 – NADJA BRAYNER – Veja, aqui em Pernambuco, em 1972, foi exatamente março de 72, oito de março de 72, ocorreu um acidente de carro, próximo a Caruaru, aqui em Pernambuco, onde morreram Luiz Alberto Andrade de Sá Benevides e a sua esposa, Miriam Lopes de Verbena. Essas duas pessoas eram militantes do PCBR. Eles atuavam politicamente e, no caso, o Benevides, era dirigente nacional, e veio a Pernambuco para tentar regularizar uma documentação dele aqui no estado. Dirigiu-se para lá e aconteceu esse acidente. Eles tinham tomado emprestado um carro de um conhecido que também tinha sido militante do PCBR, e esse rapaz foi assassinado, morreu numa tortura, chamava-se Ezequias Bezerra. Ele foi identificado depois. A esposa dele, Guilhermina, do Ezequias, anos depois, sofreu um acidente de carro também, em Picos, no Piauí. Bom, faleceu também. Nós, refletindo sobre isso, examinando esses casos, nós achamos acidentes demais, não é? Tanto no primeiro caso, até porque a morte dessas duas pessoas se deu no dia oito, no dia seguinte, já tinha gente sendo procurada e o Ezequias morreu no dia onze, na tortura. E a companheira dele foi a única que

viu, que ouviu os gritos dele, e anos depois, quatro ou cinco anos depois, ela veio a falecer. Aí a minha pergunta, o senhor ouviu falar sobre isso? O senhor tem alguma informação?

01:28:45 – CLÁUDIO GUERRA – Eu acho que pode acrescentar e chegar à conclusão sim. O ...vou dar um exemplo do que foi feito com a Zuzu Angel. Foi o Coronel Perdigão que montou aquela operação. Inclusive eu passei a informação para a comissão, como por ele no local. A perícia ou um dos jornais fotografaram ele lá no local, depois do acidente. Então prova que ele estava. Né? Eu pedi para eles fazerem essa busca para achar. Então essa foi uma simula...uma montagem, e como ele vinha direto aqui, é o *modus operandi* é idêntico dele, disse que aconteceu lá. O mesmo *modus operandi*, simular um acidente e morrer...e ...Eu tive casos que eu simulei acidentes também, a mando deles. Alguns deles lá, a gente tinha a coisa bater no carro ...nós inventamos isso aí. Pessoa batia no carro, descia para discutir, aí era uma briga de trânsito...a gente arrumava pessoas para isso, né? Fizemos isso aí com...no Rio, né, foi feita uma execução desse jeito. Eu to lembrando quem foi...já não é nem militante, foi...é crime político, mas não era de militante de esquerda, não, era de interesse de briga política, foi feito desse jeito, né?

01:30:19 – ROBERTO FRANCA – Doutor Cláudio...em relação a esse fato, quer dizer, a possibilidade de o Perdigão ter vindo aqui...

01:30:26 – CLÁUDIO GUERRA – É...tem...oficialmente, as vindas dele aqui...né, o Exército, se está colaborando agora, vai poder estar registrado. Ou investigar aqui, ou no coisa...vai estar registrado. É ver se a data, ele estava aqui, pode ter certeza, fechou a coisa, porque essas simulações lá, ele que fazia.

01:30:47 – ROBERTO FRANCA – Porque uma coisa também que se poderia se verificar é se, nessa época, já que, normalmente, as ações às vezes se concentravam sobre um determinado partido, se havia ações sobre membros do PCBR, no caso, nos outros estados, porque coincidiria uma articulação e esses deslocamentos de pessoas, eu não tenho essa informação completa, mas poderia ajudar a identificar...quando se desencadeia uma operação dessa...

01:31:22 – NADJA BRAYNER – São exatamente nesse período, setenta e dois, são esses três casos; setenta e dois são três casos, que envolvem Fernando Sandália, Fernando Augusto Fonseca, Jose Bartolomeu Rodrigues de Souza, que chamavam de Tropi, Lurdes Maria Wanderley Pontes, esposa de Paulo Pontes, que, inclusive, existem duas...foram feitas duas montagens de tiroteio. Um, numa rua chamada, era o nome do próprio...deixa eu achar aqui...do próprio sargento que foi morto lá em Salvador. Porque Paulo Pontes foi preso junto com Theodomiro. Eles tinham um encontro marcado com Getúlio. Era um dirigente do PCBR. E eles iam para um encontro e a polícia prendeu, conseguiu prender Paulo Pontes e Theodomiro, que hoje é juiz, inclusive. E quando eles ficaram, foram retidos, o Getúlio conseguiu correr e fugir. E eles foram colocados num jipe, e Theodomiro tinha ficado com uma pasta dele, puxou a pasta, tinha um revólver, e ele matou esse “oficial” do Exército, Valdir. Eu tenho o nome dele aqui. O que é que aconteceu: a partir daí, eles ficaram jurados de morte, inclusive, pelo próprio ...tem um registro do próprio Fleury sobre isso, e o assassinato dessas pessoas...a Maria de Lurdes era esposa do Paulo Pontes, que foi preso junto com o Theodomiro, e os outros, eles fizeram, no dia 29, corresponde ao dia do aniversário de Theodomiro Romeiro, que foi a data do suposto tiroteio. E a rua onde a Maria de Lurdes, que foi outro aparelho, era Grajaú, e...foi no Rio, esse caso. Esses ...

- 01:33:52 – CLÁUDIO GUERRA** – Esse do Grajaú foi onde o Perdigão levou um tiro.
- 01:33:57 – NADJA BRAYNER** – Perdigão levou um tiro?
- 01:33:58 – ROBERTO FRANCA** – Onde? Como é?
- 01:33:59 – CLÁUDIO GUERRA** – Onde o Perdigão levou um tiro, e...
- 01:34:02 – NADJA BRAYNER** – O que é que o senhor sabe sobre isso?
- 01:34:06 – CLÁUDIO GUERRA** – E onde o...onde também...foi nesse mesmo...foi nesse lugar que a mulher morreu, não morreu? Tinha uma que...é nesse aí que tinha um nome, aí...tinha alguma Tânia nesse meio? Nesse aparelho?
- 01:34:21 – NADJA BRAYNER** – Não, chamavam ela de Luciana.
- 01:34:23 – CLÁUDIO GUERRA** – Luciana...então é quase isso...porque, então, não tem nenhum aparelho...do Grajaú, do coisa, que morreu Tânia...então é Luciana em lugar de Tânia...então é isso. A confusão minha era com Tânia e Luciana...
- 01:34:37 – ROBERTO FRANCA** – Luciana Ribeiro ou Cláudia?
- 01:34:37 – NADJA BRAYNER** – Luciana é Lurdes Maria Wanderley Pontes, Fernando Augusto Valente da Fonseca, José Bartolomeu Rodrigues de Souza...
- 01:34:49 – CLÁUDIO GUERRA** – A mulher do...desse que é político agora...ela tava nesse aparelho? A...do....desse deputado que fala sobre legalizar a maconha...como é que é o nome dele?
- 01:34:51 – NADJA BRAYNER** – Paulo Pontes...
- 01:35:06 – ROBERTO FRANCA** – Gabeira?
- 01:35:07 – CLÁUDIO GUERRA** – Gabeira!! A mulher do Gabeira estava em qual desses aparelhos? Ela escapou, parece.
- 01:35:13 – NADJA BRAYNER** – Veja só, ela ...era Vera Sílvia. Ela que casou com ele no exterior.
- 01:35:18 – CLÁUDIO GUERRA** – Depois, mas ela era tava nesse aparelho do Grajaú?
- 01:35:22 – NADJA BRAYNER** – Não, não...
- 01:35:23 – CLÁUDIO GUERRA** - Ah não? Pois é pra mim (sic) poder comparar...
- 01:35:27 – NADJABRAYNER** – Setenta e dois, Vera Sílvia já tinha saído, tinha sido banida no primeiro sequestro do embaixador americano. Ela estava fora do País.
- 01:35:34 – CLÁUDIO GUERRA** – Num desses aparelhos aí, que...mas é Grajaú, Tijuca, ou outro, que o coronel levou um tiro na femoral. E deu sorte na época que não morreu porque tinha um médico passando aí teve como...porque femoral geralmente morre, não dá tempo de chegar, né? Mas ele escapou, só que ele ficou com a perna toda costurada, ficou com um...meio

defeituosa a perna dele. E era...esse aí foi um dos motivos que ele passou a ser um cara que matava mesmo, que...

01:36:05 – NADJA BRAYNER – Eu lembrei que o nome...eu lembrei não, eu estou lendo aqui que o nome do sargento era sargento Valter Xavier de Lima. Foi o sargento morto por Theodomiro. E ... Veja só, eu coloquei...introduzi essa questão aqui, a gente tava falando sobre Mirian...

01:36:32 – CLÁUDIO GUERRA – Para chegar lá no aparelho...

01:36:33 – NADJA BRAYNER – Foi o acidente...você perguntou se existiam outros casos na mesma época. Aí eu estou dizendo que sim. Que esses casos aqui datam de setenta e dois. Dezembro de setenta e dois. E o caso de Benevides foi março de setenta e dois. Nesse mesmo ano, não é?

01:36:53 – ROBERTO FRANCA – O que a gente está vendo é que o caso se assemelha, ou pode se assemelhar, a um tipo de prática que o Perdigão fazia lá...

01:37:04 – CLÁUDIO GUERRA – Dos acidentes, é...

01:37:05 – ROBERTO FRANCA – Dos acidentes...e ele viria, ele vinha aqui periodicamente, a gente não sabe se as datas coincidem, mas era importante saber em que organização ele provocou o acidente, se por acaso eram pessoas do PCR...

01:37:22 – NADJA BRAYNER – PCBR!!

01:37:23 – ROBERTO FRANCA – Não! Esse do acidente do Perdigão. Se tem a ver...não, não, não...o fato que causou o acidente a...não, não, não....não foi no caso da Zuzu Angel...

01:37:35 – NADJA BRAYNER – Não...foi não...

01:37:37 – ROBERTO FRANCA – Foi o acidente que feriu o Coronel Perdigão...

01:37:38 – NADJA BRAYNER – Perdigão foi ferido na perna e ele não perdoava isso, não é?

01:37:45 – ROBERTO FRANCA – Se isso, por acaso, coincidente ou não tem a ver com esse grupo do PCBR, ou não. Claro que é um detalhe, mas que pode ser significativo, que aí no caso, esse caso que a gente está examinando é...os indícios são muito frágeis ainda, tanto é que o casal, isto é, os familiares não conseguiram provar, na Comissão dos Desaparecidos, a relação do homicídio. Mas no livro, em dois livros se referem a que foram perseguidos por pessoas da Polícia Federal. Um que tinham sido mortos por pessoas da Polícia Federal. Ninguém sabe como esses dados foram incorporados. No livro de Nilmário fala de perseguição...vinham num fusquinha em uma perseguição que pode ter havido, uma perseguição e a morte por perseguição. E no “Tortura Nunca Mais” fala que foram mortos por agentes, mas numa menção puramente genérica aos agentes da Polícia Federal.

01:38:46 – NADJA BRAYNER – Fala-se também em metralhamentos, que alguns populares teriam visto, não é? São, várias...

01:38:55 – ROBERTO FRANCA – Agora, o fato é que, é que...

0:38:57 – CLÁUDIO GUERRA – Eu acho que pra poder comprovar, assim...dar subsídios, é tentar levantar as datas que o coronel estava aqui.

01:39:07 – NADJA BRAYNER – Essa observação sua...

01:39:10 – CLÁUDIO GUERRA – Pegando aí, pegando as datas, vai fechar. Porque se você perguntar a qualquer um que pertenceu lá, sabe que foi simulado vários acidentes. Então sabe que era o *modus operandi*.

01:39:25 – NADJA BRAYNER – Isso. E o que chama atenção, no caso desse acidente, é a...primeiro, porque não era a primeira vez que o casal ia à Caruaru. Eles estavam voltando para pegar o documento. Ou seja, já existia um contato feito lá em ...

01:39:48 – ROBERTO FRANCA – Cachoeirinha! Cachoeirinha, no cartório, eles estavam querendo o Certificado de Reservista.

01:39:54 – NADJA BRAYNER – Eles tinha marcado uma volta lá nesse local e foi exatamente nesse momento que aconteceu. E foi muito rápido a prisão das pessoas após isso. Foram presas várias pessoas aqui. Foram umas oito ou dez pessoas.

01:40:16 – ROBERTO FRANCA – No dia seguinte...um ou dois dias depois, já prenderam o Ezequias...

01:40:19 – NADJA BRAYNER – Não, o acidente foi no dia oito. A Mirian morreu no local. Na versão oficial, morreu no local. E o marido morreu no hospital. Isso no dia oito. No dia nove, no dia seguinte, a irmã de Mirian foi presa, Adozinda. No dia nove. E no dia dez, foi preso o Ezequias, o rapaz que emprestou o carro. Então nessa leva aí foram presas várias pessoas. Foi presa Sônia Beltrão, foi preso é...quem mais...foram presas várias pessoas, é...Sônia Coutinho, não é? Várias pessoas foram presas nessa ocasião. E a violência aqui do DOPS, do DOI, no caso, matou Ezequias em menos de 24 horas. Em doze horas ele foi..e o corpo dele, como...o que foi que aconteceu, ele foi morto, depois eles disseram que ele tinha fugido, tinha marcado encontros com companheiros na noite do dia onze e, oito horas da noite, tinha havido um confronto e ele tinha fugido, os companheiros tinham levado ele. Exatamente. Dois dias depois, apareceu um corpo lá na usina, aqui no município de Escada, próximo de Ribeirão. E o corpo apareceu boiando no açude. O delegado da região procurou saber quem era...se alguém conhecia e tal. E tomou a seguinte providência: como as pessoas não identificaram, ele fez o encaminhamento formal para o IML, aqui em Recife. Cumpriu a parte dele de estar encaminhando um corpo e pegou no verso do encaminhamento, tirou as digitais e colocou. E mandou o corpo para cá. O corpo veio para aqui, quando isso saiu no jornal, a família procurou saber e aí disseram...pois é...aí disseram que não, que já tinham levado, que já tinham identificado e tal. Vinte anos depois, vinte anos depois quando se abriu a documentação do DOPS, se encontrou no Instituto Médico Legal, fazendo pesquisas, o tal documento de encaminhamento daquele corpo. E se mandou confrontar as impressões digitais com as impressões digitais de Ezequias. E aí confirmou. Então foi esse acidente que foi ...que morreu Benevides e Mirian.

01:43:22 – SOCORRO FERRAZ – Eu posso falar?

01:43:23 – NADJA BRAYNER – Pois não, Socorro.

01:43:24 – SOCORRO FERRAZ – Por essa descrição da doutora Nadja, o senhor já deu várias informações aqui que se tratava de uma operação, que não era uma ação isolada. Não é? Quando se matava dois, três, já se sabia. Então se montava toda uma operação e, por toda essa descrição, nota-se que era algo planejado.

01:43:45 – CLÁUDIO GUERRA – Com certeza.

01:43:46 – SOCORRO FERRAZ – Prendia um ou dois, falavam e, a partir daí, se montava uma operação. Veja bem, então, deve ter várias formas de matar. Uma forma de acidente, a outra através da tortura, até a morte, tem muitas formas e vão se afinando, né? Vão se tornando...essas formas, às vezes, vão se tornando, pela natureza dos humanos, não é? Que são mais desumanos que os animais, mas por essa natureza deles, eles vão se aprimorando no que eles fazem. Seja para o bem, seja para o mal. Então, quais são as formas de matar mais sofisticadas, por exemplo?

01:44:36 – CLÁUDIO GUERRA – Os que morriam por tortura, alguns foram por imperícia das pessoas que estavam torturando. Às vezes não queria nem matar, queria tirar mesmo a informação. Outras era simulação de suicídio, que muitos morreram assim. E tinha até as mortes normais também, que aparentemente normais, mas que era...um...um lipto, uma composição que se aplicava pra pessoa...e a pessoa morria como se fosse um infarto, e não deixava vestígios.

01:45:17 – SOCORRO FERRAZ – Se aplicava como uma injeção, por exemplo?

01:45:19 – CLÁUDIO GUERRA – Uma injeção...uma injeção. Eu pessoalmente ia usar esse... no Baumgarten. Ele conseguiu fugir, aí depois ele morreu, foi aquele que foi jogado na baía da Guanabara e depois apareceu na praia. O proprietário do jornal O Cruzeiro. Agente ia...ia ser uma morte acidental. Não...morte acidental, ia ser uma morte natural. Mas que era um crime, a minha equipe estava encarregada de fazer essa injeção nele. Ele desconfiou e correu. Ele costumava ver gente que não corria, mas ele estava com, já receio, tinha até feito uma carta, que se ele morresse eram os dois coronéis que seriam os responsáveis porque ele tinha apanhado um dinheiro do governo, do SNI, verbas para poder montar O Cruzeiro, e para continuar saindo, e ele não soube administrar, acabou com o dinheiro e a revista estava quebrando outra vez. E ele queria mais dinheiro, estava extorquindo o SNI, aí o SNI decidiu tomar a providência de eliminá-lo. Só que ele desconfiou, e fez uma carta, e nesse dia quando ele nos viu, ele reconheceu algum do grupo. Ele correu...aí...

01:46:43 – SOCORRO FERRAZ – O senhor estava no grupo?

01:46:44 – CLÁUDIO GUERRA – Nesse grupo! Ai ele foi para Teresópolis, ele e a família, né? Aí ele foi...aí é outro grupo, é ...arranjaram um grupo especializado, puseram um médico nessa equipe, tudo; apanharam ele, a esposa e o caseiro, eles mataram e enterraram num...num, segundo o Coronel Perdigão, ele me mostrou o local, eu mostrei para os representantes do Ministério Público, da Justiça, esse local, onde ele disse que teria enterrado a mulher e o barqueiro. O caseiro, né? E o Baumgarten, eles levaram para alto mar com a equipe, um tenente médico, que para mim é o Fayad, e tinha uma dúvida se era o Lobo, né? Amilcar Lobo, mas é o Fayad. Fez uma incisão nele, como se fosse...até deixaram a identidade dentro do bolso, deixaram tudo, porque a incisão acharam, igual ele narrou, que não boia, mas acabou boiando, apareceu na praia de ...lá no Rio de Janeiro, foi descoberto, né?

01:48:04 – SOCORRO FERRAZ – Olhe, aqui também houve um caso na Casa de Detenção, que pode ter sido por uma injeção, que foi o caso do Capivara. Então eu lhe pergunto por isso. Porque nós temos esse caso que é mais ou menos complicado, e seria uma das formas de morte. Além disso, outras formas? Mais sofisticadas...

01:48:28 – CLÁUDIO GUERRA – Não. Era ...a mais sofisticada mesmo era a ...esse, esse produto que veio da Inglaterra, que foi usado na Inglaterra, que passaram ele para o Governo...para o Governo, não, para o SNI, que tinha muito entrosamento. A gente recebia ...tinha aulas de tortura, essas coisas, que eram dadas principalmente para os sargentos, e esse material vinha de lá.

01:48:54 – SOCORRO FERRAZ – É. Da Inglaterra. E vocês tinham também, é...cursos com os ingleses? Alguns têm falado sobre isso...

01:49:01 – CLÁUDIO GUERRA – É. Eles ensinaram umas técnicas aí...ensinaram as técnicas de, de...mais foi, não era tortura assim, tortura, mas a parte psicológica, de tortura psicológica, por uma pessoa num cômodo totalmente escuro, tantas horas, aí chegava dava alimento para ele, daí a pouquinho, passava uma hora, como se fosse a janta, num dava espaço, a pessoa começava a desorientar. Esse esquema foi ensinado pelos ingleses. Tem um outro também, não lembro como é que é direito, mas eles ensinaram dois métodos, e ensinaram muito também campana, como seguir a pessoa.

01:49:42 – SOCORRO FERRAZ – Como seguir...

01:49:43 – CLÁUDIO GUERRA – Isso foram eles que ensinaram.

01:49:43 – SOCORRO FERRAZ – Eu ainda tenho duas perguntas a fazer ao senhor...sim?

01:49:48 – ROBERTO FRANCA – Desculpe-me, Socorro. Veja, para mim é uma surpresa a participação da Inglaterra nessa colaboração com a repressão.

01:49:49 – MANOEL MORAES – Tem uma citação no livro “Operação Bandeirante OBAN”, na “Ditadura Escancarada”, página sessenta e sete. Grã Bretanha, aqui ó: “(...) na época em que subiu as estrelas, Fleury é um deles, o Centro de Informação do Exército enviou à Grã Bretanha uma turma de oficiais para estágio em serviços anti-insurrecionais ingleses. Lá num quartel, funcionava o serviço especial”, né? “Da Inglaterra, uma unidade que serviu de modelo para toda uma geração de similares, da Delta Força Americana, da Polícia Tática de Singapura, trata-se de uma turma adestrada, rápida e bem equipada. Com seis semanas de treinamento de tiro, seus soldados disparavam 1200 a 1500 cartuchos. E a unidade vivia num regime de alerta para o qual era capaz de formar em três minutos”. Aí ele diz ...é...detalha...

01:50:57 – ROBERTO FRANCA – É. Eu não tinha registrado, eu li esse livro muito rapidamente os três volumes de...já soube que tinha um quarto na...na...mas e com relação à participação, à eventual participação, somente uma pergunta, do serviço secreto israelense, porque no seu livro, o senhor menciona que aprendeu uma técnica israelense, que é oisso foi uma coisa isolada ou teve também uma participação mais ampla?

01:51:28 – CLÁUDIO GUERRA – Não, eles não vieram treinar a Força para isso, não. Foi um curso que eles deram...

01:51:38 – SOCORRO FERRAZ – O senhor poderia falar mais pertinho do microfone?

01:51:39 – CLÁUDIO GUERRA – Foi dado um curso pela...policiais de Israel, não era específico para combate à esquerda, não. Era para se aprender a ler técnica de armamento, de, de...inclusive foi doado, nessa época do curso, algumas metralhadoras, submetralhadoras UZI, o que foi usado no curso, ficou, entendeu? Pra essa instrução. Israel não veio instruir para combater a esquerda. Em contrapartida, a CIA e o Serviço Secreto Britânico, não. Eles vieram ensinar a combater comunistas.

01:52:25 – SOCORRO FERRAZ – É...só um minutinho...

01:52:27 – CLÁUDIO GUERRA – Eu aprendi essa técnica lá, foi...era um instrutor de tiro lá no Tietê. Clube Tietê, em São Paulo, nós fazíamos treinamento de tiro ali, e nós guardávamos as armas lá, era um local que dava para guardar armas, porque cada um tinha o seu...eu tenho a carteira de atirador de lá. A gente guardava as armas nos coisa ali, precisava, ia ali e buscava. Em lugar de ficar nas repartições, fiava ali. Entendeu? Ali, não só eu. O Fleury treinava ali, o Mineiro, meu compadre, o Joe, que tá vivo, hoje é um que eu pretendo ver se trago ele para falar também, Joe Bueno.

01:53:08 – SOCORRO FERRAZ – Olhe, mais uma pergunta: o senhor teve contato com uma pessoa do Cenimar, que se chamava, no Cenimar, o Capitão Araújo?

01:53:20 – CLÁUDIO GUERRA – Não. Do Cenimar, aqui...inclusive quem operava, tudo era ele, o fre...e o adjunto, era o comandante Vieira.

01:53:30 – SOCORRO FERRAZ – Mas, aqui, por exemplo, de Pernambuco, há uma pessoa chamada Francisco, que tinha um apelido meio jocoso, aqui que era Chico Pinote! Porque ele era baixinho, bem baixinho, e, quando ele prendia os comunistas, para bater na cara deles, ele pulava. Então ele ficou conhecido como Chico Pinote. E lá no Cenimar, eu sei que ele fez toda...todo o trabalho de, como se diz, de organizar a repressão à Polopi. Ouvia falar dessa pessoa? Ele era muito entendido em organizações de esquerda.

01:54:14 – CLÁUDIO GUERRA – Pois é, o...nome “Pinote” não é estranho, não, esse nome de uma pessoa. Eu sabia dele, não estive com ele, não. Sabia dele. Não estive com ele, não.

01:54:24 – SOCORRO FERRAZ – E uma pessoa que era do Comitê Central do Partido Comunista Brasileiro, que entre os meios de repressão se chamava “Vovô Azul”?

01:54:38 – CLÁUDIO GUERRA – “Vovô Azul”...

01:54:45 – SOCORRO FERRAZ – Era uma pessoa que era do Comitê Central e tinha ligações com toda a parte de repressão no Rio de Janeiro.

01:54:56 – CLÁUDIO GUERRA – Tô lembrando, não...não. Não lembro, não, senhora.

01:55:03 – SOCORRO FERRAZ – Não? Obrigada.

01:55:13 – ROBERTO FRANCA – Nós falamos muito pouco sobre o Gilberto Prata, eu não sei se o Cláudio poderia...se tem algum conhecimento, anterior, não é? Porque posterior ele deu declarações na Comissão da Câmara, eu já...mas Gilberto Prata provocou um...se reinfiltrou um

dano enorme, praticamente dizimou a APLM, e se, em algum momento, você teve alguma informação sobre ele ou...porque ele teve uma ação específica aqui e foi...inclusive acho que vocês não conversaram, falaram alguma coisa sobre a granja? Ele não tem conhecimento ou nada sobre...mas sobre Prata...

01:56:08 – MANOEL MORAES – (Várias falas ao mesmo tempo) Ele disse que tinha um amigo que teve contato com Anselmo...só que ele vai entrar em contato, etcetera e tal, mas da granja...não é?

01:56:20 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não tenho nada assim que possa ajudar, não.

01:56:24 – MANOEL MORAES - Só complementando, doutora Nadja citou Raul Careca, tem uma citação dele em “Ditadura Envergonhada”, Diz assim: “Na manhã seguinte, o CCC desceu os tanques. Sua tropa atacou com tiros e centenas de coquetéis molotov. Mataram um secundarista, vinte anos, José Guimarães. Invadiram Maria Antônia e incendiaram-na. Do tanque participaram, além de estudantes da Mackenzie, pelo menos dois policiais, delegado Raul Careca”, doutora Nadja citou, “e o comissionado Otávio Gomes Moreira Júnior. Ambos eram sócio-fundadores do CCC.”. O senhor confirma isso? Está em “Ditadura Envergonhada”.

01:57:03 – NADJA BRAYNER – Mas não é “Paulo” Careca, é Raul Careca...

01:57:04 – CLÁUDIO GUERRA – Raul Careca.

01:57:05 – MANOEL MORAES – Raul Careca. PERDÃO. Raul Careca.

01:57:07 – CLÁUDIO GUERRA – Era ele o ...do comando era ele, do CCC, só.

01:57:13 – NADJA BRAYNER – Um dos chefões...

01:57:14 – MANOEL MORAES – E ele trocava com o senhor alguma informação? O senhor tinha...

01:57:16 – CLÁUDIO GUERRA – Como é que é?

01:57:17 – MANOEL MORAES – Quando o senhor montou a comunidade de informação, dentro da lógica do CCC, ele trocava com o senhor alguma informação? Raul Careca?

01:57:25 – CLÁUDIO GUERRA – Não. Eu encontrava com ele em São Paulo. Encontrei com ele algumas vezes lá.

01:57:29 – MANOEL MORAES – O senhor falava com ele sobre o quê?

01:57:31 – CLÁUDIO GUERRA – Não. É...não tinha, não tinha...não era de trabalho, assim...a gente...Nós éramos na realidade da extrema direita, né? Eu também. Eu era, né? Eu acreditava naquilo ali que eu fazia. Eu só fui reconhecer que estava errado lá dentro da prisão. Que eu estava errado. Até então quando eu comecei conversar com o Perli, falava “vocês, nós...”. O Perli deve lembrar disso. Foi assim, eu convivendo com o Perli, coisa que foi mudando a minha personalidade, tem a ver a personalidade, o meu modo de entender o que é a legitimidade da luta da esquerda e os absurdos que nós fizemos. Hoje, a gente sabe diferenciar isso, mas até então, não.

01:58:17 – MANOEL MORAES – Ok.

01:58:20 – NADJA BRAYNER – Eu gostaria de fazer uma pergunta. O senhor conheceu ou conhece o Amilcar Lobo?

01:58:29 – CLÁUDIO GUERRA – Ele já faleceu. Eu conheci ele...

01:58:33 – NADJA BRAYNER – Ele faleceu recentemente, não é?

01:59:34 – CLÁUDIO GUERRA – É. Eu conheci ele na...no...na Liga de Escolas de Samba do Rio de Janeiro, que é uma fachada para, na realidade, para a Liga dos Jogos de Bicho. Conheci ele ali.

01:58:52 – NADJA BRAYNER – Ele se ...eu to me referindo ao Lobo, o médico?

01:58:56 – CLÁUDIO GUERRA – O médico. Não, eu conheci ele antes...eu conhecia, eu sabia dele, mas pessoalmente eu passei a conhecer ele e a gente falar sobre as coisas, ali.

01:59:07 – NADJA BRAYNER – É, mas o senhor encontrou com é...

01:59:08 – CLÁUDIO GUERRA – Por isso que muitas coisas que chegaram aqui, dos desaparecimentos, dos corpos cremados, eu sei que eu vi coisa dele, que pessoas que ele atendeu lá dentro.

01:59:18 – NADJA BRAYNER – Lá, em Petrópolis?

01:59:20 – CLÁUDIO GUERRA – Na Casa da Morte e na PE. Agora, outro médico que tá vivo, que precisava de ser falado é o Fayad! Tá vivo!

01:59:36 – NADJA BRAYNER – Como é?

01:59:38 – CLÁUDIO GUERRA – Doutor Fayad tá vivo.

01:59:42 – NADJA BRAYNER – Fayad!

01:59:44 – CLÁUDIO GUERRA – Eu só conheço como Fayad. Eu não tenho o resto do nome dele não. Mas tá vivo e essa pessoa...ele sabe mais que todo mundo. Das coisas...do...lá...porque ele atendia as pessoas.

01:59:55 – NADJA BRAYNER – Eu sei. É, me diga uma coisa, o senhor, é...o senhor disse que quando vinha aqui o seu contato era com o Silvestre.

20:00:03 – CLÁUDIO GUERRA – Eu vim uma vez só aqui.

02:00:04 – NADJA BRAYNER – É, com o delegado Silvestre. E Miranda também nessa ocasião...

02:00:10 – ROBERTO FRANCA – Nadja, só um parentesiszinho...é...quem trabalhava muito próximo de Silvestre era um delegado de furto de veículos, chamado Aquino Farias Reis.

02:00:26 – CLÁUDIO GUERRA – Eu soube do doutor Aquino depois. Por isso que eu não estou dando os nomes, porque eu só soube depois, né?

02:00:29 – ROBERTO FRANCA – Claro, claro...

02:00:31 – CLÁUDIO GUERRA – Eu não sabia dele nesse época. Então no evento daquela época, foi só o doutor Silvestre e o Miranda.

02:00:39 – MANOEL MORAES – Doutor Cláudio, inclusive, a gente projetou aqui, eu queria que o senhor desse uma olhada. Pedir para que apagasse a luz...uma relação que tem várias fontes. Existem os próprios torturados de Itamaracá, que fizeram uma matéria, essa matéria foi publicada o Recife, é...em setenta e oito. Existem outras publicações, enfim. Essa é uma lista de torturadores aqui em Pernambuco. Aí a gente queria que o senhor desse uma olhada, e, a partir do que o senhor pudesse identificar, o ponto está do seu lado, aí o senhor poderia dizer se o senhor conhece.

02:01:27 – CLÁUDIO GUERRA – O...esse delegado ali...o, esse Miranda...

02:01:28 – MANOEL MORAES – Se o senhor puder, o ponto está do seu lado, se o senhor puder mostrar com o ponto, porque aí a gente ...

02:01:33 – CLÁUDIO GUERRA – Esse aqui é o ...esse Miranda que tá ali, é o Miranda, Miranda, ou não?

02:01:40 – NADJA BRAYNER – Luiz Miranda. É.

02:01:41 – MANOELMORAES – É, Miranda.

02:01:42 – NADJA BRAYNER – É o mesmo.

02:01:49 – CLÁUDIO GUERRA – Aqui não é...eu to falando o que eu soube depois...fiquei sabendo o nome dele depois. Esse aqui. Eu não o conheci, mas sabia dele através do Fleury.

02:02:18 – MANOEL MORAES - Ele era membro do CCC?

02:02:20 – CLÁUDIO GUERRA – Esse aqui era ligado ao Fleury. Não é porque está escrito aqui, não. Era ligado ao Fleury.

02:02:25 – MANOELMORAES – Ligado ao Fleury...é a informação que o senhor tem? E ele era também do CCC? Tenente Ferreira?

02:02:31 – CLÁUDIO GUERRA – Era também. Deixa eu ver aqui. Miranda...Miranda é o mesmo Miranda que...

02:02:38 – NADJA BRAYNER – É. Luis de Miranda.

02:02:40 – CLÁUDIO GUERRA – Ah, então tá. Então é esse aqui. Aquele nome que nós falamos da...não, não está aqui.

02:02:51 – MANOEL MORAES – O delegado que foi treinado? Que foi treinar com o senhor, está aí?

02:02:53 – CLÁUDIO GUERRA – É isso que eu to vendo se tem...

02:02:57 – MANOEL MORAES – Essa é uma primeira folha, tem outra...

02:02:57 – ROBERTO FRANCA – O Armando Samico está aí?

02:02:58 – MANOEL MORAES – Não. Não, é porque tem outras transparências, não é? Tem outra. Não está aí, não?

02:03:03 – ROBERTO FRANCA – O Armando Samico foi secretário durante um período...professor Armando Samico, é especialista em tortura.

02:03:12 – CLÁUDIO GUERRA – Passa a outra aí. Vamos ver se tem outra...

02:03:17 – MANOEL MORAES – Eu posso lhe dar impresso, aqui...essa impressão aqui. Tem essa? Não tem aí, não, a apresentação? Essa é mais recente?

02:03:35 – NADJA BRAYNER – Vamos usar o microfone...

02:03:36 – CLÁUDIO GUERRA – Ah, deixa eu assumir mais um compromisso aqui com vocês...

02:03:40 – NADJA BRAYNER – Essa é...são duas relações diferentes. Uma que envolve vários agentes, delegados, essa do jornal. E a outra, que são essas três páginas, são os delegados...essa outra, não é? Da secretaria de segurança. São três relações. É essa que está sendo projetada aqui.

02:04:57 – CLÁUDIO GUERRA – O...eu vou tentar conseguir...

02:05:05 – MANOEL MORAES – O senhor pode levar essa relação...

02:05:07 – CLÁUDIO GUERRA – É. Eu vou tentar, porque é...tem uma pessoa lá no Espírito Santo que ele guardou...que guardou muitos dados da época do Escuderia. E lá nós temos a relação de pessoas que são daqui. Deve estar nessa lista. Eu tento conseguir com ele lá e passo para aí, pra comissão.

02:05:38 – MANOEL MORAES – Seria uma excelente contribuição, doutor Cláudio!

02:05:40 – CLÁUDIO GUERRA – Não...vamos tentar falar com ele que ele sabe quem é, o perito França, perito da Polícia Civil, França. Eu vou tentar apanhar com ele. Ele tem esse arquivo, não é?

02:05:53 – NADJA BRAYNER – Aí o senhor nos mandaria, não é?

02:05:54 – MANOEL MORAES – Mas a gente disponibiliza, de qualquer forma, essa relação, porque aí se o senhor...

02:05:58 – NADJA BRAYNER – O senhor pode ficar com essas cópias.

02:06:03 – CLÁUDIO GUERRA – Se forem as mesmas pessoas...os nomes completos e as datas que tiverem lá.

02:06:07 – MANOEL MORAES – O senhor pode nos ajudar. Perfeito. Ótimo, doutor Cláudio, muito obrigado.

02:06:13 – NADJA BRAYNER – Veja, eu queria passar agora a um outro caso que envolve também militantes, no caso do PCBR. No seu livro, aqui na página 46, o senhor faz uma referência, quer dizer, faz aqui e faz em outras partes, aliás, eu acho que são os jornalistas que acrescentam. Sobre Kombi na Praça da Sentinela, em Jacarepaguá. É uma chamada aqui, eu vou dar, vou ler rapidamente e depois...

02:06:58 – CLÁUDIO GUERRA – Não é Kombi, na realidade é um fusquinha.

02:07:03 – NADJA BRAYNER – Exatamente,mas aqui ficou... Kombi, não é? Isso.

02:07:06 – CLÁUDIO GUERRA – Você pode ver que está misturado, em algum lugar fala que é fusca, em outro fala que é Kombi.

02:07:09 – NADJA BRAYNER – É. Eu aqui...no meu tem Kombi. “O Comandante Vieira e o Coronel Perdigão me dera a informação de que um Volkswagen passaria pela estrada, no sentido Jacarepaguá, na Praça da Sentinela, e que nenhum passageiro desse veículo poderia escapar vivo. Era assim que Perdigão agia. Poucas informações. Uma Kombi com pessoas que deveriam morrer. Ele me pediu ajuda. Eu tinha um compromisso no Espírito Santo e não pude participar. Mas enviei meus melhores homens. Depois eles me contaram como tudo aconteceu, com detalhes, por dever de ofício. Da minha equipe, estavam nesse tiroteio o PJ e o sargento Jair. Eles foram para a estrada e fizeram um corredor de atiradores. Perdigão vinha atrás, avisando por um rádio o momento em que a Kombi estava se aproximando do local ideal. O veículo foi metralhado por todos os lados. E, em seguida, jogou-se uma bomba dentro dele. Não sobrou ninguém vivo. Pelo relato dos meus companheiros, o Coronel Perdigão deu vazão, em seguida, a todo o seu sadismo. Contaram-me que a moça, Ranúzia, mesmo ferida, conseguiu sair do carro antes do fogo, ao contrário de seus companheiros, que acabaram carbonizados. Estaria mal, agonizando. Foi o Perdigão quem fez questão de acabar com ela, a tiros. E ria enquanto atirava. Ria alto. Os quatro jovens estavam sendo monitorados a algum tempo. Essa chacina foi noticiada na época, apesar da censura. Evidentemente foram montados, na perícia, todos os indícios de resistência. Essas pessoas são, seriam Ranúzia Alves Rodrigues e mais três militantes do PCBR, Almir Custódio de Lira, Ramires Maranhão do Vale e Vitorino Alves Moitinho. Foram mortos pelos órgãos de segurança em 27 de outubro de 1973, no Rio de Janeiro, ver anexo.”. Aí tem uns anexos aqui que foram acrescentados pelo jornalista. As minhas questões são no seguinte sentido: eu tenho dois documentos aqui, um primeiro, documentos reservados. Um documento do CISA, Centro de Informações da Aeronáutica, sobre...é um relatório especial de informações, sobre o PCBR. Do qual essas pessoas integravam (sic). E nesse documento aqui, ele cita inclusive esses militantes que seriam, vamos dizer assim, os últimos dirigentes do PCBR, porque a maior parte já tinha morrido, não tinha praticamente mais ninguém. Apresenta uma relação, inclusive das ações que teriam sido feitas particularmente por esse grupo, onde constava Ranuzia, Ramires e Almir. E quando cita as ações, coloca, por exemplo, tem aqui uma data, fevereiro de setenta e três, bairro do Méier, Rio de Janeiro. Assalto e roubo de um automóvel à mão armada. Praticantes: Ramires Maranhão do Vale, Almir Custódio de Lima e Ranúzia Alves Rodrigues. Aí faz a referência, que seria a fonte da informação. Declarações de Ranúzia Alves de Oliveira. Não é só uma, tem um outro caso aqui. Tem umas dois ou três citações de que ela teria prestado declarações.tem um outro documento aqui, esse do Exército, também é um relatório confidencial, esse relatório é número dez, onze, doze, sete de setenta e três, do “C”e “E”. Do Exército, está aqui, tem todos os carimbos oficiais, que é um documento reservado, que diz o seguinte: “Partido Comunista

Brasileiro Revolucionário, PCBR, o DOI-CODI conseguiu, em fins de outubro”, esse tiroteio foi em 27, teria sido 27, “obter dados suficientes para desenvolver operações para recontactar militantes daquela organização. Demonstrando conhecimento precário das normas de segurança, um terrorista posteriormente identificado como sendo Almir Custódio de Lima, que era chamado de Otávio, promoveu uma reunião na residência de um cidadão não integrante do esquema de apoio do grupo, que, ao perceber tratar-se de uma reunião clandestina, recorreu a um dos órgãos de segurança que o encaminhou ao DOI-CODI. Já conhecidos os antecedentes de Otávio, no caso Almir, passou este a ter suas atividades vigiadas continuamente, decorrendo disso o levantamento do seu endereço, local de trabalho, e contatos, os quais foram acompanhados e fotografados. Sendo posteriormente identificados como Ramires Maranhão do Vale, que era chamado de Cristo e Mago, Ranúzia de Oliveira, chamada de Maga. Presos os dois militantes, Ramires e Ranúzia, acima, e mais Almir, submetido a interrogatório, foi apurado o seguinte: que o PCBR na Guanabara estaria reduzido praticamente aos três acima mencionados e mais o Vitorino Alves. Que compõe o quarteto desse dia, que era chamado de Branco ou Doido. Que estariam tentando reestruturar o PCBR e reiniciar os trabalhos nos setores operários e estudantil. Que a Frente Militar quando necessitava agir, utilizava esses quatro elementos já citados. Que Prestes de Paula”, ele era um dirigente do PCBR, “estava descontactado do partido, em paradeiro desconhecido. Que o Ramires era quem fazia contato com a ALN, através de Rogério, e com a VAR Palmares, através de um elemento desconhecido. Que Salatiel Teixeira Rolim”, que também foi dirigente do PCBR, “foi assassinado em uma operação em que tomaram parte Ranúzia, Almir, Ramires e Vitorino”, né? “Que estava sendo planejada a execução de Ramahyana Vargens. Que na noite de 27 de outubro, haveria uma cobertura de ponto com a LN em Jacarepaguá, Guanabara. Por último, na cobertura de ponto mencionado, ocorreu violento tiroteio, quando morreram Ranuzia, Ramires, Almir e Vitorino Alves. Este último tinha entrado no ponto. Farta documentação foi apreendida. Um dos documentos redigidos por Ramires do Vale, e endereçado aos militantes do PCBR ao exterior e ao CCC, mencionava o seguinte: ‘É ínfimo o número de quadro do PCBR em atividade no país. Particularmente na Guanabara. Que as ligações dos integrantes do CC no exterior têm sido difíceis. O CC do PCBR ainda se mantém no exterior. Ao passo que o CC da “Ava” Palmares já está reinstalado no país. Que as dificuldades atuais do aludido grupo terrorista, aliadas às deficiências de quadros, levaram a regional da Guanabara a formular uma proposta ao CC no exterior, criando um comissariado nacional provisório, o que gerou controvérsias e até divergências entre o comissariado e o CC. Com a prisão realizada pelo DOI-CODI, 4º Exército, de José Oliveira Xavier, militante do PCBR, em Palmares, Pernambuco, ficou esclarecido que o PCBR contava no exterior com o apoio do Governo Chileno, da forma aqui abaixo descrita’, aí vem uma série de observações. Então veja só. É evidente que... como o senhor fez esse relato no livro, dizendo, inclusive, que essas pessoas que o senhor mandou pra lá, eram pessoas de sua confiança, que fizeram esse relato desse tiroteio, eu faço a seguinte questão: houve o tiroteio, de fato, ou foi também uma armação? Um cenário... o que é que aconteceu, de fato, em Jacarepaguá?

02:17:11 – CLÁUDIO GUERRA – Não foi armação. Aliás, era porque já sabiam que eles iam passar ali...eles me falaram que o coronel estava monitorando esse fusca, não é Kombi, ...fusca, e ele ia passando pelo rádio. ‘oh, está em tal lugar, está chegando e tal...’, e ali eles foram metralhados, não teve troca...eles não...

02:17:36 – NADJABRAYNER – Não houve tiroteio?

02:17:37 – CLÁUDIO GUERRA – Tiroteio. Atirou, o carro... foi jogada uma granada lá dentro, ela incendiou, a Ranúzia conseguiu sair, segundo o tenente falou, e do lado de fora, o coronel que matou ela a tiros.

02:17:51 – NADJA BRAYNER – Como eles estavam num carro, se eles tinham sido presos? Porque são documentos oficiais. Um é do CISA, o CISA diz que Ranúzia prestou depoimento. O documento está aqui, se o senhor quiser, posso passar às suas mãos, o documento aqui também do Exército, fala dos depoimentos deles, da prisão dos três.

02:18:18 – CLÁUDIO GUERRA – É. Então... hoje eu estou sabendo que foi uma armação. Hoje eu estou sabendo, mas até então, pelo que os dois homens que trabalhavam comigo, também eles...do jeito que eu fui induzido ao erro, eu não sabia que era armação quando eu matei as pessoas lá. Eu fui saber depois. Tempos depois. Eles também podem estar... eles fizeram ali sem saber que era uma armação. Também... porque do jeito que eles narraram pra mim, é que eles estavam posicionados, e que o Coronel Perdigão...a não ser que eles tenham liberado e colocado já o carro para eles, e eles tinham de passar por ali para eles morrerem, eles não sabiam que iriam morrer ali. A não ser que seja isso aí. Eu não vou saber precisar pra senhora. Se eles foram presos antes, claro que foi uma montagem...eu não tenho dúvida...

02:19:16 – NADJA BRAYNER – O documento do...esse é um documento confidencial. É um relatório...

02:19:22 – CLÁUDIO GUERRA – E eles não iriam fazer um negócio aí que ia prejudicar, porque se fosse uma troca de tiro, uma emboscada, caracterizava uma ação mais ou menos legítima, e em contrapartida, está confessando que eles foram torturados e simulado um tiroteio para eles morrerem depois, né?

02:19:42 – NADJA BRAYNER – A minha suposição é que...obviamente, eles não iriam, num documento oficial deles, colocar informações que não fossem..

02:19:55 – CLÁUDIO GUERRA – Não...que aí eles estão confessando um erro medonho aí!

02:20:10 - FERNANDO COELHO -(inaudível)

02:20:05 – NADJA BRAYNER – Não. Existe registro . Veja só, o que...nós temos inclusive as fotos, são fotos terríveis...

02:20:17 – CLÁUDIO GUERRA – Eu conheço algumas fotos...

02:20:18 – NADJA BRAYNER – O senhor conhece...dentro do carro, de três pessoas carbonizadas.

02:20:24 – CLÁUDIO GUERRA – Carbonizadas.

02:20:25 – NADJA BRAYNER – Não é? E temos a foto da Ranúzia, de fato, o corpo dela sem queimaduras. Isso, nós temos esses documentos. Agora, exatamente por isso...o carro...foi jogada uma bomba no carro, como é que Ranúzia conseguiu não ter nenhuma queimadura no corpo...porque ela não tem! Na foto a gente vê claramente que ela não tem, não sofreu nenhuma queimadura, enquanto os três...porque o que foi jogado ali, o potencial daquilo, foi imenso, porque ficaram completamente carbonizados. É ...existe um episódio anterior, o senhor deve

saber, que foi a morte daquele delegado Otávio, que chamavam Otavinho, que era muito amigo do Fleury, e que foi morto, segundo apurado, por esses militantes e que, a partir daí, o próprio Fleury teria ficado muito abalado com isso, pela ligação que tinha com o Otavinho, e que jurou, pegou uma arma que estava no local, ficou com essa arma e teria dito para o irmão do Otávio que só devolveria aquela arma quando pegasse aquelas pessoas que tinham feito isso com o irmão dele. Porque independente de ser irmão dele, era amigo dele e tinha sido uma coisa muito forte para ele. E a partir daí, inclusive se fala que essa coisa de próprio queimar os corpos, ter de fazer isso, não era só matar, mas carbonizar. Porque os corpos foram reconhecidos. Quer dizer, a coisa da identificação, não ficou como desaparecidos.

02:22:28 – CLÁUDIO GUERRA – É, mas aí o Fleury não tem nada na história, não. Deixa eu explicar à senhora porquê.

02:22:31 – NADJA BRAYNER – Pois não.

02:22:32 – CLÁUDIO GUERRA – O ...Exército...o Fleury já estava rompido com o Exército, o Exército não tinha mais com...o Fleury já estava rompido com o Exército. Não tinha nenhuma ligação. O Exército não ia entregar três pessoas para o Fleury de jeito nenhum. E no Rio, o Fleury, a senhora pode ver, tem quase nada. O negócio dele era São Paulo e os outros estados, e o comando lá não aceitava ele.

02:22:58 – NADJA BRAYNER – A ligação de Fleury seria com o Cenimar?

02:22:59 – CLÁUDIO GUERRA – É. Depois que ele rompeu...por quê que ele rompeu? Ele estava pegando din...ele recebeu dinheiro que era para, em tese, para todos, ele estava ficando pra ele só. Aí houve um rompimento com ele. E também ele não estava obedecendo às ordens. Quem combinou com o rompimento dele foi a prisão do Japa. Que o Japa tinha informações de onde estaria o Lamarca. Ai o Coronel Ustra queria apanhar ele , aí houve um choque e a partir daí, porque também já não tinha confiança, porque ele tava pegando a grana para ele, em lugar de entregar pra Irmandade, né? E ele não tinha mais. Então ele aí não tinha nada. E se ...o Exército não entregaria para ele fazer isso aí, não. Porque ...por isso que foi...eu continuo acreditando nos policiais meus que foram convocados. Eu não pude ir nessa diligência, que eu tinha responsabilidade de delegado no Espírito Santo, nesse dia eu tinha que estar no Espírito Santo, eles...mas ficaram com o coronel, o coronel foi na missão, e foi feito por eles. Que foi simulado? Pode ter sido. Mas sem o conhecimento dos dois policiais meus, que trabalhavam comigo. Porque eles podem ter sido...o coronel, a senhora vê que eu narro aí que ele estava avisando, então ele estava indo, ele que estava seguindo o carro, com outras pessoas e passando ‘oh, o carro tá chegando...o carro está em tal lugar!’, eles podem evidentemente ter saltado ali ‘oh, vai embora...’, agora, pela descrição que você está fazendo hoje, eu não estou entendendo também como que a Ranúzia estava do lado de fora. Como que ela não está queimada, então, é um...tiraram ela antes?

02:24:48 – NADJA BRAYNER – Ela não sofre queimadura.

02:24:49 – CLÁUDIO GUERRA – É. Agora, que segundo o tenente Paulo Jorge, como eu disse aí, quem matou Ranúzia, pode ser que eles tiraram ela ‘oh, você vai escapar...’, e, não, não tem explicação. Porque ele matou ela em seguida.

02:25:02 – NADJA BRAYNER – O que me intriga nisso é porque são dois documentos oficiais. O do CISA fala claramente da... do depoimento dela acerca das ações. Tanto é que ele listava essas ações a partir de declarações dos militantes. E esse daqui do Exército, que é muito detalhado. Com toda...

02:25:31 – CLÁUDIO GUERRA – Aí consta que eles foram presos

02:25:33 – NADJA BRAYNER – Foram presos, torturados...

02:25:37 – CLÁUDIO GUERRA – Mas fala que soltou?

02:25:38 – NADJA BRAYNER – Não.

02:25:39 – CLÁUDIO GUERRA – Pois é. Entendeu... aí ta...está caracterizado aí que foi uma armação, mas eu acho, feita por quem? Pelo serviço de informação, pela... pelo SNI. O Exército não iria entregar isso para um civil fazer de jeito nenhum! Entendeu? Então é dali mesmo, o comando... o próprio SNI é que fez, fez como? O Coronel Perdigão, que era o chefe da agência, era o operacional, era ele quem fazia... era o operacional da área, então foi, não tenho dúvida. A responsabilidade do DOI... não no...o Fleury aí ..nada a...

02:26:18 – NADJA BRAYNER –O senhor dá uma informação no seu livro a respeito disso e pronto. É como se tivesse o Exército tivesse a informação do encontro e foi lá e, enfim, metralhou o carro e carbonizou e tal, mas as informações aqui indicam que eles foram presos antes, com certeza torturados. Porque o PCBR não tinha mais nada. Quer dizer, o objetivo ali, aliás como todos os outros partidos, como no caso do PCB, que chegou um momento que era exterminar, como a APM, como...que não estava se prendendo mais para pegar informação, era operação liquidar mesmo, isso está expresso em vários documentos, inclusive. Aqui também é o mesmo caso. Não era a questão de manter ou querer saber mais alguma coisa não, era eliminar. Então é... aí...essas informações que tem aqui no seu livro, realmente, diante dessas colocações do CISA, do coisa, realmente, eles foram presos!

02:27:48 – CLÁUDIO GUERRA – Mas até agora, pra mim, a história é a que eu contei. Pra mim. Hoje eu estou tomando conhecimento que eles estavam presos, então eu chego à conclusão que foi mais uma armação também, igual foi a lá da Praça da Moema, igual foi a desse daqui. O pessoal tava preso, arrumaram um jeito de pessoa... igual, se trouxer o tenente Paulo Jorge, trouxer o Jair aqui, não tem como vir, mas se eles chegarem aqui eles vão falar ‘Não, eu estava lá pra poder matar duas pessoas que estavam vindo num carro’, é isso que eles vão falar.

02:28:26 – MANOEL MORAES – Mas, doutor Cláudio, veja...não sei se a inquietação de doutora Nadja é a mesma que a minha, só para esclarecer: na medida em que o senhor publica um livro, que é uma narrativa, naturalmente, é uma abordagem. E essa abordagem tem uma versão, certo? e que agora, digamos, através dessa documentação, não é, doutora Nadja? Traz uma outra possibilidade, não é, doutora Nadja? Veja, a partir do momento que essa documentação, esse documento sigiloso traz essa possibilidade de uma construção, né? De um teatrinho, como dizia...não é? Me diga como é que a gente vai poder discernir o que o senhor tem como uma versão...

02:29:09 – CLÁUDIO GUERRA – Uma informação...

02:29:10 – MANOEL MORAES – Uma informação, e o que é uma construção? Porque acho que essa é a inquietação que doutora Nadja tem. Porque na medida em que...

02:29:18 – CLÁUDIO GUERRA – É, doutora Nadja, o...a única maneira talvez de chegar...não, hoje tava caracterizando aí, se eles estava presos, foi uma armação! Hoje eu estou aqui...

02:29:30 – MANOEL MORAES – Reconhecendo.

02:29:32 – CLÁUDIO GUERRA – Hoje...não adiante que eu vou falar, não foi uma campanha...não, se eles estavam presos, levaram para fazer aquele teatro ali, mas sem o conhecimento dos dois policiais que estavam ali, igual eu não tinha conhecimento das coisas que eu ia fazer. Certo? Então, porque os policiais iriam sempre dizer que estavam ali numa campana, que veio um fusca e que eles metralharam. Eles iam dizer isso. Mas o coronel que estava...não, levou para acontecer isso. Mas o coronel está morto. Esses dois policiais estão mortos. Todos eliminados. Não ficou rastro. É...como poderia reconstruir isso? Só com...

02:30:15 – NADJA BRAYNER – A minha suposição, crível nesse caso, é que eles foram presos, foram torturados, foram mortos, foram levados para ali, e foi feito exatamente isso: tocou fogo no carro com aqueles três e a Ranúzia de fora. O porquê eu não sei. Aí eu não posso...Mas que essa versão que foi contada ao senhor por seus...pelas pessoas, seus agentes, não corresponde à realidade, pelo menos, está se confrontando...

02:30:57 – CLÁUDIO GUERRA – Mas se a senhora não tivesse essa informação que chegou sigilosa aí, esse aqui era a verdade. Porque houve, os jornais noticiaram, essas pessoas metralhadas ali, então se não tem essa informação, se não acha essa informação do Exército, a verdade que nós íamos saber é que morreram lá os quatro, morreram...

02:31:17 – MANOEL MORAES – Mas, é por isso que eu insisti com o senhor.

02:31:22 – CLÁUDIO GUERRA – Não...agora, eu entendo que foi um teatro montado.

02:31:27 – NADJA BRAYNER – Eu acho que ao lado desse objetivo de destruição das organizações, ainda entra, sem dúvida. Aquela coisa da coisa pessoal. Vamos dizer assim, da vingança. Porque no caso da Lurdinha, daqueles seis do PCBR, que eu me referi, ela, como era mulher do Paulo Pontes, e Teodomiro estava com Paulo, quando ao agente foi morto, ela foi... montaram, ali foi uma montagem, nós temos fotos, inclusive, que mostram a Lurdinha morta na sala, onde tem vários objetos inteiros. Balas na parede e alguns objetos inteiros, uma coisa que não tinha lógica de...como é que aquilo tinha ficado no lugar. E foi no dia do aniversário de Teodomiro, armaram em outro local, em Grajaú, foram em dois locais diferentes, e o caso da Lurdinha foi exatamente na rua que levava o nome do sargento que tinha sido eliminado. Quer dizer, são componentes que entram aí, a mais, além da violência...

02:32:48 – MANOEL MORAES – Nessa linha, doutor Cláudio, de investigação de como é que o SNI agia, e na troca de informações, no livro e em outros depoimentos, o senhor falou da Operação Condor. Há um registro, se eu não me engano se é seu, mas, enfim, de um espião duplo em Cuba. Que, inclusive, esse espião teria dado informações sobre o chamado Grupo Esperança, ou Operação esperança. O senhor já ouviu falar disso? Que seriam as pessoas que

foram treinar em Cuba? Inclusive, alguns deles foram ex-estudantes de Ibiúna? Já ouviu falar disso? Desse espião duplo? Quem era esse espião?

02:33:27 – CLÁUDIO GUERRA – Como é que é o nome?

02:33:28 – MANOEL MORAES – Parece que Operação Esperança. Ou era um Grupo Esperança, que era um grupo de estudantes que foram treinar em Cuba e que vocês teriam, em função da Operação Condor, um agente duplo em Cuba. Ele é que passava informações para vocês. O senhor tem informação disso? Quem é esse agente duplo em Cuba? Ou se havia essa infiltração?

02:33:50 – CLÁUDIO GUERRA – É...não era comigo, não, mas tinha um agente duplo sim.

02:33:53 – MANOEL MORAES – O senhor tem noção, notícia do que era...como é que chegavam essas informações de Cuba, desse...era um agente duplo ou infiltrado?

02:34:04 – CLÁUDIO GUERRA – Teve um...

02:34:06 – MANOEL MORAES – Era um militar ou era um...era um agente da CIA, qual..

02:34:09 – CLÁUDIO GUERRA – Não, não era militar...era um cubano...oh, meu Deus...cubano naturalizado americano, mas ele falava o português, o (...) também, cara altamente conhecido. Agora pra lembrar o nome...

02:34:29 – MANOEL MORAES – Porque Padre Ernani, ele deu um depoimento...o senhor pode falar perto do microfone, que eu acho que registra...

02:34:34 – CLÁUDIO GUERRA – Pois não, pois não!

02:34:35 – MANOEL MORAES – Padre Ernani chegou a dizer que, em uma circunstância de viagem, depoimento aqui à comissão, ele teria sido monitorado, inclusive, em Cuba. Seria por esse agente? Duplo?

02:24:50 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, é...tem muita coisa...é...o qual eu me resisto muito a falar sobre isso, porque tem muita contra-informação, tá? É... eles nominam, nominavam alguns políticos até, por (...), que teriam vendido, que teriam traído a causa. Eu acho leviano declinar isso aqui, porque, primeiro, eu ouvi. Eu não sei. Então seria leviano eu declinar isso aqui.

02:35:33 – MANOEL MORAES – Mas, por exemplo, dessas informações da Operação Condor, o senhor teria mais informações, de troca de informações dentro da América Latina?

02:35:41 – CLÁUDIO GUERRA – Tem algumas coisas. Que nós temos lá o Hotel Glória, teve uma reunião com todos... inclusive de Recife, tinha gente lá. Eu vou ver se eu consigo passar para vocês, pra Comissão o nome deles. Eu não, eu (...) isso, é só chegar lá que a gente vai mandar. É...teve uma reunião também em Itatiaia, num hotel em Itatiaia, eu não participei, mas pessoas do país inteiro participaram e do exterior. Essa do Hotel Glória eu estava, tinha...de todos os estados brasileiros tinham representantes, e do Paraguai, da Argentina, da América, da Inglaterra, todo mundo ali.

02:36:28 – MANOEL MORAES – Quer dizer que a Operação Condor era uma articulação nacional? Brasil com os outros países...

02:36:33 – CLÁUDIO GUERRA – Não...internacional.

02:36:35 – MANOEL MORAES – Internacional. Perdão. Mas eu digo, articulado a partir do Brasil?

02:36:38 – CLÁUDIO GUERRA – Teve uma pessoa que falou que começou aqui. Começou aqui, não. Aqui aderiu. Aderiu. É.

02:36:48 – MANOEL MORAES – Qual o papel da CIA na Operação Condor? O senhor teve contato com a CIA ou agentes da CIA?

02:36:52 – CLÁUDIO GUERRA – Tive. No Rio, São Paulo...

02:36:54 – MANOEL MORAES – Qual o contato que o senhor teve com a CIA?

02:36:56 – CLÁUDIO GUERRA – Da CIA os (...) recebiam armamentos deles,

02:37:00 – MANOEL MORAES – O senhor chegou a receber armamento deles? Até armamento?

02:37:01 – CLÁUDIO GUERRA – Recebi, recebi...

02:37:01 – MANOEL MORAES – Qual era o armamento que o senhor recebeu?

02:37:04 – CLÁUDIO GUERRA – Recebi AR-15, submetralhadoras...

02:37:06 – MANOEL MORAES – Mas como é que eles chegavam? Em caixas...

02:37:08 – CLÁUDIO GUERRA – Não, isso...é...chegava no aeroporto. Havia um comandante e que era, eu não consigo me lembrar o nome até hoje, ele era... só que eu lembro era que ele era irmão de um artista da Globo. Aí é só ver quem era irmão de um artista da Globo, nessa época, comandante da Varig, vai...chega a ele.

02:37:31 – MANOEL MORAES – Pela Varig, é? E o que mais o senhor tinha da CIA? Qual era...

02:37:38 – CLÁUDIO GUERRA – É. Eu tinha toda a ligação com essa gente. Eu tinha ligação, frequentava até a casa dele. Interessante é que ele permanece no Brasil até hoje, e hoje ele trabalha no setor de informação do INSS.

02:37:53 – MANOEL MORAES – Esse agente da CIA? O senhor ouviu falar de agentes da CIA dentro do Itamaraty?

02:37:57 – CLÁUDIO GUERRA – Hein?

02:37:58 – MANOEL MORAES – O senhor já ouviu falar de agentes da CIA dentro do Itamaraty?

02:38:02 – CLÁUDIO GUERRA – Já. Claro.

02:38:02 – MANOEL MORAES – E qual era o papel deles dentro do suporte da agência?

02:38:11 – CLÁUDIO GUERRA – Aqui na época da revolução? Ah... era... tudo o que precisava, porque nós não tínhamos material, sabe? De material de escuta...tudo era eles que forneciam.

02:38:27 – MANOEL MORAES – E falar sobre esse material de escuta, tanto do Élio Gáspari, do material coletado, por Marival, por Gilberto Prata, existe uma quantidade enorme de gravações. O que vocês faziam com essas gravações? Elas eram desculpadas, eram registradas, arquivadas...

02:38:48 – CLÁUDIO GUERRA – Não. A gente só...o operacional fazia as gravações, entregava para o comando pra ir para o grupo de análise, isso aí a gente não sabia o destino depois.

02:39:06 – ROBERTO FRANCA – Não...o assunto, é...se pudesse a gente trocar informações mais sobre a questão do Rio Centro. Eu estava só me recordando aqui no seu livro, mas eu me lembrava que os militares resolveram assumir a operação, excluíram civis, vamos dizer, no caso. E não sei se o senhor conhece esse livro “A Direita Explosiva no Brasil”, já ouviu falar?

02:39:31 – CLÁUDIO GUERRA – Não...não li ainda não.

02:39:32 – ROBERTO FRANCA – E esse livro fala de ações anteriores a 64, mas que fala da ação do Roberto Fortunato, o coronel, que juntamente com Hilário, teria preparado a bomba. No seu livro agora eu vi que faz uma referência de que não teria sido ele que preparou a bomba do Rio Centro. Mas que, nesse livro, é assumido pelo...é um material resumido pelo filho do Coronel Fortunato. É um livro muito interessante também, já antigo, a edição é antiga. Mas aqui há uma parte que Roberto Fortunato “ressalta que, durante todo o tempo em que atuou na vanguarda do grupo secreto, apenas uma única vez, um petardo preparado por ele próprio, com a ajuda do Hilário José Colares não detonou”. Que foi a questão do Rio Centro. Parece que o senhor tem uma interpretação sobre aquela explosão. O que é que teria ocasionado a antecipação da explosão. E aqui tem uma interpretação também do que poderia ter ocorrido, mas aqui pra mim é mais ou menos, Grego, que fala...é... “nós fazíamos teste de espoleta elétrica utilizando um galvanômetro. Colocávamos a espoleta num anteparo de aço e verificávamos se o circuito estava correto. Muitas explodiam, mas é preciso que tenha eletricidade, do contrário, não dá”. Enfim, sobre essa questão da explosão da bomba, e sobre a participação também, me parece, do Perdigão, no comando dessa operação militar.

02:41:12 – CLÁUDIO GUERRA – Quem era o comandante era o Perdigão. Ele comandava. O que é que eu conheço da operação. A minha...eu estava comandando uma equipe, que iria prender pessoas que o Coronel Perdigão tinha já, ali, no local, que eram, me parece, da Vila Palmares. Que tinham sido pichadas até as placas já com os nomes das siglas das pessoas que iam ser responsabilizadas. Então eu estava com a equipe do DGE, o pessoal do Departamento Geral de Investigações Especiais lá do Rio. Essa equipe é a encarregada de fazer perícia de bomba. Então a minha função era prender algumas pessoas. E, acompanhando o comboio que saiu da PE, do Exército, com o sargento Rosário, com o capitão, hoje coronel que mora em Brasília, num to lembrando o nome, e mais outras pessoas, que não dá para nominar aqui, mas eu já falei, Jupina...tinha várias outras pessoas. Pronto. O que é que ocorreu ali? Tinham várias equipes que estavam colocando, iam colocar os artefatos. Essa que estava com...quem era perito, era o sargento Rosário, o capitão não sabia nada de explosivos. Uma coisa que está no

livro aí é que era uma espoleta elétrica. Era uma espoleta elétrica. Qual foi o erro que possibilitou não haver uma grande tragédia, que iriam morrer vários artistas ali, que eles iam colocar aquilo debaixo do palco. Pararam o carro, debaixo de uma alta tensão, e num manusear ali de compor a espoleta elétrica, fechou a corrente e houve a explosão. Foi a corrente elétrica, debaixo de uma alta tensão, você vê o carmagui estava debaixo de um poste de ferro. Fechou a corrente ali e houve a detonação. A bomba estava no colo dele aqui. Ele morreu e o cara que estava do lado, que era o capitão, não morreu. Ele só teve lesões, foi operado depois. E aí...escapou. Mas houve um erro ali. Ali foi uma operação toda montada com muito cuidado, com a participação do Coronel Siqueira, que era o secretário de segurança, me parece, do Rio. Ele, do gabinete do SNI, de Brasília, ele ligou para o Comando da PE, mandou tirar todo o policiamento. Não tinha as portas...como é que é...a chefe de segurança não era uma mulher? Não sei o nome dela. Tinha vedado as portas todas, quer dizer, ia ser um desastre enorme. Não tinha ambulância no local. Tinha...quer dizer, preparado para uma tragédia mesmo, né? E não ocorreu por causa desse incidente, a falta de conhecimento do capitão de ter parado um artefato de espoleta elétrica num lugar que fechava corrente. Foi isso aí que causou o acidente ali e graças a Deus não morreram pessoas inocentes.

02:44:46 – MANOEL MORAES – Mais alguma pergunta? Doutor Cláudio, o senhor já chegou a receber um material como esse? Deixa eu lhe mostrar...

02:44:55 – CLÁUDIO GUERRA – Não. (...) do SNI. Não nunca recebi, não.

02:45:08 – MANOEL MORAES – (Falando ao fundo, fora do microfone) Mas aqui fala, nesse documento, lá na página 197, ele fala...é...do clero, da Igreja Católica. E ele fala assim “partidos comunistas e seus aliados” e lá na frente, ele mapeia alguns do clero progressista, que seriam aliados do partido comunista, e neles cita textualmente assim “No momento, o Clero está dividido em duas correntes. Uma formada pelos conservadores, que se mantém fiéis a suas tradições religiosas, e a outra chamada “progressistas”, entre aspas, representada por padres e bispos de esquerda. Tais como Dom Evaristo Arns, Dom Helder Câmara, Dom Adriano Hipólito, Dom Pedro Casadágua, que têm manifestado publicamente suas posições de apoio aos comunistas, com ligações à organizações internacionais”. Essas informações, eu estou indo para os “finalmente”, tem algumas questões mais de fechamento de nossa...de sua colaboração nesse dia tão importante para a comissão. A nossa Comissão é Dom Hélder Câmara. O senhor tem alguma informação sobre atentados contra Dom Hélder? Ou como é que a repressão entendia a presença de Dom Helder em Recife?

02:46:32 – CLÁUDIO GUERRA – Olha é...eu não sei dos atentados, eu sei que ele era tido como inimigo por...vou me referir, por nós, naquela época o grupo considera inimigo mesmo, né?

02:46:43 – MANOEL MORAES – E ele representava para vocês, na época, uma ameaça?

02:46:45 – CLÁUDIO GUERRA – Era uma ameaça.

02:46:47 – MANOEL MORAES – E o senhor já ouviu falar dos vetos que a ditadura militar fez ao Prêmio Nobel da Paz a Dom Hélder?

02:46:53 – CLÁUDIO GUERRA – Como?

02:46:55 – MANOEL MORAES – Dom Helder Câmara foi indicado três vezes ao Prêmio Nobel e aconteceram vetos. O senhor ouviu falar de alguma coisa sobre isso? Do estado brasileiro, o senhor chegou a ter alguma notícia sobre isso?

02:47:00 – CLÁUDIO GUERRA – Não. Não tenho informação.

02:47:07 – MANOEL MORAES – E desses, digamos, desse mapeamento do SNI, esse documento é de 81, eram produzidos documentos como esse, que mapeavam, etc., o senhor colaborou com documentos parecidos?

02:47:21 – CLÁUDIO GUERRA – Não. No mapeamento, não. Mas é...na divulgação de contra-informação contra uns desses aí, eu já trabalhei. No acesso mesmo no Convento da Penha, não é lá que tem uma festa da Penha, que é famosa? É...eu recebi ordens de distribuir uns panfletos, eu não lembro nem o conteúdo, tem tempo, mas era contando as histórias sujas da Igreja Católica e foi distribuído dentro da festa da Penha, pra tumultuar o evento. Isso foi feito por, isso aí foi uma das ações que eu lembro, que eu participei, e teve, que eu tenho conhecimento de quem fez, o espancamento e aquela coisa, que deixou aquele padre...um padre lá do Rio, que abandonou...isso aí eu conheço, a bomba, depois...isso aí eu conheço aí...a história. Embora não foi eu, eu conheço.

02:48:15 – MANOEL MORAES – Hipólito, Padre Hipólito. Doutor Cláudio, veja, nós estamos encerrando, eu acredito...ah doutor Áureo...

02:48:26 – ÁUREO – Voltando ao caso de Fernando Santa Cruz, e Collier, Eduardo Collier. Eu queria entender porque Fernando foi preso no Rio, a família teve notícias dele em São Paulo, através ou a mãe ou a irmã perguntou ao Marechal, é de Fernando Santa Cruz Oliveira, aí então confirmou que estava lá.

02:49:01 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, o...

02:49:05 – ÁUREO – E, no livro do senhor, o senhor fala que ele foi jogado nessa usina. Como é que se justifica, levar do Rio para São Paulo, de São Paulo para o Rio...

02:49:18 – CLÁUDIO GUERRA – Olha, o intercâmbio Rio-São Paulo de troca de presos, políticos, era muito, né? É... o próprio Severa estava preso em São Paulo, foi levado para São Paulo e depois foi para o Rio, lá para a casa da morte, para poder sumir com ele, né? Aí eu vou falar por analogia, não sei se aconteceu. Ele por... ele pode muito bem ter sido levado para o Calandra e ter sido interrogado, que ele tinha interesse na coisa; levaram de São Paulo para interrogatório, e lá, a exemplo dos outros que chegavam mais morto do que vivo, levado para a casa da morte e para a PE, e dali, levado para o crematório. Para o crematório, para a usina para ser cremado. Eles podem ter ido a São Paulo realmente. No... que foram presos em Copacabana, isso eu tenho certeza. Mas que dali foram lá para a coisa, pode ter feito esse caminho, ter levado a São Paulo para interrogar, sobre casos lá de São Paulo, e voltado para o Rio. Pode muito bem ter acontecido isso. Agora que foi eles ali no Rio que foram cremados, no Rio, foi.

02:50:36 – MANOEL MORAES – Doutor Cláudio, então, nesse sentido, nós queríamos pedir ao senhor...o senhor poderia dizer ou declinar de nomes de pessoas que o senhor acredita, porque o senhor nesse depoimento, o senhor já colocou vários nomes que o senhor acha importante. O senhor como investigador que também o é, que nomes o senhor acrescentaria para

a Comissão de Pernambuco ouvir, digamos assim, que o senhor acha relevante e que, principalmente, que pudessem ter documentos, porque como o senhor percebe, as narrativas podem ser construídas. Não é? Professora Socorro chama muito a atenção da gente para isso. Construções que são naturais. Agora, os documentos, eles são fundamentais. Porque eles são a prova do momento, materializam uma informação, e podem ajudar na investigação desse resgate histórico. O senhor teria pessoas que tivessem documentos ou depoimentos que o senhor acredita que fossem relevantes para a Comissão contatar sobre todos esses casos que nós fizemos? Aqui de Pernambuco? Que relatamos

02:51:41 – CLÁUDIO GUERRA – Olha... eu pretendo fornecer mais alguns dados para a Comissão, o que eu puder fazer. Os nomes dos policiais aqui, que estiveram em reuniões, tudo, eu vou tentar...eu vou tentar, não. Vou conseguir e vou estar mandando para a Comissão. De antemão aqui, eu não vou poder agora declinar nomes, não seria...deixa...eu me comprometo sim, de trazer o que eu puder trazer, tipo esse agente que conhece, que tem documentos da escuderia, que comprovam a ida das pessoas daqui lá, é...a relação das pessoas que estavam no Hotel Glória, também eu vou mandar, né? Então, vai trazer subsídios para aí, agora...o...se tiver, eu vou tentar...se já tiver liberado, eu creio que meu indulto deve sair por esses dias, eu vou abordar o coronel, o Pablo. Mas se os senhores tiverem como chegar nele, não se os senhores chegando, ele vai falar. Mas eu creio que, se tiver uma possibilidade de ir até ele, a gente vai se entender, ele vai falar.

02:53:01 – MANOEL MORAES – Doutor Cláudio, de minha parte, muitíssimo obrigado. Com a palavra, doutor Fernando, que encerra essa sessão. Eu gostaria de agradecer muito, em nome da relatoria.

02:53:09 – ROBERTO FRANCA – Só para concluir, porque foi uma observação que foi feita. Quando o doutor Cláudio se referiu à prisão de Fernando, disse assim ‘ele foi preso em Copacabana’, e referiu esse termo ‘Copacabana’ e não Rio de Janeiro. Isso é uma informação adicional ou é por extensão...

02:53:27 – CLÁUDIO GUERRA – Não, é não...é porque eu li em alguns relatórios que ele teria sido preso em Copacabana. Foram pegos juntos. Acho que eles iam para alguma coisa, eu não estou assim bem lembrando... parecia que era um encontro...

02:53:45 – ROBERTO FRANCA – Porque só a expressão ‘Copacabana’ é...

02:53:48 – CLÁUDIO GUERRA – Não...eu, eu poso fornecer o nome da rua, é porque eu não anotei nada aqui. Mas eu posso fornecer. Eu para ele, eu passo para ele...ele me cobra, né? Eu passo pra ele.

02:54:01 – ROBERTO FRANCA – Ah, está certo. Obrigado.

02:54:03 – FERNANDO COELHO – Antes de concluir, eu queria agradecer a presença do doutor Perli, aqui, que nos honrou durante todo esse dia de trabalho, e facultar a palavra se ele quiser fazer alguma observação.

02:54:22 – PERLI CIPRIANO – É...boa tarde a todos. E primeiro, doutor Fernando Coelho...eu quero agradecer a possibilidade de estar aqui, e quero dizer que parabéns pelo trabalho dessa Comissão. Essa Comissão vai ser a Comissão que vai ser o norte no Brasil, no

ponto de vista do trabalho regional. A Nacional tem uma função que ela não pode descer a determinados detalhes, vocês podem. É um desafio muito grande, a equipe é muito importante, muito consciente, o Governador dá apoio. Em São Paulo, existe uma comissão da Assembléia. Mas é da Assembléia, não é do Executivo. Portanto, ela não tem estrutura, a estrutura é da Assembléia. Então eu quero só parabenizar por esse trabalho, considero que foi importante a vinda do Cláudio, e as perguntas foram todas elas pertinentes. Naturalmente, nem todas as respostas podem atender, mas é bom continuar esse diálogo, e, principalmente, saber que é uma área difícil, a gente vai conseguir a verdade através dos documentos que nós vamos encontrando, a versão daqueles que foram vítimas do regime militar, e também daqueles que participaram do outro lado. E quando o Cláudio se dispôs a fazer esse depoimento dele, eu deparei com muitas pessoas da esquerda que falaram ‘não vale a pena fazer isso! Pra quê isso? Deixa isso de lado!’. Mas a gente tem de ter confiança, e direitos humanos é assim. Tem de acreditar na possibilidade. Acho que ele traz uma contribuição importante. Esse livro eu já disse pra ele várias vezes, se tiver só um por cento do que está ali, já está bom demais. Eu falo com ele com certeza e eu vi aqui os depoimentos sobre o Aleixo. Falei com ele, ‘Olha, sobre o Aleixo, você vai...já tem contestação da família e da organização dele.’ Ele falou ‘É, mas eu não quero que acreditem no que eu estou falando. Eu quero apenas que investiguem o que eu estou dizendo e, se necessário, façam o confronto.’. E eu o alertei muitas vezes. Falei ‘Olha, você só vai ganhar risco na sua vida! Nenhum centavo. Porque no Brasil não tem anistia para pessoas que fazem essa...na África do Sul, sim, aqui, não!’. Falei com ele da importância que tinha para ele, para o Brasil para as outras pessoas. E vocês terem ouvido com essa atenção, eu quero que lhes dizer que, certamente, essa vai ser a Comissão que vai nortear o Brasil nessa discussão. Não estou fazendo discussão da Nacional...Nacional eu pretendo até mandar uma correspondência que eu acho que a Nacional tem de invocar basicamente em mortos e desaparecidos. As outras partes devem ser tratadas também, mas essa se vai mudar o nome de uma ponte, Costa e Silva, isso aí se fizer daqui a dois, três, quatro, cinco anos, acho que dá para fazer. Agora, essa questão dos mortos e desaparecidos, eu senti aqui de vocês essa preocupação central. Eu quero só agradecer aos senhores e dizer que fico muito feliz. Já estive aqui nesse estado, já fui preso, já fui torturado, cumpri pena. E sei que vale a pena lutar. Vocês estão fazendo um trabalho muito importante. Quero dizer que eu me sinto orgulhoso de estar aqui nessa, e já disse aqui, vou levar toda a experiência que vocês tiverem aqui, porque nós criamos uma comissão e ainda não foi dada a posse à ela. Tomara que ela faça a metade do que vocês estão fazendo e eu acho que vai ser muito importante. Portanto, parabéns, sucesso! Continuem que vocês vão nortear esse Brasil nesse trabalho. Não vão competir com a Comissão Nacional, ela tem sua função, seus métodos, mas vocês estão apontando o caminho correto. Vocês têm...eu quero, então só dizer, estou muito feliz aqui e desejar muito sucesso a vocês. E se puder, voltarei outras vezes aqui. Muito obrigado.

02:58:09 – MANOEL MORAES – E eu queria aproveitar, Perli, dizer a doutor Fernando que já existe uma proposta no nosso calendário da ouvida de Perli, porque como ele próprio disse, é um preso-político, ficou dez anos preso em Itamaracá. Então nós vamos ter momento de ter uma sessão pública para ouvi-lo e você puder também trazer a contribuição, né?_Já existe essa proposta.

02:58:28 – FERNANDO COELHO – Eu queria ainda facultar a palavra ao doutor Cláudio Guerra para ver se tiver algumas observações finais que queira fazer, fazê-lo.

02:58:41 – CLÁUDIO GUERRA – Pois não. É... dizer hoje que eu estou alegre e poder estar...que vivi tanto tempo no lado errado, e de hoje poder estar fazendo a coisa certa. E isso somente é possível porque eu um dia acreditei na presença de Deus na minha vida. Que eu não conhecia. E vou continuar tentando colaborar. Eu sei igual ao Perli fez, prêmio nenhum. Nunca pedi nada em troca porque nada vai pagar uma vida humana. E o que eu posso arrumar de coisa aí é base de cadeia, porque é crime permanente, eu entendo, eu sou bacharel em Direito. Eu entendo que os que sumiram, desapareceram, é crime permanente. Então pode haver processo criminal ainda contra mim e contra aqueles outros. Mas eu aconselho, agradeço e procuro ver a inteligência que a Comissão está usando aqui, de não estar ameaçando ninguém. Porque na Comissão Nacional, a Procuradoria da República quando eu fui ouvido por eles, tinham vários companheiros meus que estavam dispostos a dar informação. Saiu nas manchetes lá que a Procuradoria da República ia processar porque é crime permanente e coisa, assustou todo mundo, aí desarticulou. Mas do jeito que a Comissão está agindo aqui, vocês vão conseguir sucesso, e eu rogo a Deus para que aconteça assim. E obrigado por ter me recebido tão bem aí, e pode contar que eu vou trazer mais coisas que possam ajudar na elucidação da verdade. Que é isso só que nós queremos. Ah... Um pedido só. Eu gostaria se for possível, um documento de que eu estive aqui para justificar, para apresentar lá e se eu fui de alguma utilidade, o que é que eu fiz aqui, para entregar à juíza lá, que eu ainda estou na responsabilidade dela.

03:00:51 – MANOEL MORAES – Claro. Nós já enviamos, inclusive, a documentação da sua presença, tanto que ela fez a autorização de sua vinda, mas a gente pode também encaminhar um documento fazendo esse relato da sua... Eu, particularmente, eu acho em nome de toda a comissão, acho que a sua presença aqui foi inestimável, contribuição imensa. Eu acredito que o que o senhor tem feito através da sua publicação, do livro, dos seus depoimentos, é de fato um incentivo a outras pessoas, como o senhor disse, que colaboraram e venham a colaborar. E nós acreditamos, enquanto Comissão, não é doutor Fernando? Que essa é uma das missões da Comissão. Um dos pilares da Justiça de Transição é permitir com que essa verdade seja revelada para que nunca se repita e que isso não aconteça novamente. Então, passo a palavra ao doutor Fernando para encerrar.

03:01:41 – FERNANDO COELHO – Antes de encerrar, ainda uma notícia que eu acabo de receber, agora, por telefone. O jornalista Audálio Dantas, que esteve aqui já, inclusive, conosco na Comissão, comunica por telefone, que foi escolhido presidente da Comissão Nacional da Verdade dos Jornalistas. Mandou um abraço para todos daqui da Comissão, e eu, apesar da hora, mas ouvi a notícia que a todos nós agrada, é um amigo nosso não é? E uma pessoa que vem desenvolvendo um trabalho importantíssimo também nessa área. Agora mesmo acaba de publicar o livro sobre o assassinato de Vladimir Herzog, que está tendo repercussão nacional e que ele lançou aqui no Recife, por iniciativa também nossa, da Comissão. E queria, afinal, fazer esse registro, que vai constar porque toda a sessão foi gravada. Eu queria agradecer ao doutor Cláudio Guerra que eu acho que ele, não digo que ultimou, mas acrescentou muito à colaboração, à contribuição que já vem dando ao esclarecimento da verdade, no livro que todos nós lemos e tem sido um roteiro em muitos dos nossos trabalhos. Agradecer a contribuição que vem dando, ao doutor Perli também, a todos os presentes, porque o nosso objetivo e é o objetivo comum, é encontrar a verdade. Nós temos plena consciência de que fazemos parte de um processo, e esse processo esperamos que, através da verdade, chegue um dia à Justiça. Muito obrigado a todos, está encerrada a sessão.-----



COMISSÃO ESTADUAL DA

**MEMÓRIA
E VERDADE**

DOM HELDER CÂMARA
